

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE GEOGRAFIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: GEOGRAFIA E GESTÃO DO TERRITÓRIO**

**O MITO DE CHICO XAVIER: OS USOS, APROPRIAÇÕES E  
SEDUÇÕES DO SIMBÓLICO EM UBERABA/MG**

**BETHÂNIA ALVES DE MENEZES**

Uberlândia/MG

2006

**BETHÂNIA ALVES DE MENEZES**

**O MITO DE CHICO XAVIER: OS USOS, APROPRIAÇÕES E  
SEDUÇÕES DO SIMBÓLICO EM UBERABA/MG**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Geografia e Gestão do Território.

Orientador: Prof. Dr. Rosselvelt José Santos

Uberlândia/MG

INSTITUTO DE GEOGRAFIA

2006

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de  
Catalogação e Classificação

M543m Menezes, Bethânia Alves de, 1981-  
O mito de Chico Xavier : usos, apropriações e seduções do simbólico  
em Uberaba/MG / Bethânia Alves de Menezes. - Uberlândia, 2006.  
193f. : il.  
Orientador: Rosselvelt José Santos.  
DISSERTAÇÃO (MESTRADO) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
UBERLÂNDIA, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
GEOGRAFIA.

Inclui bibliografia.

1. Xavier, Francisco Cândido, 1910-2002 - Crítica e interpretação -  
Teses. 2. Espiritismo - Uberaba (MG) - Teses. 3. Religião e geografia -  
Teses. 4. Geografia cultural - Teses. I. Rosselvelt, José Santos. II. Univer-  
sidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação Geografia.  
III. Título.

CDU: 291.211

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**Bethânia Alves de Menezes**

**O MITO DE CHICO XAVIER: OS USOS, APROPRIAÇÕES E  
SEDUÇÕES DO SIMBÓLICO EM UBERABA/MG**

---

Professor Dr. Rosselvelt José dos Santos (Orientador).

---

Professora Dra. Zeny Rosendahl – UERJ.

---

Professor Dr. João Marcos Alem – UFU.

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

Aos meus pais e irmã,  
pelo estímulo,  
carinho e compreensão.

## AGRADECIMENTOS

Parece um sonho chegar ao final dessa etapa. Sonho este compartilhado dia-a-dia com minha família, amigos distantes, amigas de pensão, companheiros de república e de trabalho, e principalmente, com os amigos do Laboratório de Geografia Cultural e Turismo.

Foram mais de dois anos de muitas dúvidas, angústias, nervosismo e preocupações. Muitas noites mal dormidas. Infinitas leituras e reflexões. Um ritual cotidiano. Muitas coisas aconteceram nesses anos de Mestrado. Muitas amizades feitas. Outras deixadas para trás (amigos e professores da graduação da Unesp de Presidente Prudente/SP).

No início, parecia um sonho voltar a morar e estudar próximo de casa (a família reside em Frutal/MG, localizada a aproximadamente 180 km de Uberlândia) e continuar no caminho acadêmico, em busca de títulos e prestígio. Muitas pessoas são responsáveis por essa vitória. Prefiro não citar seus nomes, pois não gostaria de cometer um deslize, deixando de citar algum.

Dedico este trabalho a todos que confiaram em mim, no meu potencial intelectual, pois muitas vezes, com receio, eu mesma duvidava que chegasse até aqui.

Primeiramente quero agradecer a Deus, pela força, perseverança e fé.

A minha família, que soube compreender por diversas vezes as minhas ausências e crises de nervos, acreditando sempre que eu conseguiria.

Ao professor Rosselvelt, pela amizade, orientação e “puxões de orelha”; sua perseverança foi fundamental.

Ao meu namorado, Victor, por me acompanhar nos momentos finais dessa etapa com amor, diálogo, amizade e companheirismo.

Aos amigos do Laboratório de Geografia Cultural e Turismo, pelo acolhimento e apoio, dia após dia de trabalho, principalmente em conversas virtuais, auxiliando-me à distância, quando tive que me mudar para longe, a trabalho.

A todos os meus amigos do Mestrado, que de alguma forma estão presentes neste trabalho, com suas contribuições durante o período de curso das disciplinas (“Turismo e Espaço: os usos do rural e do urbano”; “Cidade e Redes”; “Epistemologia e Ensino de Geografia” e “Produção da cidade”) e, alguns outros, após esse período, mantendo contato por e-mail.

À professora Beatriz, pelas várias “dicas”, e também pelos empréstimos de vários materiais bibliográficos.

Aos Professores Marcos Alem, Júlio César Ramires e Beatriz Soares, que participaram das bancas de defesa de projetos e de qualificação, obrigada pelas contribuições.

Aos meus amigos de Frutal/MG e Presidente Prudente/SP, que por várias vezes ouviram meus desabafos e confortaram-me mesmo à distância.

À minha orientadora de graduação a Professora Claudemira Azevedo Ito por toda atenção e apoio prestado, e principalmente por ter sido a primeira a acreditar que eu conseguiria cursar o Mestrado.

Ao Doutor Anderson Abdulmassih Wood da Silva, por me devolver o ânimo para continuar na pesquisa, após a assistência médica e cirúrgica.

Ao pessoal do pensionato, em especial “aos meus pais de Uberlândia”, na figura de dona Edna e do senhor Carlos, pelo acolhimento em sua casa e pelo carinho.

À Coordenação e a toda a equipe do Curso de Pós-graduação em Geografia, pelos atendimentos e informações.

Aos meus tios de Uberaba/MG, Ivaldira e Ranolfo, à minha grande amiga Leuzana, por sempre me acolherem nos períodos de realizações dos trabalhos de campo.

Às minhas amigas, Denise e Leuzana, por participarem em alguns trabalhos de campos, coletando informações e realizando o levantamento do material fotográfico.

Aos amigos que fiz durante a realização dos trabalhos de campo e aquisição dos dados em especial a Eurípides (filho do Chico Xavier) e a Mônica (secretária do Museu do Chico Xavier), e a outros espíritas, que me contaram inúmeros “casos” sobre o “Chico”.

Ao meu amigo espírita e “frutalense”, o senhor Leonel Varanda, pelos contatos fornecidos, as informações, as contribuições na pesquisa e, principalmente, pela amizade.

Ao pessoal da Diretoria de Ensino de Capivari e escolas, às quais eu trabalhei (Cônego e Januária) muito obrigada pela compreensão.

Aos demais informantes-chaves, que também mantiveram um laço de amizade.

A todos, os meus mais sinceros agradecimentos. Foi por vocês que mantive a fé.



## **Cada Pessoa**

Cada Pessoa  
é aquilo que crê;  
fala do que gosta: retém o que procura;  
ensina o que aprende;  
tem o que dá  
e vale o que faz.

É sempre fácil, portanto,  
para cada um de nós  
reconhecer  
os esquemas de vivência em que nos colocamos.

*Emmanuel*

(Mensagem do livro “Agora é o tempo”, psicografado por Chico Xavier)

## MENSAGEM

### SAUDANDO UBERABA\*

Uberaba querida, o tempo avança...  
E enquanto o tempo a vida nos revela,  
Surges da vida cada vez mais bela,  
Por cidade da luz e da esperança.

De teu povo conservo na lembrança  
A bondade sem par que te modela  
A excelsa vocação de sentinela  
Do trabalho, da paz e da abastança!...

Quem contigo algum dia se conforte,  
Inda mesmo seguindo, além da morte,  
Jamais te esquece os lúcidos cadinhos...

Deus te guarde, Uberaba, ativa e ardente,  
Desde as estrelas do teu céu ridente  
Ao coração formoso de teus filhos!...

*Arlindo Costa*

(Soneto recebido pelo médium Francisco Candido Xavier, em sessão pública na noite de 31-10-58, no Centro Espírita “Vicente Paulo”, em Uberaba, em Estado de Minas Gerais).

---

\* BACCELLI, C.A. Espiritismo em Uberaba. Op. cit., pg.83.

## RESUMO

A pesquisa é resultado de questionamentos realizados em torno do simbolismo implícitos na imagem do médium Chico Xavier, a partir dos espaços usados e apropriados por ele na difusão do Espiritismo Cristão em Uberaba/MG. Tem como objetivo decifrar os conteúdos dos espaços criados a partir da doutrina espírita, envolvendo a pessoa do médium que consistem em compreender os processos de sacralização de espaços, mesmo após a sua morte. O problema central da pesquisa em questão é o espaço do mito. Tomam-se como ponto fundamental de análise alguns teóricos do espaço e desloca-se a mesma análise do espaço social para o espaço sagrado; procedimento este compartilhado por diversas correntes das ciências sociais. Analisadas as estruturas, as formas e os conteúdos da unidade de análise do espaço, enfatizam-se os processos de organização social, até atingir as posições concretas das pessoas que continuam a obra do mito e das organizações, ou seja, os espaços apropriados como: a casa e/ou museu, a livraria, o centro espírita, o grupo assistencial e, por fim, o mausoléu. Assim, foi possível decifrar os lugares a partir dos usos e apropriações estabelecidas pelo médium e por seu público demonstrando as práticas sociais demandadas na estruturação do Espiritismo. Embora seja evidente sua imagem de mito, busca-se analisar nos legados do médium e em seus seguidores, além das formas de apropriação desses espaços e da difusão de seus ensinamentos.

Palavras-chaves: Mito, espaços sagrados, práticas sociais, lugares e Espiritismo.

## ABSTRACT

The research is a result of the questions made around the implicit symbols in the image of the medium Chico Xavier, starting in the places used and appropriated for him in the spread of Christian Spiritism in Uberaba/MG. It has as objective to define the contents in the created places for this kind of religion involving the person of the medium that consists in understanding the processes of sacred places, even after his death. The central topic of this research is the figure of myth. It takes as fundamental focus of analysis some writers of places and we change the same analysis of social and sacred places, procedure shared with different social sciences. After analysing the structures, the forms and the contents of the analysis of place, we emphasize the processes of social organization until we reach the real position of the people who continue the work of myth and the organizations, there is, the appropriate place, like: the house, the museum, the book shop, the spiritual center, the assistential group and even the mausoleum. Thus, it was possible to decode the places from the uses and appropriations established by the medium and his public demonstrating the social practices in the structure of Spiritism. However, it is evident the image of myth, we try to analyse the legacy of the medium and in his followers, besides the forms of appropriations of these places and of the spread of his teaching.

Key-words: Myth, sacred places, social practices, places and Spiritism.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO 1 DE UM LADO A IGREJA, DO OUTRO O CENTRO ESPÍRITA: OS ENCONTROS E DESENCONTROS DAS RELIGIÕES CATÓLICAS E ESPÍRITAS NO ESPAÇO E NO TEMPO EM UBERABA/MG.....	31
1.1 Evolução histórica do município de Uberaba/MG.....	32
1.2 O Catolicismo como fundamento da ética e da moral do município de Uberaba/MG.....	42
1.3 A origem do Espiritismo em Uberaba/MG.....	49
1.4 O pluralismo e a diversidade religiosa como fator cultural em Uberaba/MG.....	56
CAPITULO 2 TRAJETÓRIAS DO MITO: DA FAMÍLIA CATÓLICA À MISSÃO DE DIFUSOR DO ESPIRITISMO.....	70
2.1 Do Catolicismo ao Espiritismo – As trajetórias religiosas do mito Chico Xavier.....	71
2.2 De homem a mito: Os fatos e relatos que transformaram Chico Xavier na referência religiosa do Espiritismo em Uberaba/MG.....	92
CAPITULO 3 CHICO XAVIER EM UBERABA/MG:OS USOS E AS APROPRIAÇÕES DOS ESPAÇOS SAGRADOS.....	109
3.1 O Espiritismo e os espaços sagrados em Uberaba/MG: Algumas reflexões.....	110
3.2 Sentidos, significados e representações dos espaços apropriados por Chico Xavier.....	119
3.2.1 Cenários e representações do espaço vivido: estratégias de manutenção do mito.....	123
3.2.2 Grupo Assistencial Chico Xavier – Caridade em favor do próximo.....	135
3.2.3 Lugares sagrados: mistificação e sacralização de idéias e pensamentos de Chico Xavier - Centro Espírita da Prece, o lugar da oração.....	143
3.2.4 A última morada terrena: O mausoléu de Chico Xavier - (Cemitério São João Batista, em Uberaba/MG).....	153
3.2.5 Memória e Memorial de Chico Xavier: Eternização do mito.....	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	171
ANEXO – Projeto do Memorial Chico Xavier.....	186

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de localização do município de Uberaba/MG.....	41
Figura 2 - Folder de homenagem a Nossa Senhora da Abadia dedicada por Chico Xavier – Padroeira de Uberaba/MG – Representação do pluralismo religioso - Imagens de Jesus, Nossa Senhora e Chico Xavier - Visualização da frente da homenagem.....	99
Figura 3 - Folder com saudação que Chico Xavier dedicou a Nossa Senhora da Abadia – Padroeira de Uberaba/MG - Visualização do verso da homenagem .....	100
Figura 4: Pintura de Jesus e Chico Xavier: Quadro presente no museu que retrata sua adoração de pelo Cristo: Um entre diversos dos símbolos de seu sincretismo religioso presente nos espaços.....	102
Figura 5 - Atendimento na livraria – movimento declinou muito após a morte de Chico Xavier – segundo depoimento de Mônica, a secretária da livraria.....	117
Figura 6 - Foto de um dos quartos do museu, adaptado para receber os visitantes – as estantes de livros, a cama arrumada, objetos pessoais, tudo para exposição.....	125
Figura 7 - Quarto em que Chico Xavier passou seus últimos dias de vida – “Tudo permanece como ele deixou” – exposição de objetos pessoais.....	126
Figura 8 - Foto da livraria espírita que divide espaço com o museu – Local onde podem ser encontrados diversos artigos religiosos, bem como muitos dos livros psicografados por Chico Xavier.....	128
Figuras 9 e 10 - Sala e ante sala do museu – exposição de seus pertences, livros e mensagens – Forte referência do pluralismo religioso de Chico Xavier.....	129
Figura 11 - Rol de entrada do museu Chico Xavier: Fotos de pessoas comuns, artistas, mensagens espíritas, entre outras homenagens ao mito.....	130
Figuras 12 e 13 - Esboço da caricatura em cobre e estante com prêmios recebidos por Chico Xavier – Museu.....	131
Figura 14 - Quarto com as boinas e quadros que caracterizam o pluralismo religioso de Chico Xavier.....	132
Figuras 15 e 16 - Visão das salas por outro ângulo – Representação do pluralismo religioso de Chico Xavier.....	133

Figura 17 – Mapa de localização da Livraria e do Museu Chico Xavier.....	134
Figura 18 - Entrada principal do Grupo Assistencial em setembro de 2005 – Em fase de construção e ampliação.....	136
Figura 19 - Pessoas do grupo de assistência e visitantes – em todas as quintas feiras há mutirão de preparação da sopa, e aos sábados há trabalhos de assistência espiritual do grupo.....	137
Figura 20 - Equipe trabalhando no preparo da sopa da caridade – Vista da cozinha do Refeitório, nova extensão do Grupo Assistencial Chico Xavier.....	139
Figuras 21 e 22 - Vista da fachada do Grupo Assistencial Chico Xavier após a reforma e também do Refeitório, estrutura incorporada ao Grupo como complemento de suas atividade filantrópicas.....	140
Figura 23 – Mapa de localização do Refeitório e do Grupo Assistencial Chico Xavier.....	142
Figura 24 - Reunião espírita no Grupo Espírita da Prece na noite de 18/03/06 – Mesa composta pela equipe de médiuns que atendem semanalmente no Centro Espírita fundado pelo mito ‘Chico’.....	144
Figura 25 - Vista da mesa de reuniões e dos bancos dos visitantes, no Grupo Espírita da Prece – a disposição do espaço.....	147
Figura 26 - Placa de exibição contendo o nome do fundador da casa – Francisco Candido Xavier – vulgo Chico Xavier.....	148
Figura 27 - Cadeira em que Chico Xavier se sentava, durante as reuniões do grupo de médiuns. Hoje, a cadeira é utilizada pelo médium mais antigo do Centro, também conhecido como ‘Tio Pedro’.....	149
Figura 28 - Vista da casa que abriga o Grupo Espírita da Prece – ambiente com atmosfera de tranqüilidade – retrato de Chico Xavier.....	150
Figura 29 – Mapa de localização do Centro Espírita da Prece.....	152
Figura 30 - Vista lateral do Jazigo de Chico Xavier, no Cemitério São João Batista: as visitas são constantes, a devoção persiste – Momentos de adoração ao mito.....	154
Figura 31 - Estátua em atividade psicográfica e busto com aspecto de felicidade demonstram continuação do trabalho em razão ao próximo, mesmo depois da morte.....	155
Figura 32 - Adeptos trazendo flores, velas e também rezando junto à imagem simbólica de Chico Xavier.....	157

Figura 33 - A mão simboliza os procedimentos de trabalho e as palavras são de agradecimentos a todos.....	158
Figura 34 - Pessoas que participaram da cerimônia de Prece a Chico Xavier, em seu espaço no Cemitério São João Batista.....	159
Figura 35 - Amigos de Chico Xavier contando “causos” sobre sua pessoa, antes do início da Prece.....	160
Figura 36 – Mapa de localização do Refeitório e do Grupo Assistencial Chico Xavier.....	162



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Evolução histórica de Uberaba/MG – Momentos da formação do município.....	37
Tabela 2 - Municípios e Populações da Arquidiocese de Uberaba.....	43
Tabela 3 - Registro histórico dos curatos e capelas em Uberaba/MG.....	45
Tabela 4- Calendário do folclore em Uberaba/MG – Festividades católicas.....	47
Tabela 5 – Ranking das religiões no Brasil.....	62
Tabela 6 - Principais religiões do Brasil de 1980 a 2000, em porcentagem (%)......	63
Tabela 7 - As Religiões do Brasil em 2000 – dados completos.....	63

## **INTRODUÇÃO**

Não há maior prova de ignorância do que acreditar que o inexplicável é impossível.  
(S. Bilard)

Diante da vida, diante do mundo e, principalmente, se comparados a todos, somos diferentes. Esta verdade é óbvia e fundamental, porém está sempre ameaçada pelas ações individuais e coletivas de intolerância. Somos diferentes histórica, étnica e lingüisticamente; por conseqüência, divergimos em nossa cultura religiosa.

Essa diversidade religiosa é profunda, existe entre nós e até mesmo dentro de nós. A fé é algo subjetivo e suas manifestações expõem valores interiores distintos, de pessoa para pessoa. Em nenhum período da História do mundo existiu uma religião única, como também nunca foram dominantes as atitudes de tolerância, no passado da História das Religiões. As populações antigas possuíam manifestações diferentes, em momentos também distintos, demonstrando a heterogeneidade dos movimentos culturais religiosos, em seus espaços.

O estudo que vem sendo desenvolvido baseia-se no referencial teórico-metodológico da Geografia Humanística, que é caracterizada por procurar compreender o espaço por meio das relações entre o homem e a natureza, levando em consideração suas ações socioculturais, principalmente as atreladas aos gêneros de vida a que eram submetidos, levando em consideração análises relativas ao tempo e espaço em observação.

A Geografia Humanística esteve inserida nos propósitos defendidos e analisados pelas correntes da Geografia Cultural, no século XX. Essa vertente da Geografia Contemporânea consiste em compreender as manifestações da cultura, em todas as suas dimensões. Os paradigmas humanistas destacam o homem tratando os seus significados, valores, objetivos e propósitos, numa oposição ao enfoque puramente determinista. Para a corrente humanista, o homem torna-se agente modelador dos espaços, a partir de suas relações sócio-culturais.

Sendo a religião um dos principais componentes da cultura, no âmbito da Geografia Cultural busca-se compreender e desifrar as relações que o homem mantém com o espaço

apropriado e as formas de manifestações que nele são adquiridas e acionadas, bem como a esclarecimento que envolve os “mitos” e seus simbolismos, nesses espaços, tornando-os sagrados.

Os estudos das religiões e suas práticas sociais são importantes para compreendermos o significado dessas crenças nos espaços, pois a procura pelo sagrado tem sido constante, tanto pelas pessoas de classe menos favorecida como pela população de posses. O motivo principal da busca pelo sagrado sempre é o mesmo, nos mais diversos casos, e está vinculado à resolução de quaisquer vicissitudes da vida cotidiana das pessoas, sejam de ordem econômica, terapêutica, ou de outra ordem qualquer.

Nessa dissertação, “Uberaba e Chico Xavier: os usos, apropriações e seduções do simbólico no urbano”, procuramos compreender as relações e as representações simbólicas que Chico Xavier estabeleceu no município de Uberaba/MG. Procuramos, também, resgatar o histórico de origem do Espiritismo no município, bem como suas direções, trilhadas após a chegada de Chico Xavier.

O presente estudo pretende contribuir para a Geografia da Religião, a fim de mostrar como os espaços sagrados, apropriados por Chico Xavier ou em nome dele, possuem um fator diferenciador dos demais espaços da cidade de Uberaba. Nesta perspectiva, o nosso trabalho foi-se desvinculando do enfoque da esfera econômica e política e direcionando-o para a esfera das representações e manifestações culturais simbólicas.

Assim, para direcionar o estudo, foi necessário abordar a Geografia dos gêneros de vida, das paisagens apropriadas para difundir a religião, suas práticas, tendo a Geografia Cultural como referencial teórico direcionador da discussão. Termos citados, como *gêneros de vida*, *paisagens*, *espaços*, entre outros conceitos trabalhados na Geografia, estarão presentes neste estudo, sendo que a sua utilização se justifica como esforço de análise dos

processos pelos quais ocorrem as transformações, usos e apropriações do espaço, por parte dos agentes atuantes.

Estudando os lugares sagrados e baseando-nos nos usos desses lugares, a escolha do tema e da área de estudos decorreu da necessidade de compreender as relações que a pessoa de Chico Xavier estabeleceu, ao longo dos anos, na difusão do Espiritismo, em Uberaba, utilizando e mesmo se apropriando de espaços, no ambiente urbano, com a finalidade de institucionalizar e difundir um ideal religioso, na cidade.

Frente a algumas leituras desenvolvidas - no primeiro momento, para elaboração do projeto de pesquisa e prova de seleção para o mestrado; num segundo momento - já como aluna regular do Curso de Pós-graduação, no Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, cursando as disciplinas do mestrado - foi possível ter uma visão do que seria desenvolver pesquisa em uma área de estudo “nova”, com objeto baseado em um referencial teórico que valoriza o cultural e as humanidades de forma geral.

Os encaminhamentos teóricos e metodológicos, decorrentes de discussões com o orientador, geraram novidades e fizeram surgir, no decorrer da pesquisa, algumas dúvidas e turbulências, principalmente durante a realização dos trabalhos de campo. No entanto, as leituras de bibliografias específicas a respeito da religião serviram de bases norteadoras do trabalho, bem como importantes referenciais para a própria redação da dissertação. Nesse sentido, o referencial teórico e metodológico foi sendo ampliado e no decorrer do trabalho, sentimos que a reflexão teórico-empírica nos permitiu pensar em profundidade a realidade e organizar as nossas idéias.

Diante de todas as novidades, o maior desafio na realização do trabalho, e que esteve presente no decorrer de todo o processo de formação da pós-graduanda, foi o cuidado em compreender, por dentro, os eventos e acontecimentos. Desse modo, procuramos conduzir a

nossa pesquisa analisando as dinâmicas e as complexidades do tema desenvolvido, sem adotar idéias pré-concebidas.

O interesse em compreender os paradigmas geográficos, numa perspectiva da Geografia Cultural, contribuiu significativamente na elaboração teórico-metodológica sobre o espaço religioso. Buscamos analisar os espaços da cidade de Uberaba e nos questionamos, a partir dos espaços sagrados, se estes foram determinados pelos usos e apropriações dos religiosos e, principalmente, pelas pessoas de religião espírita.

Para fortalecer os estudos empíricos, desenvolvemos, juntamente com o Laboratório de Geografia Cultural e Turismo do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, um espaço de discussões sobre a Geografia Cultural e sobre os projetos desenvolvidos por alunos de graduação, mestrado e doutorado, espaço no qual vêm sendo discutidos os referenciais teóricos que estão embasando as pesquisas de graduação, dissertações e teses, realizadas pelos seus membros.

Nesse espaço de diálogos e discussões teóricas, os pesquisadores apresentam suas problemáticas e referenciais teóricos relacionados à temática cultural, assim como os andamentos de suas pesquisas e as metodologias desenvolvidas, buscando promover contribuições teórico-metodológicas, no âmbito da Geografia Cultural.

Os objetivos do nosso trabalho também estão voltados para retirar o reconhecimento das práticas sociais que motivaram as apropriações e os usos dos espaços, por manifestações da cultura religiosa, no município de Uberaba/MG. O tema aborda questões relacionadas à imagem mitológica do espírita Chico Xavier que, desde sua transferência para Uberaba até a data de seu falecimento, no ano de 2002, desenvolveu diversas ações relacionadas à psicografia, à difusão do Espiritismo de Allan Kardec, além de diversas atividades filantrópicas, voltadas para as populações carentes do município. As incursões históricas à vida do espírita Chico Xavier nos remeteram ao município de Pedro Leopoldo e Uberaba, no

estado de Minas Gerais; neste trabalho fomos descobrindo o homem e a sua capacidade de juntar pessoas no entorno do Espiritismo.

Após a morte de Chico Xavier, os espaços por ele apropriados passaram por diversas transformações de estruturas e funcionalidades, e outros foram construídos, em homenagens a sua pessoa.

O interesse pela temática religiosa nasceu da curiosidade sobre o tema religião; assim, procuramos enquadrar a temática nas abordagens geográficas. Encontramos na Geografia Cultural os pressupostos necessários para embasar a análise dos espaços sacralizados pelas religiões e religiosidades. A escolha do Espiritismo de Chico Xavier partiu do pensamento de estudar as religiões católicas e espíritas em Uberaba/MG, que se localiza próximo a cidade natal da pesquisadora tornando-se um fator facilitador no deslocamento e realização da pesquisa de campo. Além de ser uma referência religiosa regional, mostrando as relações e contradições presentes no município, a partir de seus espaços sagrados.

Após diagnosticar a amplitude do tema e de seus objetivos, direcionamos nosso enfoque para entender os espaços usados e apropriados por Chico Xavier, principalmente na sua cruzada para fortalecer o Espiritismo.

A pesquisa empírica foi constituída a partir das realizações de diversos trabalhos de campo, em períodos distintos da elaboração da pesquisa. Num primeiro momento, o objetivo consistia no reconhecimento da área a ser pesquisada; em momentos seguintes, as visitas consistiam no levantamento de informações, conversas com informantes-chaves e levantamentos fotográficos.

Os procedimentos metodológicos empregados na dissertação representam um esforço em refletir e analisar as práticas religiosas espíritas, a partir de informantes-chaves e observações de outros núcleos religiosos espíritas, de cidades distintas, a fim de comparar as ações de solidariedade, pregadas por aquela doutrina.

Os informantes-chaves foram selecionados aleatoriamente, devido à forma de abordagem que utilizamos. Optamos por não manter um rigor nas entrevistas, a fim de deixar que a naturalidade das conversas revelasse maiores detalhes sobre os assuntos. Posicionamos-nos como ouvinte das histórias e “causos” sobre a vida de Chico Xavier e do Espiritismo em Uberaba/MG.

Desse modo entendemos que a receptividade e, principalmente, a espontaneidade nos relatos são resultados da forma informal e aleatória de abordar os pesquisados e coletar informações. Todas as conversas estabelecidas buscaram atingir, na medida do possível, os objetivos de cada capítulo, e, assim, garantir a autenticidade dos relatos. Sem a participação dessas pessoas, mesmo que anônimas, pois seria inviável pautar as análises da temática somente baseada nos referenciais teórico-metodológicos discriminando o empirismo científico.

Durante a pesquisa de campo, foram consultados vinte informantes-chaves, aleatoriamente selecionados, embora nem todos estejam presentes nos relatos, pois tivemos que escolher as falas, já que em vários momentos, houve reproduções e/ou semelhanças nos conteúdos das falas. Alguns relatos foram gravados, mas todos transcritos. Ocorreram, também, trocas de e-mails e telefonemas com os informantes-chaves mais próximos da pesquisadora. Os conteúdos dos diálogos foram transcritos e incorporados ao trabalho. Eles estão presentes em vários lugares do texto, principalmente nos dois últimos capítulos.

As abordagens e interações da pesquisadora com os pesquisados foram realizadas a partir de participação em sessões mediúnicas no Centro, e em visitas ao museu/livraria, grupo assistencial e mausoléu de Chico Xavier, que proporcionaram um envolvimento com o objeto e as pessoas envolvidas na pesquisa.

A curiosidade pelo tema religioso fez com que o objetivo principal da pesquisa fosse se delineando em torno da proposta de decifrar os enigmas e seus conteúdos simbólicos



existentes nos espaços usados e apropriados por Chico Xavier, em Uberaba/MG. Neste propósito, fomos compreendendo as estratégias que o médium criou, a fim de difundir a doutrina espírita.

Para analisar os espaços sagrados, contamos com argumentações teóricas da Geografia Cultural; e métodos empíricos, baseados nas visitas de observação aos lugares. Os trabalhos empírico e teórico foram realizados concomitantemente, durante todo o processo de elaboração dos capítulos da dissertação.

Desta forma, os procedimentos metodológicos utilizados consistem na análise comportamental; primeiramente, numa análise descritiva da realidade, destacando os elementos estruturais de uma paisagem cultural; e, em um segundo momento, o trabalho de campo nos permite conhecer pessoas que estiveram em contato com Chico Xavier, em suas obras de caridade e filantropia, bem como em suas missões mediúnicas, para que fosse possível analisar as representações sócio-espaciais, históricas e simbólicas dessas pessoas, diante dos objetivos propostos de desvendar os mistérios que envolvem a construção social do mito.

O trabalho foi desenvolvido por intermédio de pesquisas e aprofundamentos metodológicos. Durante esse tempo procuramos, na medida do possível, valorizar tanto os materiais empíricos, bibliografia especializada em assuntos do Espiritismo, biografias do médium Chico Xavier, como também relatos de histórias orais de informantes-chaves<sup>1</sup>,

---

<sup>1</sup> Os informantes-chaves são as pessoas que foram selecionadas aleatoriamente para prestar depoimentos sobre suas experiências e vivências junto a Chico Xavier. Foram selecionadas pela pesquisadora a fim de ter como referências “casos” e relatos diários da vida do médium. Muitas delas foram indicadas por pessoas do centro espírita, outras foram escolhidas por suas falas e disponibilidades. As conversas foram desenvolvidas durante todas as visitas realizadas na área de pesquisa. E consistiam em obter informações que fossem contribuindo para uma linearidade os fatos ressaltados. Essas pessoas, muitas delas adeptas ao Espiritismo, também relataram experiências particulares em suas vivências religiosas. A opção por esse tipo de depoimento ocorreu no decorrer das conversas, em decorrência dos pedidos de não identificação das pessoas que realizavam tais relatos. A maioria deles pediu para não ser exposta, pois acreditava que o anonimato faria com que eles não ganhassem um caráter científico. Eles não estavam ali para se expor, mas para contribuir com a ciência. Ao todo foram vinte informantes-chaves, mas nem todos os relatos foram usados.

escolhidos no decorrer das visitas de campo, e também por indicação de outras pessoas que os conheciam e entendiam que eles poderiam contribuir muito para a realização da dissertação.

No decorrer da pesquisa, a utilização de fotografias, a fim de demonstrar a paisagem, por meio da figuração do real atual, consistiu em um meio que serviu de motivação para leitura dos conteúdos espaciais e desmistificação dos simbolismos nela existentes. As fotos utilizadas na dissertação se constituíram em instrumentos muito ricos em detalhes da história do lugar.

Durante o trabalho de campo, aos poucos fomos compreendendo que os conteúdos religiosos, impregnados na paisagem dos lugares sagrados e sacralizados pelo médium, nada mais eram que as realidades vivenciadas, transmitidas e exploradas pelas pessoas envolvidas com a religião espírita.

Nesta perspectiva, os questionamentos a respeito dos espaços apropriados por Chico Xavier nos permitiram obter relatos das pessoas que falaram a respeito dos símbolos e por intermédio das suas representações, no espaço sagrado. A sua trajetória de vida e trabalho em prol do Espiritismo foram fixados no espaço, em vários lugares da cidade de Uberaba. São lugares repletos de simbolismos, que continuam seduzindo e atraindo fiéis e curiosos para um contato com as obras criadas pelo médium.

Diante do levantamento fotográfico, realizado nos períodos de trabalhos de campo<sup>2</sup> e visitas aos locais sagrados, procuramos desvendar alguns símbolos que ligam e religam a figura do “mito” do Espiritismo, em Uberaba/MG, ao Catolicismo existente na cidade.

Nos estudos teóricos a respeito de Chico Xavier, além da Geografia Cultural e da Antropologia Cultural, também recorreremos à Etnologia<sup>3</sup>, pois utilizamos a metodologia da

---

<sup>2</sup> O levantamento fotográfico foi realizado no dia 30 de junho de 2004, dia em que se comemoravam dois anos do falecimento de Chico Xavier. Outras visitas foram realizadas em datas esporádicas, de acordo com a necessidade de obter informações novas sobre a pesquisa.

<sup>3</sup> Etnologia é a ciência que tem por objetivo o estudo da cultura material e espiritual dos povos; estudo e conhecimento sobre o aspecto cultural das populações primitivas; estudo comparativo de todos os povos, com base em suas afinidades (Dicionário Aurélio, (s/d)).

análise comportamental do médium em relação às pessoas que ele conseguiu atrair para o Espiritismo.

Em estudos onde o ambiente natural se inter-relaciona com o cultural, a Geografia utilizava-se da metodologia que está caracterizada pela descrição e pela observação das paisagens, bem como suas transformações, pelas ações culturais. Esses procedimentos, provenientes da Etnologia, vão persistir por todo o pensamento geográfico clássico, não só aquele denominado determinista, defendido principalmente pelos geógrafos alemães Ritter e Ratzel, mas também o da Geografia clássica francesa, inaugurada por Vidal de La Blache. Aí superamos a aproximação da Geografia com a Etnografia<sup>4</sup> e também com a Etnologia.

Os fatores abordados, nos espaços apropriados pelos usos da religião, também podem ser denominados paisagens culturais. As paisagens, nesse caso, são componentes da imaterialidade da cultura, embora esses espaços também estejam impregnados pelos componentes materiais. Os artefatos, estruturas e, principalmente, os sentimentos, misturam-se num jogo de simbolismos e magias, envolvendo o visível e o imaginário, num duelo de existências.

A respeito desse paradigma, consideramos que:

A noção de gênero de vida introduz, assim, na geografia humana francesa, uma lógica que estimula a integração, em seu campo, de aspectos comportamentais cada vez mais variados e complexos. Naturalistas pela sua origem e suas justificações, ela deriva rapidamente para posições mais humanistas (CLAVAL, 2001, p. 35).

Uma visão que relacionou diretamente a Antropologia com a Geografia foi a Geografia Cultural, desenvolvida principalmente nos Estados Unidos, depois da 1ª Guerra Mundial. As teorias da Geografia Cultural Americana, das quais o principal autor foi Carl Sauer, surpreendeu porque firmou-se como proposta científica em compreender que não se podia falar em paisagem cultural sem estudar a cultura que a explica. Sauer deixou de lado os postulados biológicos, para considerar as atividades e os comportamentos humanos.

---

<sup>4</sup> Etnografia: o estudo e descrição dos povos, sua língua, raça, religião, etc.; e manifestações materiais de sua atividade; parte ou disciplina da Etnologia (Dicionário Aurélio, (s/d)).

Sauer vê a cultura, primeiramente, como o conjunto de instrumentos e de artefatos que permite ao homem agir sobre o mundo exterior, mas vai mais longe que eles: a cultura é também composta de associações de plantas e de animais que as sociedades aprenderam a utilizar para modificar o ambiente natural e torná-lo mais produtivo (CLAVAL, 2001, p. 31).

A partir dessas idéias, preocupamos-nos em desvendar os mistérios existentes entre a cultura religiosa e a pessoa de Chico Xavier. O trabalho se desenvolve por meio de investigações de seu gênero de vida e suas funções, como difusor de um “Espiritismo Cristão”.

Como já relatamos, Chico Xavier nasceu em uma família que vivenciava e estava totalmente ligada aos preceitos religiosos do Catolicismo. Os católicos acreditam em santos, cultuam imagens. São diferentes dos espíritas, que não crêem em imagens e sim, no espírito. O Catolicismo embute a idéia da reencarnação<sup>5</sup>, dando o nome de ressurreição – viver a vida eterna. As duas religiões são diferentes?! Sim, em parte. Na reencarnação, segundo os espíritas, temos a oportunidade de voltar à Terra para vivenciar algo que não foi cumprido em outra vida. Os católicos não acreditam nesse retorno. Para eles, as pessoas vêm à Terra somente uma única vez e a morte é a passagem para a vida eterna no mundo superior, ao lado de Deus, para quem merecer.

Quando interpretamos os relatos orais, levamos em consideração a grande diversidade de aspectos subjetivos que caracterizam os depoimentos, diferenciando-os, por exemplo, das fontes escritas, no caso das análises de diversas biografias, analisadas durante a pesquisa. Com base nessa fonte, ou seja, nos depoimentos, observamos que, muito mais do que numa biografia, a expressão das intenções individuais sobre o assunto, que mais aflora em

---

<sup>5</sup> Segundo o Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, “a reencarnação fazia parte dos dogmas judaicos sob o nome de ressurreição; só os Saduceus (povo judeu), que pensavam que tudo acabava com a morte, não acreditavam nela. As idéias dos Judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não estavam claramente definidas, porque não tinham senão noções vagas e incompletas sobre a alma e sua ligação com o corpo. Eles não sabiam com precisão, a maneira pela qual o fato podia ocorrer; designavam pela palavra ressurreição o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama de reencarnação. Com efeito, a ressurreição supõe o retorno à vida do corpo que morreu; o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo estão, desde há muito, dispersos e absorvidos. A reencarnação é o retorno da alma, ou espírito, à vida corporal, mas em nada tem de comum com o antigo. Seria uma nova oportunidade de vida corporal para resgatar dividas de outras vidas, de vidas passadas” (In: Evangelho Segundo o Espiritismo, pg. 59).

sentimentos, com maior intensidade, foi de valor cultural. Assim, foi necessário ouvir, com bastante atenção, as pessoas pesquisadas, para não correr o risco de sermos influenciados por experiências pessoais, o que poderia fazer com que o trabalho caísse em pieguice romântica.

Com isso, ao colhermos as informações orais, tivemos o cuidado de analisar criticamente tudo que foi relatado, fazendo, assim, uma leitura nas entrelinhas dos discursos. Contudo, procuramos respeitar e considerar, na íntegra, os relatos, pois neles estão presentes o que há de mais valioso para analisarmos o sentido do religioso. No caso do Espiritismo considerando, também, nos informantes-chaves: as angústias, as frustrações, a caridade, as alegrias e, principalmente, a crença e a fé.

Quando nos dispusemos a ouvir as pessoas, percebemos que o fato de relatar o passado fazia com que os informantes-chaves observassem as ações presentes de forma diferenciada. No caso do atual estudo, compreender como o Espiritismo surge e se difunde, em territórios de católicos, foi o nosso principal desafio, que, desdobrado em problemáticas, nos permitiu desvendar vários enigmas.

Iniciamos o nosso trabalho fazendo algumas incursões à história da trajetória de fé e caridade, num espaço apropriado pela religião e difundido por intermédio de um homem que assume “ares” mitológicos. Trajetória na qual esse homem, em Uberaba, insere-se em uma “terra” de católicos, onde o Espiritismo se propaga e recebe adeptos de diversas localidades, a fim de reverenciar o “mito” difusor da doutrina de Kardec, Francisco Cândido Xavier – mais conhecido como Chico Xavier. Como resultado da pesquisa, a dissertação foi estruturada em três capítulos.

No primeiro capítulo, desenvolvemos um estudo sobre a formação católica da cidade de Uberaba, bem como o surgimento e difusão do Espiritismo, mostrando como o pluralismo religioso se desenvolveu no município.

No segundo capítulo, enfocamos a figura do médium difusor do Espiritismo em Uberaba, Chico Xavier. Nesse capítulo realizamos uma análise de sua vida, até supormos a sua morte. O objetivo principal foi de desvendar os simbolismos, estratégias e seduções que envolvem o “mito” Chico Xavier, procurando compreender como ocorreu a construção desta figura religiosa e mitológica.

No terceiro capítulo, analisamos os espaços usados e apropriados por Chico Xavier para a difusão do Espiritismo e, também, como as redes de solidariedades estruturam-se para difundir as suas idéias. Também procuramos identificar as estratégias e por que tanto empenho em manter intactas as obras de Chico Xavier. Nesta perspectiva, buscamos desvendar as questões implícitas na construção de novas formas de vivenciá-lo e homenageá-lo, a partir dos espaços apropriados e usados para sacralizar a sua imagem.

Desse modo, o trabalho procurou compreender os enigmas envolvidos na construção, institucionalização e, acima de tudo, na luta em manter vivas as obras de caridade e amor do maior símbolo do Espiritismo brasileiro.

## **CAPÍTULO 1**

### **DE UM LADO A IGREJA, DO OUTRO O CENTRO ESPÍRITA – OS ENCONTROS E DESENCONTROS DAS RELIGIÕES CATÓLICA E ESPÍRITA NO ESPAÇO E NO TEMPO DE UBERABA/MG**

## 1.1 – Evolução histórica do município de Uberaba/MG

A partir do final do século XIX e início do século XX, Uberaba era conhecida como sendo a “*Princesinha do Sertão*”, devido às transformações ocorridas, que a colocavam como pólo comercial de “desenvolvimento” e “progresso”, se comparada aos demais municípios da região.<sup>6</sup>

No século XX, um outro imaginário foi construído na cidade. Dessa vez, não mais em torno do seu setor comercial, mas sim, devido ao seu perfil agropecuário. Deste modo, se observarmos os dados fornecidos pela prefeitura local, obtemos informações indicando que o relevo suavemente ondulado do município é responsável por um desenvolvimento agrícola significativo, sendo, por esse motivo, também responsável por torná-lo conhecido como o maior centro produtor de grãos do Estado de Minas Gerais. No seu setor industrial, o destaque fica para a produção de fertilizantes e defensivos agrícolas. Na pecuária, é apresentado como grande produtor da raça bovina Zebu, graças a isso, a Exposição Agropecuária, que atrai anualmente políticos e empresários nacionais e internacionais, movimentando, principalmente através dos leilões, cifras milionárias. Esses dados são responsáveis pela constituição de um imaginário que eleva a cidade à condição de “Capital do Zebu”. Esse título foi - e ainda é - veiculado e reforçado tanto pela imprensa, como também pelos trabalhos historiográficos locais, contribuindo para a manutenção e para o fortalecimento desses imaginários em Uberaba (SILVA, 2002, p. 03).

A inserção do gado Zebu, em Uberaba/MG, transformou o perfil urbano e econômico da cidade. A raça de gado de origem hindu adaptava-se muito bem ao clima tropical e ao caráter rústico do Cerrado da região do Triângulo Mineiro. A produção em escala local fez com que o êxito na pecuária e projetasse a cidade, nacionalmente, como pólo de produção agro-pastoril, fazendo com que o município deixasse de ser somente um pólo comercial, passando aos poucos a se afirmar como pólo de criação e exportação do gado Zebu.

O fortalecimento da pecuária de Uberaba como centro comercial foi facilitado devido à proximidade entre as divisas dos estados mineiro e paulista. Com identificamos em Lourenço (2002),

---

<sup>6</sup> Ver em SILVA (2002); LOURENÇO (2002); BACELAR (2003).



Uberaba foi um encontro de caminhos de interiorização. Um primeiro caminho, vindo de Santos passando por São Paulo, Campinas, Casa Branca, Franca, atravessando o Rio Grande, alcançando assim a cidade de Uberaba, seguindo para as minas de Goiás. Uberaba se abastecia de sal, vindo do porto de Santos, tornando-se assim um ponto de distribuição deste produto. Produto este de grande importância para a criação de gado, fundamental para os fazendeiros da redondeza (LOURENÇO, 2002, p. 39).

Observa-se que, no início do século XX, Uberaba também passa a receber outros tipos de mercadorias, além do sal. São mercadorias diversas, desde vestimentas, especiarias, a utensílios domésticos. Foi essa diversidade de produtos que tornou Uberaba um centro comercial importante na região.

O município de Uberaba, como parte do sertão brasileiro, foi criado em 05 de maio de 1856, quando se extinguiu o título de julgado do Desemboque. Uberaba encontra-se localizado na antiga região da Farinha Podre<sup>7</sup>, mas sua formação primitiva data de 1811, com a criação do Distrito dos Índios do Santo Antônio de Uberaba.

A região, no período anterior a 1800, era povoada por comunidades indígenas que subseqüentemente foram substituídas por quilombos e ainda, posteriormente, por bandeirantes, que vinham de São Paulo em busca de novas terras e novas formas de desbravá-las. Diante de grandes conflitos e extermínio das populações nativas, a região do Desemboque sofreu fragmentações em seu território e começaram a surgir, por aí, vilas independentes entre si, visto que o início da (re)ocupação da área ocorreu durante a formação das sesmarias.

Estranhando o violento procedimento das novas autoridades invasoras, de Goiás, correu o sargento-mor Gabriel José de Araújo Ferraz a, pessoalmente, ir participar o ocorrido ao governador de Minas, Dom Luís Diogo Lobo da Silva, que se inteirando de tudo, aconselhou ao sargento-mor prudência e moderação para evitar maiores desordens e, todavia, protestasse pelo direito desta capitania, enquanto por sua vez iria fazer o mesmo junto ao governador de Goiás, Dom João Manuel de Melo. Nesse comenos, aos 2 de março de 1766, foi por este governador criado o “julgados nossos descobertos de Nossa Senhora do Desterro do Rio das Velhas do Desemboque”, cuja superfície se construía de todo o território: - “... do rio das Velhas grande e todas as suas vertentes, do rio dos Dourados e todas as suas vertentes e do rio da Parnaíba, e todas as suas vertentes...”. Como se vê, o julgado do Desemboque abrangia o Triângulo Mineiro atual e todo o sul de Goiás, menos o julgado de Santa Luzia. Em 1776, a freguesia de Santa Cruz, criada em 12 de agosto de 1742, erige-se em julgado do mesmo nome, saído do Desemboque.

---

<sup>7</sup> Atual Triângulo Mineiro.

Se os limites eram mal determinados entre as capitanias de Minas e Goiás, entre os dois julgados é que lhes não existiam de todo. Entretanto, esta questão dirimiu-se no dia 7 de outubro de 1811, em Araxá com a presença do ouvidor geral Dr. Joaquim Inácio Silveira da Mota. Desemboque ficou com o território de entre os rios Grande e Paranaíba (Triângulo Mineiro) e Santa Cruz, com o resto de Goiás, segundo o “Traslado da divisão e limite a que se procedeu dos julgados de Nossa Senhora do Desterro das cabeceiras do Rio das Velhas com o de Santa Cruz”.

[...] Logo após a sua criação, os julgados fora promovidos por Goiás de todas as suas autoridades, tanto civis, como eclesiásticas. Entretanto, não demorou que, na povoação e imediações, se desenvolvesse contínuo massacre de vítimas, com o fim das mais irrefreada ladroeira, chefiada pelo capitão de dragões Francisco dos Santos Araújo, comandante do arraial do Rio das Abelhas (PONTES, 1978, p.55 e 56).

Assim como diversos traços culturais abstraídos da cultura indígena, a toponímia “Uberaba” também é oriunda dessa descendência guarani. Segundo Pontes (1978), em seu livro *Histórias de Uberaba e a civilização do Brasil Central*, a palavra Uberaba “deriva-se do verbo berab, intransitivo, que significa resplandecer, cintilar, fulgir, brilhar e de U que é água”. Ou também “U- beraba” quer dizer a mesma coisa, águas reluzentes, resplandecentes, claras, limpas e rio brilhante” (PONTES, H. 1978, p. 03).

As técnicas em dar nome às coisas e aos lugares são denominadas toponímias e estão presentes em nossa cultura desde nossas ascendências mais remotas.

De acordo com Claval (2001), “a toponímia é um traço da cultura e uma herança cultural”. Vemos que os sentidos da existência das coisas e dos lugares, muitas vezes, se perdem, e a toponímia que retoma esse ideal é de que algo existe e deve possuir uma referência. Para as populações que praticam essas táticas, o significado dos nomes dos lugares e das coisas vai além do nome em si, mas é uma questão de dar cultura e poder às coisas nomeadas. Nomear quer dizer institucionalizar, é dar direito.

Neste sentido podemos compreender que:

A toponímia é uma herança preciosa das culturas passadas. Batizar as costas e as baías das regiões litorâneas foi a primeira tarefa dos descobridores. Um verdadeiro tapete de nomes recobre a terra que se torna assim objeto de discurso. O batismo do espaço e de todos os pontos importantes não é feito somente para ajudar uns e outros a se referenciar. Trata-se de uma verdadeira tomada de posse (simbólica ou real) do espaço (CLAVAL, 2001, p. 189).

O hábito de dar nomes, o viver em comunidades, os hábitos alimentares regionais, as práticas culturais vão dando formas distintas à paisagem de uma determinada localidade.

Com relação à região do Triângulo Mineiro, além de estudos como de Lourenço (2002), já citado, identificamos outros trabalhos, como de Silva (2002), Bacelar (2003), Teixeira (2001) dentre outros, que descreveram a região. Nestes estudos absorvemos, em seus escritos, a idéia de formações das vilas e dos arraiais, a partir das fundações e/ou construções de capelas.

O histórico dos lugares, nos remeteu a uma base católica que determinou a formação das cidades. Nelas havia a necessidade do religioso, para comunidades a religião permitiu e promoveu em certa medida a aproximação dos membros da família, favorecendo a colheita e as atividades domésticas da casa, como era comum em quase todo o cenário oitocentista do Brasil.

Na maioria das vezes, os espaços de sociabilidade se restringiam aos limites da Igreja, visto que boa parte dos compromissos sociais eram vivenciados através da participação das missas, procissões, romarias, nas cerimônias de casamento, batismo, enfim, por todas as festas religiosas. Contudo, é possível que, em Uberaba, a preocupação do clero no rigor com a “conduta moral” da população e a preocupação desta com o cumprimento das atividades religiosas, tenham se intensificado a partir do ano de 1986, data em que foi transferida para essa cidade a sede do bispado de Goiás – da qual Uberaba, assim como outras cidades triangulinas faziam parte (SILVA, 2002, p. 03).

Para Lourenço (2002), os primeiros modos de viver urbanamente vêm com a formação dos arraiais. Assim:

A fundação dos arraiais do Extremo Oeste Mineiro resultou, em todos os casos, de iniciativas das oligarquias rurais, pela formação de patrimônios religiosos. Um fazendeiro – ou um grupo de fazendeiros vizinhos – doava um trato de terra ao patrimônio de um santo. Sobre ele, esses vizinhos, organizados numa irmandade religiosa, erigiam uma capela, e tratavam de conseguir sobre ela a bênção do vigário de freguesia (LOURENÇO, 2002, p. 266).

Analisando o processo de construção de um arraial, vê-se que sua existência possui uma dupla finalidade, que vai do ponto em que era representado como o espaço das relações

entre a comunidade e as instituições de poder, até aquele em que era considerado como sendo o núcleo que reforçava os laços afetivos das pessoas e reproduzia sua identidade local.

No antigo Sertão da Farinha Podre, região a que Uberaba pertencia, na época do povoamento, Tristão de Castro doou, em 1812,

(...) uma posse de terras com matas e campos na paragem entre o Sítio das Toldas, estrada de São Paulo e Sítio do Lageado que compreenderá (...) uma légua de terras em quadro (...) por este papel fazemos doação ao senhor Santo Antônio e a São Sebastião para patrimônio de Sua Igreja e ao procurador que houver dos referidos santos, ao qual cedemos a transpassamos todo o domínio que até então tínhamos (LOURENÇO apud PONTES, 2002, p. 268).

Para Lourenço (2002),

Todas as capelas e respectivos arraiais no Extremo Oeste Mineiro surgiram dessa forma. Nos primeiros cinquenta anos do século XIX, no Triângulo Mineiro, foram erguidas quase todas as capelas que originaram os arraiais da região, num verdadeiro *boom* (grifo do autor), que refletia a intensificação do povoamento e a conseqüente formação de barros rurais (LOURENÇO, 2002, p. 268).

Baseando-se nas evidentes demonstrações do papel aglutinador de pessoas no espaço, os arraiais eram importantes, tanto para os grandes fazendeiros que doavam terras nas construções das capelas, como para os pequenos proprietários e demais membros da comunidade. Eram neles que ocorriam as relações de classe sociais, no meio rural.

No quadro I, esboçado a seguir, pode-se visualizar a evolução histórica pela qual se passou Uberaba, desde a criação do Distrito dos Índios do Santo Antônio de Uberaba (período que sucedeu a formação primária, como Arraial do Desemboque) até sua consolidação enquanto município componente da região do Triângulo Mineiro. Observamos que os períodos de elevações aconteceram em intervalos mínimos, o que nos deixa claro que o fato de Uberaba ter vindo se destacando nesse período contribuiu bastante para sua consolidação, enquanto município comercial, e depois de produção, em escala nacional agropastoril, por

motivos significativos, como: localização geográfica favorável (entre Goiás e São Paulo), migração e solos férteis.

**Tabela I: Evolução Histórica de Uberaba – Momentos da formação do município**

<b>13/02/1811</b>	Criado do Distrito dos Índios do Santo Antônio de Uberaba;
<b>02/03/1820</b>	Elevação à Freguesia;
<b>22/02/1836</b>	Elevação à Vila;
<b>23/03/1840</b>	Elevação à condição de Comarca (comarca do Rio Paraná);
<b>02/05/1856*</b>	Elevação à condição de cidade, retirando-se parte do nome anterior para ficar apenas, Uberaba;
<b>12/11/1876*</b>	Mudança da denominação da comarca do Rio Paraná para Comarca de Uberaba.

\* Fonte: Dados extraídos de PONTES (1978, na abertura de seu livro). Nesse quadro fomos fiéis a obra de Pontes, no entanto entendemos que ocorreu uma inversão cronológica dos fatos referentes das duas últimas datas: primeiramente, deveria-se considerar em 1876 a condição de Comarca, e, posteriormente, em 1856, elevar-se a condição de cidade.

Desde o início do povoamento até a atual cidade de Uberaba/MG, observa-se uma forte influência católica na formação moral, ética e do pensamento das pessoas, principalmente entre as elites. As condições de vida e de relações interpessoais, entre os habitantes, davam-se a partir das relações que a Igreja propunha, para a época. As festas, as missas, as procissões, as novenas eram os eventos que tornavam possíveis ambientes sociais e relações comunitárias entre os moradores. Nesse ambientes conviviam as igualdades e as diferenças culturais.

As missas e as festas, sempre nos pátios das capelas, eram as únicas formas de encontros e socialização entre as pessoas. A Igreja Católica penetrava na vida das pessoas e estava muito presente no cotidiano da comunidade. A vida se atrelava ao ambiente religioso e aos princípios da ética e da moral cristã.

No período de povoamento, a cidade de Uberaba teve, ao longo de sua história, diversos momentos de ascensão e triunfo, o que não impediu a estagnação do desenvolvimento

econômico. O principal momento de desenvolvimento e crescimento econômico do município esteve relacionado à economia agropastoril e à difusão do “reinado” do gado Zebu.

Como observamos, ainda, em Lourenço (2002), o crescimento de outras cidades próximas a Uberaba, como Uberlândia, por exemplo, ofuscou seu desenvolvimento em setores importantes, impedindo êxito no sentido de estabilizar a situação da cidade como centro forte de comércio. Na cidade de Uberlândia ocorreu um processo de crescimento econômico e de atração de pessoas e indústrias mais rápida do que em Uberaba/MG. Essa abertura para a industrialização de Uberlândia fez com que a cidade crescesse em ritmo acelerado, o que não ocorreu em Uberaba, que alicerçou sua economia nas atividades agropastoris, estagnando seu desenvolvimento na área de indústrias. Quando resolveu abrir-se para a industrialização, Uberlândia já se destacava na região, dificultando a ascensão do município, que tinha sido destaque no setor agrário, e agora tentava a sorte no setor industrial.

Atualmente, Uberaba possui uma área de 4.512 km<sup>2</sup>, onde está distribuída uma população de aproximadamente 280.000 habitantes, segundo dados do último Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2000<sup>8</sup>. A cidade está localizada na região do Triângulo Mineiro, sendo um dos principais pólos de desenvolvimento regional, dividindo seu espaço com Uberlândia, Araguari e Patos de Minas.

Industrialmente, a cidade se destaca nos setores: moveleiro (com destaque para as indústrias Sapitel e Synteko. Acredita-se que, devido à qualidade da mão-de-obra e à proximidade com o matéria-prima, o setor possua condições de se expandir ainda mais na região); químico (produção de adubos fosfatos – Fosfertil, FMC, Sypcam Agro, Bunge, Agronelli e DuPont); biotecnológico (centro de melhoramento genético de raças bovinas e também por ser a maior produtora de grãos do estado); cosméticos (diversas indústrias interligadas à Bell Soft); moda (fabricação de roupas, calçados e acessórios em geral); alimentos processados (fábricas de doces e similares) e também um parque tecnológico ( com

---

<sup>8</sup> Dados com estimativas para 2004.

abrangência politemática – empresas de software, de energia e tecnologia, todas elas voltadas ao incentivo de preservação às áreas verdes presente no parque e na própria cidade).

Ao longo da evolução do pensamento geográfico, pode-se observar que o conceito de região possui uma grande variedade de definições, pois “a ciência, e neste caso a geografia, deve procurar nos diferentes usos correntes do conceito (...) suas diferentes operacionalidades, ou seja, os diferentes recortes que são criados e suas respectivas instrumentalidades” (GOMES, 1995, p. 50).

Embora, se possa perceber a existência de três pontos fundamentais, conseqüentes da evolução e reflexão do uso do termo de região, não somente na Geografia como em outras ciências, e com expressão no senso comum, entre outras colocações:

A primeira é que o conceito de região tem implicações fundadoras no campo de discussão política da dinâmica do Estado, da organização da cultura e do estatuto da diversidade espacial; percebemos também que este debate sobre a região (ou sobre seus correlatos com a nação), possui um inequívoco componente espacial, ou seja, vemos que o viés na discussão destes temas, da política, da cultura, das atividades econômicas, está relacionado especificamente às projeções no espaço das noções de autonomia, soberania, direitos, etc, e de suas representações; finalmente, em terceiro lugar, percebemos que a geografia foi o campo privilegiado destas discussões ao abrigar a região como um dos seus conceitos-chave e ao tomar a si a tarefa de produzir uma reflexão sistemática sobre o tema (GOMES, 1995, p. 52).

Com o passar dos anos, outros aspectos são considerados, muitas reflexões tendem a superar antigos entendimentos e tornam-se cada vez mais relevantes outras discussões e transformações, surgindo novas questões e, com isto, novos conceitos e significados

No mundo atual, unido por uma nova centralidade dos focos hegemônicos de uma política, econômica imposta pelo capitalismo mundial, vemos mais uma vez surgir com força, um novo momento de reflexão destes temas: da política, da cultura, das atividades econômicas, atrelados à questão espacial da centralidade e uniformização em sua relação com a diversidade e o desejo de autonomia. Antes, no entanto, de tratarmos um pouco mais minuciosamente deste momento, vejamos algumas das mais importantes perspectivas que têm predominado no entendimento da região (GOMES, 1995, p. 53).

Para o presente estudo devido a sua localização e abrangência territorial, pode-se assumir, como conceito de região:

A noção de região parece existir relacionada a dois princípios fundamentais: o de localização e o de extensão. Ela pode assim ser empregada como uma referência a limites mais ou menos habituais atribuídos à diversidade espacial (GOMES, 1995, p. 53).

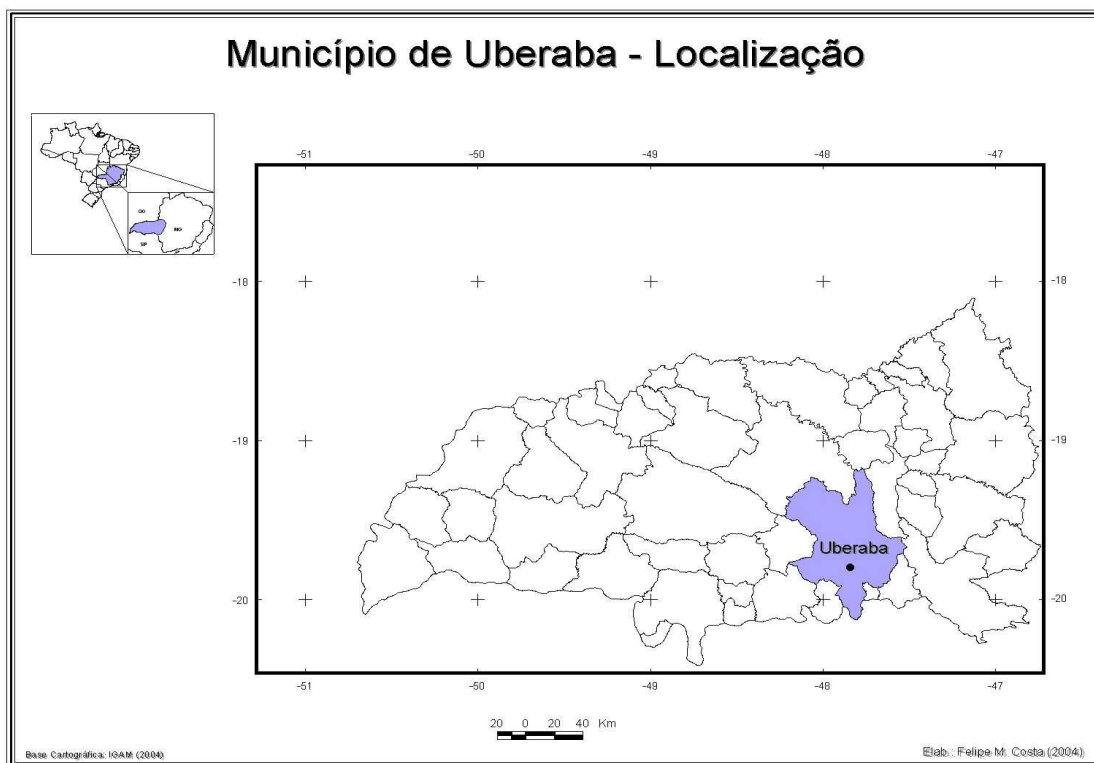
Sendo também “um produto mental, uma forma de ver o espaço que coloca em evidência os fundamentos da organização diferenciada do espaço” (p. 59). Podemos refletir a respeito do conceito considerando que:

No conceito de região ou sua manifestação, há o pleno encontro do homem, da cultura com o ambiente, a natureza; a região e a materialidade desta inter-relação é também a forma localizada das diferentes maneiras pelas quais esta inter-relação se realiza. Dessa forma, a região era vista como o conceito de capaz de promover o encontro entre as ciências da natureza e as ciências humanas, o produto-síntese de uma reflexão verdadeiramente geográfica (GOMES, 1995, p. 62).

Analisando o conceito de região, compreendemos que as representações que os uberabenses fazem de parte do seu espaço contêm especificidades oriundas de suas características naturais, convivendo com influências sócio-culturais, políticas e econômicas adotadas pelos indivíduos que nela se localizam.



**Figura I – Mapa de localização do município de Uberaba/MG**



**Organizado por COSTA, F. M. (2004).**

Quando Uberaba se transformou em Arquidiocese, em 1907, a cidade já possuía um Seminário, um jornal divulgando os dogmatismos católicos – conhecido como o “*Correio Católico*” - e também um colégio religioso, chamado “*Colégio Nossa Senhora das Dores*”; desde então passou a contar com um maior número de igrejas, colégios organizados e concebidos por doutrinas religiosas e congregações.

Dessa forma, Uberaba a partir de 1807, passou a se destacar de maneira bastante expressiva em termos de número de instituições religiosas, condizentes com a sua nova condição de diocese, exercendo um poder e uma grande influência em sua região, devido a essa titulação religiosa. Tal influência estaria relacionada aos modos de vida e à própria aceitação, por parte da sociedade. As comunidades pequenas, como era Uberaba, no início do povoamento, tinham, na figura da Igreja, o símbolo do lugar de encontros, dos rituais

religiosos, dos eventos festivos. A Igreja era o elo entre os membros sociais, o reduto social mais sólido e com características também sagradas.

## **1.2 - O Catolicismo como fundamento da ética e da moral do município de Uberaba/MG**

Diante de tantos fatos que comprovam o fortalecimento do Catolicismo, na cidade de Uberaba, um fator determinante para essa institucionalização refere-se à existência da Arquidiocese, que surgiu para melhor direcionar as manifestações religiosas católicas, locais e regionais.

A Diocese de Uberaba foi criada pela Bula Pontifícia “Goyaz Adamantina Brasiliana Republica” do Papa São Pio X, na data de 29 de setembro de 1907, desmembrando-se da Diocese de Goiás e da então Diocese de Diamantina. No dia 14 de abril de 1962, foi elevada à categoria de Arquidiocese, sendo atualmente sufragâneas<sup>9</sup> as Dioceses de Uberlândia, Patos de Minas e Ituiutaba.

Atualmente, a Arquidiocese de Uberaba conta com 46 (quarenta e seis) Paróquias e uma quase Paróquia, numa superfície de 27.228 km<sup>2</sup>, com uma população de 510.190 habitantes, de acordo com o censo de 2000, segundo dados e informações disponíveis na página virtual da Arquidiocese de Uberaba<sup>10</sup>. Vejamos na tabela, os municípios e o número de habitantes que abrange a Arquidiocese de Uberaba.

---

<sup>9</sup> Segundo o Dicionário Aurélio, o termo sufragâneo é um adjetivo que diz-se de bispo ou bispado dependente dum metropolitano.

<sup>10</sup> Presente em <http://www.arquidiocesedeuberaba.org.br/>.

**Tabela 2: Municípios e Populações da Arquidiocese de Uberaba**

<b>CIDADE</b>	<b>Nº DE HABITANTES</b>
Uberaba	251.159
Água Comprida	2.198
Araxá	78.848
Campo Florido	5.325
Comendador Gomes	2.843
Conceição das Alagoas	17.174
Conquista	6.106
Delta	4.984
Nova Ponte	9.216
Fronteira	8.944
Frutal	46.577
Pedrinópolis	3.352
Pirajuba	2,740
Planura	8.304
Prata	23.422
Romaria	3.772
Sacramento	21.301
Santa Juliana	8.074
Tapira	3.328
Veríssimo	2.575
<b>TOTAL</b>	<b>510.190</b>

FONTE: ORGANIZADO POR MENEZES, B. A. – DADOS DISPONÍVEIS EM <HTTP://WWW.ARQUIDIOCESEDEUBERABA.ORG.BR>.

Como vem sendo observado, na origem de diversos municípios estudados em outras pesquisas, o surgimento do município de Uberaba/MG não se diferencia dos demais. Sua consolidação se processa a partir do surgimento de uma capela, na antiga região da Farinha

Podre (como era conhecida), hoje atual região do Triângulo Mineiro, em meados da década de 1820 tendo sido elevada à condição de município no ano de 1956.<sup>11</sup>

Nessa época, a Igreja Católica fazia parte assiduamente da vida cotidiana das pessoas, sendo ela a única e incontestável religião do local, vivenciada dia após dia na presença das missas, procissões, terços, batismos e demais festividades religiosas.<sup>12</sup>

O Catolicismo<sup>13</sup> é a religião<sup>14</sup> de um terço da população mundial e de quase 80% da população brasileira, segundo o último censo demográfico<sup>15</sup> do país. Assim, a importância cultural, a referência em se posicionar diante da sociedade enquanto um membro religioso faz do Catolicismo a religião com o maior número de adeptos confessados do mundo, segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2000. Aproximadamente dois bilhões de pessoas, de diferentes partes do planeta, identificam-se, de uma forma ou de outra, com os movimentos cristãos.

Segundo dados existentes no Livro das Religiões (2000), apesar desta presença mundial, o Catolicismo é um fenômeno ocidental, embora nenhuma localidade do mundo, ao longo dos tempos, tenha deixado de ter contato com missões religiosas cristãs, mesmo que somente uma fração mínima de sua população tenha tornado-se cristã, como ocorreu em diversos países da África e da Ásia.

Influenciando e sendo influenciada por inúmeras tradições religiosas, durante esse vasto processo de irradiação, a religião católica tornou-se modelo para pessoas, culturas e

---

<sup>11</sup> Sobre a origem da cidade, ver SAMPAIO, B. Op.cit.;

<sup>12</sup> SILVA, R. M. Op. cit.;

<sup>13</sup> O Catolicismo é uma progressão do Cristianismo, que surgiu a partir do Judaísmo. A primeira geração de cristãos mais parecia uma divisão dentro do legado judaico. Eles respeitavam a Lei de Moisés e continuavam a frequentar o Templo de Jerusalém, tido como local sagrado pelos judeus. As referências sobre religião estão presentes no “Livro das Religiões” (2002).

<sup>14</sup> O termo “religião” originou-se da palavra latina *religio*, cujo sentido original indicava um conjunto de regras, observâncias, advertências e interdições, sem fazer referência a divindades, rituais, mitos ou qualquer outro tipo de manifestação cultural religiosa (GAARDER, 2002).

<sup>15</sup> O Censo do IBGE de 2000 revela o Brasil como uma nação cristã, de maioria católica e com forte crescimento dos evangélicos pentecostais. Em uma população de, aproximadamente, 174 milhões, 123 milhões disseram serem católicos (74%) e 26 milhões (15%) evangélicos. Cerca de 12 milhões (10%) de pessoas afirmaram não pertencer a nenhuma religião organizada e o restante da admitiu serem de movimentos religiosos variados como: espiritismo kardecista, budismo, judaísmo, umbanda e candomblé, entre outras opções (Dados aproximados).

sociedades, mesmo que elas não vivam sob seus credos e princípios religiosos. Sua importância cultural, em âmbitos nacional e/ou internacional, deve ser entendida na dimensão histórica da sua teologia, fé e tradição religiosa.

Em Uberaba a representação católica sempre foi muito presente em todos os momentos de sua história, tanto na fundação quanto nas festividades religiosas dos tempos subseqüentes. Podemos observar os registros históricos da religiosidade católica em Uberaba/MG, por meio dos curatos e capelas, institucionalizados desde o século XIX, na tabela 3, a seguir:

**Tabela 3: Registro histórico dos curatos e capelas em Uberaba/MG<sup>16</sup>**

1823	CURATO <sup>17</sup> DE N. Sra. Das Dores – Campo Florido. Paróquia de 1864, patrimônio doado por João Batista de Sequeira, o mesmo doador das terras da capela de Campina Verde. O Barão de Campo Formoso, João Evangelista de Carvalho, vindo de Lavras, Fazenda do Pinto, onde era vizinho de Antônio José de Araújo, é agraciado com este título por ter construído a Matriz.
1820-25	Curato de São Francisco das Chagas do Monte Alegre, em 1839, teria sido incluído na projetada paróquia de Ituiutaba. Sem efeito em 1840. Incluído na paróquia de Prata em 1840. Monte Alegre foi Paróquia em 1843.
1820	Curato do Santíssimo Sacramento e N. Sra. Do Patrocínio – em Sacramento, paróquia, em 1857.
1832	Curato de São José do Tijuco – Ituiutaba. Paróquia pela primeira vez, em 1839, anulada em 1840. Efetivada em sete de novembro em 1860.
1835	Curato de N. Sra. Do Monte do Carmo dos Morrinhos - Prata. Paróquia em 1840. Passa à segunda Vila do Triângulo, separada de Uberaba em 1853.
1840	Capela de Indianópolis – estava no Termo de Patrocínio e nesse ano passa para o de Uberaba.
1840	Curato de N. Sra. Do Desterro de Desemboque – estava no Termo da Vila de Araxá, passa para o de Uberaba.
1846	Curato de N. Sra. Do Carmo e São Pedro do Rio Uberaba - Legítimo, hoje Uberlândia, Paróquia em 1872.
1846	Curato do Senhor Bom Jesus da Cana Verde – Araguari. Paróquia em 1872.
1854	Capela de N. Sra. Das Conceições das Alagoas – no garimpo do Pe. Chico (Pe. Francisco Pereira da Rocha, com atuação em Uberaba) - Paróquia em 1878.
1872	Curato de São Miguel do Veríssimo. Paróquia em 1892.
1935	São Sebastião, em Ponte Alta.

<sup>16</sup> Organizado por MENEZES. Obra de referência “O Triângulo Mineiro nos Oitocentos (séculos XVIII e XIX)” de Edelweiss Teixeira. Ver bibliografia completa em referências.

<sup>17</sup> Curato é nome dados as capelas no início do Século XVII. Essa toponímia predominou até o final do século XIX. Já no século XX chamavam-se de capelas.

<b>Continuação</b>	
1935	São Sebastião, em Itiguapira.
1936	Capela de Água Comprida. Início da construção.
1943	Capela de Santa Rosa de Lima. Pedra fundamental em 1943 e bênção a 26/08/1945.
1943	Capela de São José.
1952	Curato de N. Sra. Da Conceição – capela da Baixa.
1952	Capela da Serrinha.
1952	Capela do Barreiro.
1975	Capela de Ponte Alta.
1975	Capela de Peirópolis.
1980	Capela de Delta.

FONTE: ORGANIZADO POR MENEZES, B. A. 2006.

A existência de várias paróquias e diversas capelas e curatos não somente institucionalizou o espaço, mas também organizou um calendário de festividades para celebrar as datas importantes do ano católico. São acontecimentos anuais que tiveram importantes datas para serem repetidas ao longo dos tempos e que ainda, nos dias de hoje, fazem parte das comemorações, não só católicas<sup>18</sup>, mas em alguns casos, como o Natal, de outras religiões cristãs. Claro que cada uma acrescenta datas pertinentes a suas crenças e ritos. Observa-se que o calendário folclórico das festividades de Uberaba possui atividades comemorativas ao longo de todo o ano.

---

<sup>18</sup> Nenhum outro tipo de religião tipo: budistas, espíritas nem mesmo as evangélicas em geral seguem as tradições de festividades católicas.

**Tabela 4: Calendário do folclore em Uberaba/MG – Festividades católicas<sup>19</sup>**

<b>JANEIRO</b>	<b>FEVEREIRO</b>	<b>MARÇO</b>	<b>ABRIL</b>
<b>01</b> – Dia Universal da Paz. <b>01 a 06</b> – Dia Festa de São Sebastião.	Carnaval.	Quaresma.	<b>1º</b> - Dia da Mentira (em comemoração à mudança do calendário no ano de 1582).
<b>MAIO</b>	<b>JUNHO</b>	<b>JULHO</b>	<b>AGOSTO</b>
<b>3</b> – Festa de Santa Cruz - Festa do Divino (Pentecostes)	<b>12</b> - Vigília de Santo Antônio; <b>23</b> – Vigília de São João; <b>28</b> – Vigília de São Pedro; Folia de São João	Sem levantamento, mas geralmente as festas “juninas”, transformadas em “julinas” acontecem prorrogando as vigílias de São João.	<b>15</b> – Assunção de N. Sra., festa de N. Sra. Da Abadia; <b>22</b> – Dia de São Bartolomeu / Dia do folclore. Teatro popular: circo de cavalinhos, tourada e outros.
<b>SETEMBRO</b>	<b>OUTUBRO</b>	<b>NOVEMBRO</b>	<b>DEZEMBRO</b>
<b>8</b> – Natividade (nascimento de N. Sra).	<b>7</b> – Dia de N. Sra. Do Rosário (promovidos pela Irmandade de N. Sra. Do Rosário e outra pela Irmandade de São Benedito).	<b>2</b> – Dia de Finados (vários ritos são exercidos).	<b>04</b> - Dia de Santa Bárbara <b>12</b> - Santa Luzia; <b>24</b> - Vigília de Natal: <b>25</b> – Natal-nascimento de Jesus.

FONTE: ORGANIZADO POR MENEZES, B. A. 2006.

Algumas datas contidas no calendário, como o período da Quaresma e a Festa do Divino, são comemorações que contêm um histórico bastante interessante. A Quaresma ocorre, geralmente, no mês de março. É o período que corresponde ao término do Carnaval e se estende por 40 dias, até a chegada da Semana Santa. Nesse período são pagas as promessas e feitas intenções, principalmente de jejum, para que as orações sejam atendidas. Nesse ritual, reza-se pelas almas e pelas intenções feitas; esse período corresponde à preparação para a Semana Santa, considera-se como o período de resignação.

<sup>19</sup> Idem.

Na Semana Santa o ritual inicia-se na quarta-feira, com a missa do lava-pés. Na sexta-feira inicia-se a vigília de Jesus, onde geralmente se encena a Paixão de Cristo, com a Última Ceia com os apóstolos, o martírio da morte e os três dias de resignação. No domingo de Páscoa, celebra-se a Ressurreição de Cristo.

No mês de maio celebra-se outra festividade importante do calendário católico: é a Festa do Divino, ou Pentecostes como também é conhecida.

Em “Uberaba: histórias fatos e homens”, Sampaio descreveu a festa da seguinte maneira:

As Festas do Divino realizam-se em Uberaba, com brilho, fausto e magníficas solenidades. Nas vésperas, saíam pelas ruas os forasteiros, com vistosos bandos precatórios, pedindo esmolas, de casa em casa. No dia da festa, as moças da melhor sociedade, segurando em *fitão* vinham, também, os porta-bandeiras, a porta-corôa e os que conduziam os símbolos do Divino. Seguiam para a missa cantada. Banda de música, tocando marchas e dobrados, abrilhantava todas essas solenidades. A missa era soleníssima, assistida pela alta sociedade e pelo povo em geral. Erguia-se, então, à porta da Matriz, ao repicar dos sinos e espocar dos foguetes, o altíssimo “Mestre do Divino”. Depois da missa, os forasteiros eram reconduzidos às suas casas, com as mesmas cerimônias. Ofereciam aos presentes uma mesa de doces. À noite, havia sempre a deslumbrante queima dos “castelos” (fogos de artifícios), empolgando o povo. Leilões de prendas divertiam a assistência. E, no segundo dia, depois da festa, realizava-se o sorteio dos festeiros para o ano seguinte (MENDONÇA, 1974, pg. 129).

Diante dessas manifestações das crenças católicas, encontra-se, num paralelo, o cenário mítico do Espiritismo. Apesar da sólida base católica, Uberaba apresenta um significativo índice de adeptos da religião kardecista. Atualmente, em Uberaba, são mais de 100 centros espíritas, distribuídos em todo o município, com mais de 15% da população oficialmente identificada como espírita. Até instituir-se, o Espiritismo passou por fases de muita resistência para sua aceitação. O Catolicismo impunha suas idéias e segmentos, fazendo com que os adeptos espíritas se omitissem como adeptos da nova religião.

Quando Chico Xavier chegou a Uberaba e passou a residir na cidade, o movimento espírita já existia e era bastante representativo, apresentando mais de 20 instituições espíritas, com um número expressivo de fiéis (SILVA, 2002, pg.04).



De acordo com as explicações populares, a justificativa para esse número elevado de adeptos deve-se à presença do médium Francisco Cândido Xavier. Em relação a Chico Xavier, vale ressaltar que em Uberaba, este desempenhou por vários anos a função de médium receitista e psicógrafo e, por isso, recebeu caravanas de peregrinos vindos de lugares diversos tanto para conhecê-lo, quanto para receber dele “receitas” ou “mensagens psicografadas”. Segundo *história oral (grifo nosso)* os noticiários divulgados pela imprensa, graças à presença deste médium, esta cidade transformou-se na “Meca” do Espiritismo brasileiro. (SILVA, R. M. da, 2002, pg. 05).

Desse modo, fica entendido os motivos pelos quais, no século XX, Uberaba/MG passa a ostentar o título de Capital do Espiritismo.

### **1.3 – A origem do Espiritismo em Uberaba/MG**

Antes de relatar a origem do Espiritismo em Uberaba/MG, deve-se explicar o que é o Espiritismo. Pois bem, segundo o Livro dos Espíritos e o Evangelho Segundo o Espiritismo, escritos por Allan Kardec, o Espiritismo é uma doutrina que possui um conjunto de leis e princípios que são revelados por espíritos superiores, que recordam os ensinamentos de Jesus, restabelecendo a harmonia na vida espiritual de toda a humanidade.

Com isso, o Espiritismo é uma doutrina que respeita todas as religiões e se esforça para expandir a prática do bem ao próximo, trabalhando ideais de confraternização que visam ao trabalho voluntário, independentemente da formação cultural, racial, étnica, posição social, entre outros fatores.

Seus princípios fundamentais têm por objetivos principais: a existência de Deus, da alma, a imortalidade, as penas e as recompensas futuras. Seus objetivos consistem em provar àqueles que negam ou que duvidam que a alma existe e que ela sobrevive ao corpo, que ela suporta, depois da morte, as conseqüências do bem e do mal que fez durante a vida corpórea.

Ou seja, para os espíritas existe vida após a morte e existe a oportunidade de voltarmos a viver na carne novamente para saldarmos dívidas de vidas passadas e evoluirmos.

Resumidamente, seus fundamentos estão arraigados no amor, na caridade, na justiça.

Assim como se viu, o Espiritismo teve seu ponto de partida no fenômeno vulgar das mesas girantes; mas como esses fatos falam mais aos olhos que à inteligência, que despertam mais curiosidade que sentimento, a curiosidade satisfeita, se tem tanto menos interesse neles quanto não se compreenda. Não ocorreu o mesmo quando a teoria veio explicar-lhes a causa; quando, sobretudo, viu-se que dessas mesas girantes, com as quais se divertiu por um instante, saiu toda uma doutrina moral falando à alma, dissipando as angústias da dúvida, satisfazendo a todas as aspirações, deixando no vago por um ensinamento incompleto sobre o futuro da Humanidade [...] as pessoas sérias acolheram a nova doutrina como um benefício e, desde então, longe de declinar, ela cresce com uma rapidez incrível; no espaço de alguns anos ela reuniu, em todos os países do mundo e, sobretudo, entre as pessoas esclarecidas, inumeráveis partidários que aumentam todos os dias, numa proporção extraordinária, de tal sorte que, hoje, pode-se dizer que o Espiritismo conquistou direito de cidadania; e está assentado sobre bases que desafiam os esforços de seus adversários mais ou menos interessados em combatê-lo, e a prova disso é que os ataques e críticas não afrouxaram sua marcha um só instante: este é um fato adquirido pela experiência, e do que os opositores jamais puderam dar razão; os espíritas dizem, muito simplesmente, que se ele se propaga, apesar da crítica, é que se o acha bom e que se prefere seu raciocínio ao dos contraditores (KARDEC, 2004. p. 186 e 187).

Para Santos (1999) o Espiritismo “é uma doutrina que tem conquistado cada vez mais adeptos e simpatizantes de todas as classes e meios sociais: dos cientistas aos educandos, dos homens públicos aos cidadãos comuns”<sup>20</sup>.

Com relação ao processo de crescimento do Espiritismo no mundo, Santos (1999) afirma que:

Segundo dados do Instituto de Pesquisa Gallup, que foram divulgados pela Revista Veja de 10/04/91, pg. 40, o contingente de adeptos do Espiritismo cresceu de 360% em uma década, saltando de 1,5 milhões (1980) para 6,9 milhões (1990) e demonstrando forte tendência ao crescimento em todas as classes sociais da população brasileira (SANTOS, A. P. pg. 18).

Os primeiros fenômenos que influenciaram para a formulação da doutrina kardecista ocorreram na América do Norte durante a primeira metade do século XIX, nos quais os

---

<sup>20</sup> SANTOS, A. P. dos. 1999, p.15.

fenômenos tratavam de sons emitidos pelas paredes de um determinado local, mas que foi diferenciando-se para movimento de objetos até chegar às famosas “mesas girantes”. Esses fatos, ocorridos em território americano, passaram a ser analisado na França por volta da década de 1850, pelo pedagogo francês Hippolyte Léon Dinizard Rivail que denominou como fenômenos da magnetização. As observações se sucederam até chegarem à pessoas que conseguiam transmitir as comunicações obtidas em suas sessões, ou seja, os médiums, indivíduos que reconheciam tal faculdade de transmitir com fidelidade as mensagens que eram sinalizadas pelas mesas e por outros objetos.

Utilizando a metodologia da observação e da experimentação, Allan Kardec elaborou uma teoria que foi considerada como filosófica, científica e religiosa. Assim sendo, os “espíritos”, utilizam e magnetizam o fluido humano, proporcionando comunicação entre o plano espiritual e os homens deste plano terrestre. Diferente da “mania européia” que utilizando as práticas de magias, práticas essas que salientavam a não originalidade da teoria de Kardec, o Espiritismo comparava a presença dos espíritos (dos mortos) no mundo dos vivos, diferentes dos preceitos das magias que contavam com a viagem dos vivos ao mundo dos mortos. As práticas ritualísticas foram transformando-se em sessões respeitadas e conversas necessárias entre as esferas da vida e da morte.

Em Uberaba, o Espiritismo surge por volta de 1890 a 1895. Nessa época, poucos eram os adeptos e também pouca era a divulgação da nova doutrina, que surgiu na França no século XIX<sup>21</sup>.

Em estudos realizados por Baccelli<sup>22</sup>, encontramos dados importantes sobre a origem do Espiritismo no município e sobre a vinda de Chico Xavier para Uberaba, em 1959, por

---

<sup>21</sup> Assim como na França e em outras localidades por onde o Espiritismo se difundia, observava-se que essa nova religião se caracterizava de uma classe elitista, com uma minoria insignificante de adeptos da classe popular. Isso ocorria devido à falta de disponibilidade das obras que serviam de base doutrinária.

<sup>22</sup> Carlos Baccelli é espírita, mora em Uberaba e já publicou diversas obras sobre o Espiritismo e o Chico Xavier.

problemas de saúde, motivo pelo qual, ele precisou sair de sua cidade natal, Pedro Leopoldo/MG, e mudar-se para Uberaba, também em MG.

Em Baccelli (1987), no livro “Espiritismo em Uberaba”, as pesquisas realizadas por volta de 1960, época em que Chico Xavier mudara-se para o município de Uberaba, mostram que cerca de 3% dos brasileiros assumiram serem espíritas, adeptos da religião kardecista, enquanto que, no município de Uberaba, o percentual era de 12,28%, ou seja, quatro vezes maior que no país.

Segundo Silva, em sua dissertação de mestrado intitulada “Chico Xavier: Imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais – 1959/2001”, a doutrina espírita, nesse período passou por grandes transformações de aceitação, inclusive por parte dos adeptos em assumir a postura espírita. Isso deixa explícitas a importância da transferência de Chico Xavier e sua influência enquanto mediador religioso, um título conquistado pelo seu trabalho comunitário, reconhecimento este que cresceu e progrediu em escala local e difundiu-se para além dos limites municipais de Uberaba. Atingindo não só as camadas da elite, mas também abrangendo, no aspecto religioso, as camadas populares.<sup>23</sup>

Embora o movimento espírita represente uma das minorias, em se tratando de religiões no território brasileiro, é importante lembrar que o contingente de simpatizantes (pessoas que não são espíritas declaradas ou praticantes) das idéias e visão de mundo do Espiritismo ultrapassa o número de 30 milhões de pessoas no Brasil, segundo análise realizada pela FEB (Federação Espírita Brasileira).

Se, por um lado, existem poucos estudos voltados para desvendar os mistérios referentes à Geografia das religiões, principalmente no caso específico do Espiritismo, por outro, a escolha do município de Uberaba se deu por ser o espaço que Chico Xavier escolheu para

---

<sup>23</sup> Tal religião, quando surgiu na França, abrangia uma camada elitizada gerando exclusão social até mesmo em assuntos relacionados ao sagrado e suas manifestações culturais. Em Uberaba, sabe-se que Chico Xavier se instalou, primeiramente, na periferia da cidade, atingindo, assim, uma clientela desfavorecida de recursos materiais, um fator diferenciador do Espiritismo primitivo. O Capítulo 2 retratará a vida e trajetória de Chico Xavier no Espiritismo e em Uberaba.

difundir a doutrina de Alan Kardec. Diversos fatores, incluindo o já citado, correspondem às investigações dessa pesquisa, que consiste em desvendar as mistificações que envolvem Uberaba, também conhecida por muitos, como a “Capital do Espiritismo”, num território demarcado pelo Catolicismo Diocesano. Esses processos envolvem, inclusive, as relações da figura mitológica de Chico Xavier com os adeptos e simpatizantes do Espiritismo, simpatizantes estes, que retratam o sincretismo que também envolve o mito.

Os adeptos do Espiritismo difundido por Chico Xavier, são oriundos do Catolicismo Ortodoxo presente na cidade de Uberaba. O pluralismo religioso ‘nasce’ dessas relações de conformidades que o Espiritismo possui em aceitar os adeptos de outras religiões em seus rituais doutrinários.

O município, antes do desenvolvimento do Espiritismo realizado por Chico Xavier, como vimos no início desse capítulo, era pólo atrativo de turistas, por ser conhecido como “a terra do gado Zebu”. Após a chegada de Chico Xavier e divulgação da doutrina espírita, a cidade ficou conhecida como “a capital do Espiritismo” e tornou-se pólo atrativo de pessoas que buscam, na religião, significados e explicações que repercutem subjetivamente e objetivamente como conforto espiritual.

Em nossa pesquisa, dos vinte informantes-chaves, a maioria, cerca de 90% apontam que a insatisfação com as respostas do Catolicismo tradicional faz com que muitos fiéis busquem, em outras religiões, as respostas para suas dúvidas e aflições, a partir dos ensinamentos e da própria abertura que traz o Evangelho de Kardec. Supomos que o que atrai e seduz crentes de outras religiões para o Espiritismo seja as explicações que a doutrina tem sobre a vida e a morte. Respostas estas que podem não ser as mais verdadeiras (não estamos aqui para julgar o que é certo e errado nos ensinamentos espíritas), mas que trazem conforto e paz de espírito àqueles que sofrem com a perda de um ente querido, ou seja, com a morte. Sobretudo, em tais momentos, a religião seria uma ‘fuga da realidade’, atrás das explicações dos fatos

vivenciados no dia-a-dia. Para o Espiritismo essa ‘fuga’ estaria intimamente ligada à possibilidade de estar em contato com o outro mundo, principalmente materializado por meio das mensagens psicografadas, que trazem notícias da outra vida e dos que já se foram. A fuga de um sofrimento mundano se desfaz ou se transforma em aceitação a partir da religião, ou melhor, da manifestação de fé.

Das características detectadas pelas práticas sociais e modo de vida da época de formação da cidade de Uberaba, destacamos a construção de um imaginário composto por uma sociedade heterogênea no que se refere às crenças e práticas coletivas da religiosidade, de uma forma geral.

As formas de transmissão e absorção das diversas práticas são distintas de grupos para grupos e também por diferentes religiões. A crença é dinâmica e mutável, porque entendemos que a cultura é resultado de atitudes e de gestos. É fortalecida pela prática, pelos símbolos e pelos ritos.

Assim, como pensava Claval (2001),

A repetição ganha às vezes uma coloração moral: o gesto tem seu valor pelo simples fato de se reproduzir indefinidamente. Ele se torna ritual: entre o que é transmitido de geração a geração, as seqüências assim memorizadas ocupam um lugar importante, e não somente na vida religiosa (CLAVAL, 2001, p. 80).

Diante de tais argumentos o autor, completa relatando que

a ação humana não é fundada diretamente sobre o instinto, mas sobre o instinto contextualizado, normatizado e canalizado pela cultura, ela supõe memorização de esquemas de condutas, atitudes, práticas e conhecimentos. As formas que revestem a memória são múltiplas (CLAVAL, 2001. p.83).

Como se pode identificar, ao longo da trajetória histórica de Uberaba, esta cidade possui um referencial católico<sup>24</sup>, que faz com que as pessoas se identifiquem com o sagrado e

---

<sup>24</sup> A cidade de Uberaba/MG tem como padroeira Nossa Senhora da Abadia, a mesma santa dos sonhos e das devoções de Chico Xavier.

manifestem a fé de maneira progressiva e efetiva. Esse referencial possui elementos morais e éticos, que a religião consagrou durante todo seu período de institucionalização. Encontra-se bem estruturado e vivenciado nas questões relacionadas à religiosidade sacra e tem, como principal objetivo, difundir os dogmas religiosos. O nosso trabalho consiste em focar a fase de consolidação de Chico Xavier como líder religioso e a difusão do Espiritismo em Uberaba/MG, utilizando elementos dos preceitos católicos ortodoxos e deles se apropriando.

A partir dessa análise entendemos, acreditamos que seja de suma importância compreender o início da formação histórico-cultural-religiosa de Uberaba, para mostrar como Chico Xavier religiosamente, apropria-se de um referencial católico mantido pelas pessoas do município e da região.

Como a religiosidade e os espaços sagrados já existiam em Uberaba, entendendo que os espaços apropriados por Chico Xavier, na difusão do Espiritismo facilitaram a aproximação de adeptos e simpatizantes da doutrina a procurarem seus espaços, a fim de melhor chegarem próximos a suas crenças subjetivas. Desse modo as práticas espíritas apresentam-se como que um (re)arranjo também dos próprios princípios da doutrina espírita, que se torna híbrida, aceitando diversas formas e elementos de manifestar a fé no espaço sagrado. O que é sagrado se torna acessível a todos sem diferenças doutrinárias ou dogmáticas. O sagrado se torna espaço uno da fé em algo também único e divino. Assim, o sagrado transforma-se, apropriado e apropria-se de sentido, significado e simbolismo; manifesta-se de formas diferentes, com reações também distintas. A cultura religiosa modifica o espaço e o significado do sagrado, mas não deixa de ser sacro e verdadeiro por causa das transformações do espaço sagrado passa a ser valorizado e idolatrado como lugar do divino, como representativo do que possui fé.

#### 1.4 - O pluralismo e a diversidade religiosa como fator cultural em Uberaba/MG

Estudar os fenômenos e sistemas religiosos, como parte da cultura, significa apreender um fator identificável da experiência humana, que se apresenta como imagens que passaram através de milhares de pessoas, ao longo de diferentes tradições, pelos descendentes de uma mesma comunidade cultural e/ou sofrendo interferências de outras comunidades distintas. Desse modo, é preciso entender as essências, é preciso decifrar os simbolismos envolvidos. Diante da aceitação ou a rejeição dos símbolos propostos, entendemos que preexistem num imaginário popular e a capacidade de manipulação deles acontece a partir das necessidades individuais das pessoas em desenvolver e construir novos valores culturais. Assim como descreve José Murilo de Carvalho, em “A Formação das Almas”,

Um símbolo estabelece uma relação de significado entre dois objetos, duas idéias, ou entre objetos e idéias, ou entre duas imagens. Embora o estabelecimento dessa relação possa partir de um ato de vontade, sua aceitação, sua eficácia política vai depender da existência daquilo que Baczko chamou de comunidade de imaginação, ou comunidade de sentido (CARVALHO, 2005, pg. 13).

Essa constatação, não deve ser impedimento para se refletir sobre o tema “cultura religiosa”, mas, ao contrário, deve instigar a curiosidade para desvendar seus enigmas. Reconhecer que em termos de religiões, a variedade é, acima de tudo, uma característica humana e significa que se pode compreender o *nosso* lugar no panorama religioso enquanto “*ser religioso*” que *somos* (grifos *nosso*), esbarrando nas diferenças e contrariedades do mundo individualizado de cada religião. Ou seja, nos dogmas e doutrinas que são proferidos aos sete ventos pelas crenças diversas, é possível ocorrer em identificações particulares às mais diversas formas de manifestação cultural, sendo elas proferidas nos mais diversos espaços, também.



Religiões, religiosidades, experiências religiosas se expressam na linguagem e nas formas simbólicas. É o simbólico que atrai, seduz, convence, submete as pessoas a freqüentar e aderir aos ritos e mitos de determinada religião. Saber o que foi experimentado, vivenciado e como isso pode ser compreendido exige a capacidade de identificar objetivos, pessoas, acontecimentos por meio da nomeação, descrição e interpretação dos fatos.

Nos tempos de hoje, os estudos voltados para a análise da religião e das religiosidades valorizam os fenômenos religiosos de forma bastante diversificada. Ocorre o reconhecimento das questões religiosas que permeiam a vida cotidiana, como religiosidade popular, sob formas de espiritualidade que fornecem elementos para a construção de identidades, de memórias coletivas, de experiências místicas e correntes culturais e intelectuais que não se restringem ao domínio de igrejas e templos, ou seja, de espaços apropriados pela religião, que são organizados e institucionalizados por ela. A partir da fé e da necessidade de demonstrar e vivenciar sua crença, é possível construir um espaço, independente da estruturação física, que supra as deficiências da religião e comporte o *mito*. Trata-se dos espaços invisíveis da religião. São espaços onde é possível ter contato com Deus, onde todos os pensamentos são positivos, os problemas não existem e a paz reina profundamente. Também é preciso salientar que este é o espaço invisível mais idealizado. Não existe somente o bem, o bonito e aconchegante. Existem, inclusive, os espaços da escuridão, do calor, da dor, onde a luz não existe e o que reina é a solidão.

Como se vivencia nos últimos tempos, muitos movimentos religiosos procuram repensar os papéis de gênero humano, as opções sexuais, a participação política engajada, os conflitos em nome da fé, as novas práticas espirituais, as liturgias alternativas, as revisões teológicas, e questionar Deus e seus ensinamentos de acordo com as necessidades e avanços da modernidade.

Nenhuma tradição religiosa é “total” e “absoluta”, nem existe um *status* de favoritismo de religiões. Conhecer o lugar onde estamos e onde os outros estão, com relação à fé e às crenças, leva-nos a desenvolver um sentido de proporção no amplo campo das experiências religiosas, em que todos devem se expressar, sendo ouvidos e ouvindo também. A diversidade se faz rica e deveria conduzir as pessoas à compreensão, respeito, admiração e atitudes harmônicas. Tudo isso também ocorre no Espiritismo de Chico Xavier, e tais fatores possibilitam a concretização do sincretismo em Uberaba/MG, institucionalizando os ritos e aglomerando seguidores.

Muitas vezes a intolerância é resultado do conhecimento insuficiente de um determinado assunto. Os que vêm, de fora, uma religião, enxergam apenas suas manifestações, e não o que elas significam para o indivíduo que a professa. Toma-se, por exemplo, dois rituais distintos, do Catolicismo e do Espiritismo. Para os católicos a sagrada comunhão tem um significado especial, de entrar em contato com o corpo e o sangue de Jesus. Já para os espíritas, o passe é uma representação de luz e energia, que harmoniza o espírito. Nos dois exemplos citados, se levados a uma descrição objetiva de seus atos, seus resultados não oferecem uma visão real do que simbolizam para seus praticantes. Portanto, entendemos que o respeito pela vida religiosa dos outros, por suas opiniões e seus pontos de vista sempre foi um pré-requisito para uma convivência harmoniosa. Isto não significa que se deve aceitar tudo como igualmente correto. Deve-se debater para melhor, conhecer os fundamentos de cada religião.

A pluralidade religiosa existente em torno do mito Chico Xavier demonstra uma cumplicidade do homem com seus ideais religiosos, desde sua formação católica até atingir as transformações e aceitações que uma pessoa faz em relação a sua própria religião. A religião é algo que, para o Espiritismo, é bem mais clara, é uma maneira de se viver bem com os ensinamentos de Jesus. O Espiritismo para muitos, vem como uma explicação pautável em

reencontro depois da morte. É a crença de que vivemos eternamente e de que a morte nada mais é que uma viagem, para um outro plano espiritual. Chico Xavier pregava aquilo que ele acreditava ser a complementação para o Catolicismo.

Mas o que é religião? O que é sagrado? A religião, o sagrado, são conceitos fortes e manipuladores de massas e pensamentos. É o irreal materializado. Para Chico Xavier a religião, ou melhor, a doutrina espírita, sempre foi sinônimo de vida, de bondade, amor e ajuda mútua ao próximo necessitado. Ele vivia plenamente, em religião, os princípios do Espiritismo Cristão. Defendia o ideal que as pessoas precisam crer em algo durante a suas existências, para que a vida tenha um pouco mais de sentido. Acreditar em algo seria ter esperança, fé, amor, princípios estes, primordiais para se expandir religiosamente. Segundo teóricos e estudiosos das religiões, o termo religião vai muito além do significado sagrado.

Segundo o Dicionário de Filosofia de Japiassú, o conceito de sagrado é designado por manifestação

(1) que é de natureza divina, que possui um elemento divino, e por este motivo deve ser adorado, respeitado. Que é relativo à religião, que é objeto de culto e veneração, que inspira respeito religioso, que é digno de reverência.(2) por extensão, que é precioso, individual, que deve ser respeitado por todos como, por exemplo: é sagrado o direito à liberdade (JAPIASSÚ, 1996, p. 204).

Já o termo religião, muitas pessoas já tentaram defini-lo, buscando uma fórmula que se adequasse a todos os tipos de crenças e atividades religiosas, o que seria uma espécie de ponto de equilíbrio comum entre as crenças. O que acontece é que não se conseguiu chegar a um parâmetro de interpretação às semelhanças nos traços comuns entre as religiões. Então alguns se arriscam em definir o termo a partir das próprias experiências religiosas e das doutrinas ou/e dogmas professados por religiões distintas. Chico Xavier conduz suas práticas religiosas a partir das reuniões, das organizações filantrópicas, da caridade, das alianças com pessoas com os mesmos ideais sobre o sagrado. Sua própria rotina era algo a ser sacralizado. Desde o

momento em que acordava, até os últimos minutos antes de adormecer, Chico Xavier vivia para o Espiritismo e com o Espiritismo.

Em O Livro das Religiões, organizado por Gaarder, Hellern e Notaker, encontra-se como alguns pensadores definiram o termo religião. Para Friedrich Schaleiermacher (1768-1834) “a religião é um sentimento ou uma sensação de absoluta dependência”<sup>25</sup>.

Para Tiele (1830-1902) a

Religião significava a relação entre o homem e o poder sobre-humano no qual ele acredita ou do qual se sente dependente. Essa relação se expressa em emoções especiais (confiança, medo), conceitos (crenças) e ações (culto e ética) (GAARDER, 2000, p. 17).

Os pensamentos de Helmuth von Glasenapp (1981-1963) baseavam-se em que

A religião é a convicção de que existem poderes transcendentais, pessoais ou impessoais, que atuam no mundo, e se expressa por insight, pensamento, sentimento, intenção e ação (GAARDER, 2000, p. 17).

A partir da exposição dos conceitos de religião, é possível pensar nas práticas religiosas de Chico Xavier. Em verdade, trata-se de uma forma de pensar a religião a partir do pensamento de Chico, ou seja, de que ele assume a posição de mediar uma aproximação, um religar-se a uma outra dimensão do ser e nesse processo atingir a pureza do ser, estar em contato com o Ser superior. Essa atuação parte do pressuposto de renúncia à vida pessoal e dedicação às práticas do sagrado, ou seja, viver com e para o sagrado. Chico Xavier não se casou, não teve filhos, não possuía bens em seu nome, nada tinha de materialidade a não ser seu corpo físico, como ele mesmo dizia, “Minha vida dedique a minha vocação, a minha mediunidade”.

---

<sup>25</sup> Gaarder, 2000, p. 17.

A religião sempre foi um assunto que gera desconforto e que envolve temas íntimos e subjetivos, como a *vida* e a *morte*, não somente em termos de seus rituais, como o batismo e os funerais, mas também como um assunto existencial decisivo e defendido, acima de todos, por milhões e milhões de pessoas em todo o mundo. É no espaço da religião que se mantém mais contato com a vida e a morte, num mesmo instante.

O espaço crescente, na mídia, dos assuntos envolvendo religião não tem sido acompanhado pelos conhecimentos histórico e cultural do tema. As abordagens são, muitas vezes, formas de instigar, ainda mais, as rivalidades e as contradições existentes, bem como evidenciar os fatores que as ponderam entre si. As apropriações dos meios de comunicação seriam vistas também, como pólos de estratégias com que a mídia induz e seduz seu público.

Assim, com frequência, as religiões e seus elementos são julgados rapidamente e valores preconceituosos lhes são atribuídos, baseados em alegorias, com pouco ou nenhum conhecimento a respeito. Por isso, é necessário construir e divulgar informações objetivas e críticas, de forma a garantir um conhecimento que conduza à compreensão e respeito às religiões diversas. No caso do Espiritismo de Chico Xavier, a prática não possui alegorias mascaradas num referencial religioso; as apropriações expõem o sincretismo de outras religiões, deixando claras as tendências, referências e rearranjos, forjados pelos próprios adeptos da doutrina.

Chico Xavier não se apropria de símbolos com as imagens de Maria e Jesus para prosseguir com sua fé e suas atuações sociais. As imagens e quadros presentes na sua casa, agora museu, foram presentes doados pelas pessoas que os visitavam. Devido a sua bondade e caridade, Chico Xavier recebia tais objetos como sinal de amor e gratidão das pessoas por ele, não sendo objetos cultuados e idolatrados também por ele.

Em nosso país é possível perceber uma grande diversidade religiosa, liderada por uma representatividade católica apostólica romana bastante significativa. Seguindo o Censo do

IBGE de 2000, são considerados católicos 73,35% da população, o percentual restante dividiu-se entre os diversos grupos evangélicos, espíritas e sem religiões. (Veja o quadro abaixo.) Em Uberaba, esse percentual da Tabela 5 não é muito diferente, pois muitos adeptos do Espiritismo se apresentam como sendo de outras religiões e participam, quase em sua maioria, assiduamente, das reuniões espíritas, em suas várias modalidades – estudos, passes, comunicação com os espíritos, entre outros. Não se têm as porcentagens em números sobre a quantidade de cada uma das religiões mais significativas da cidade, mas entre as principais estão o Catolicismo, o Espiritismo e o Protestantismo.

**Tabela 5: Ranking das religiões no Brasil**

Católica	73,89
Evangélica	16,22
Sem Religião <sup>26</sup>	7,35
Outras	1,99
Espíritas	1,38

FONTE: CPS/FGV A PARTIR DOS MICRODADOS DO CENSO DEMOGRÁFICO DE 2000 – DISPONÍVEL EM [HTTP://WWW.FGV.BR/CPS](http://www.fgv.br/cps)

O ranking das religiões demonstra a liderança do catolicismo em relação às demais categorias de análise. Resgatando dados de levantamentos do IBGE, visualiza-se o decréscimo, ano após ano, da religião católica e o crescimento de outras e de pessoas sem religião. Em 1940, o índice era de 95,01 e foi caindo para 93,48 (1950), 91,78 (1980), 88,19 (1990) chegando a 73,89 em 2000, como podemos visualizar no quadro a baixo:

<sup>26</sup> A categoria “sem religião” corresponde às pessoas que responderam não participarem assiduamente de nenhum tipo de manifestação religiosa institucionalizada. Declararam que acreditam em Deus ou em Força Superior.

**Tabela 6: Principais religiões do Brasil de 1980 a 2000, em porcentagem (%)**

<b>RELIGIÃO</b>	<b>1980</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>
Católicos	89,2	83,3	73,7
Evangélicos	6,6	9,0	15,4
Espíritas	0,7	1,1	1,4
Afro-brasileiros	0,57	0,44	0,34
Outras religiões	1,3	1,4	1,8
Sem religiões	1,6	4,8	7,3
<b>TOTAL</b>	<b>100,00%</b>	<b>100,00%</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: IBGE, Censos Demográficos.

Observa-se, no quadro IV, as religiões praticadas no Brasil, o número de adeptos e a porcentagem equivalente. Os espíritas possuem uma população de 2.337.432 pessoas adeptas que corresponde a 1,38% do total. Já as religiões afro-brasileiras em que muitas vezes seus adeptos se reconhecem espíritas, correspondem a 0,34. Outra novidade desse quadro está presente nos dados de número dos adeptos ao Umbanda e ao Candomblé, correspondendo respectivamente a 0,26 e 0,08 do total dos religiosos afro-brasileiros.

**Tabela 7: As Religiões do Brasil em 2000 – dados completos**

<b>RELIGIÃO</b>	<b>NÚMERO ABSOLUTO</b>	<b>%</b>
Católicos romanos	124.976.912	73,77
Evangélicos	26.166.930	15,44
Protestantes históricos	7.159.383	4,23
Pentecostais	17.689.862	10,43
Outros Evangélicos	1.317.685	0,78
Espíritas	2.337.432	1,38
Espiritualistas	39.840	0,02
Afro-brasileiros	571.329	0,34
Umbanda	432.001	0,26
Candomblé	139.328	0,08
Judeus	101.062	0,06

<b>Continuação</b>		
Budistas	245.870	0,15
Outras orientais	181.579	0,11
Muçulmanos	18.592	0,01
Hinduístas	2.979	0,00
Esotéricos	67.288	0,04
De outras tradições indígenas	10.723	0,01
De outras religiosidades	1.978.633	1,17
Sem religião	12.330.101	7,28
Declaração múltipla	382.489	0,23
<i>Brasil(*)</i>	<i>169.411.759</i>	<i>100,00%</i>

(\*) Não se inclui 387.411 casos de religião não declarada, que corresponde a 0,23% da população residente total de 169.799.170. Fonte: IBGE, Censos Demográficos.

Os fatores que mais se destacam como determinantes para as pessoas deixarem de seguir uma religião e passar a freqüentar outra são fatos sobretudo subjetivos, relacionados à fé individual de cada um. As pessoas buscam afinidades a partir das necessidades que gostariam de sanar, no momento. As trocas de religiões são muito freqüentes no nosso país. As pessoas buscam exílio nos simbolismos e rituais religiosos, a fim de fugir ou resolver temporariamente os problemas decorrentes da vida. No universo da nossa pesquisa, um dos fatores que mais pesam nessa mutação está relacionado à perda, ou seja, à morte.

Em quase todas as religiões, as experiências religiosas transcendentais ou divinas estão associadas diretamente com o sentido *da vida e da morte*, e sobre isso podem ser encontradas definições, tanto nos monoteísmos quanto nos politeísmos, procurando combater a desesperança e ocupando um grande espaço na realidade cotidiana de nosso tempo.

Diversos são os questionamentos com que as religiões inquietam nossas mentes, fiéis ou incrédulas. Qual seria o verdadeiro sentido da vida? De onde viemos? Para onde vamos depois da morte? Questões como estas ainda são fundamentais para serem respondidas e



analisadas em uma visão religiosa e técnico-científica, tentando explicar o que possivelmente em outras versões seja inexplicável pela ciência dos homens, mas muito praticada e vivenciada pela crença em Deus.

Os estudos dos espaços visíveis e invisíveis da religião, onde são institucionalizadas e desenvolvidas doutrinas e/ou religiões diversas, não são muito bem vistos por diversas ciências do mundo acadêmico, principalmente os espaços invisíveis. Alguns professores, como Corrêa e Rosendahl, estudam os espaços visíveis, mas os primeiros relatos dos espaços invisíveis identificam-se na dissertação de mestrado do professor Alberto Pereira dos Santos, defendida em 1999, na USP, em que seu principal objetivo foi desmistificar espaços de um mundo imaginário.

Em “Geografia do (in)visível: o espaço do kardecismo em São Paulo”, Santos coloca que “os espaços desconhecidos ou invisíveis sempre causam estranheza ou medo ao Homem” (SANTOS, p. 10).

Segundo Santos (1999), o termo Geografia do (in)visível “é uma expressão criada para simbolizar e definir o que denominamos de espaço do Espiritismo, ou seja, seria o espaço complementar ao espaço visível de um determinado segmento religioso. Já a Geografia do visível seriam os espaços apropriados e institucionalizados por cada segmento religioso, no território.

Diante da necessidade de se encontrar elementos para debater os espaços, numa visão geográfica, vemos no sincretismo religioso entre o Catolicismo e o Espiritismo, em Uberaba, uma possibilidade de explicar como as religiões se reorganizam entre si, possibilitando contatos, interações e profissão da fé em algo inexplicável. Embora Chico Xavier trabalhasse reorganizando grupos solidários segundo o Espiritismo, possibilitou diversos contatos e interações com pessoas de influência social e também com aqueles de origens sociais mais humildes, fazendo do inexplicável da fé algo palpável e explicado pela doutrina. As

apropriações possibilitam as reorganizações das estruturas religiosas, dentre elas, as práticas grupais e também individuais, em nome do sagrado.

Em “Repensando o Sincretismo”, Sérgio Figueiredo Ferretti coloca o sincretismo religioso da forma como ele é compreendido, por diversas visões de paradigmas.

Para ele:

O sincretismo é um processo que se propõe resolver uma situação de conflito cultural. Neste, a principal característica é a luta pelo status, ou seja, o esforço empreendido no sentido de conseguir uma posição que se ajuste à idéia que o indivíduo ou o grupo tem da função que desempenha dentro de sua cultura (FERRETI, 1995, p. 10).

Ele ainda relata que:

O sincretismo religioso se caracteriza, fundamentalmente, por uma intermistura de elementos culturais. Uma íntima inter fusão, uma verdadeira simbiose, que dá em resultado uma fisionomia cultural nova, na qual e associam e se combinam em maior ou menor proporção, as marcas características das culturas originárias (FERRETI, 1995, p. 11).

Diante dessas concepções, identifica-se que as religiões fundem-se, dando elementos suficientes para formarem suas individualidades e até mesmo para conviverem harmoniosamente entre si. Essa simbiose e a conformidade entre seus elementos pode gerar novas crenças ou simplesmente modificações de visões de um ou outro elemento cultural ou mesmo doutrinário, dentro da própria religião.

Em Uberaba, o Catolicismo, dantes predominante, por intermédio da pessoa de Chico Xavier, encontra-se com o Espiritismo paciente do médium e gera discussão em torno da sua religiosidade, das crenças das pessoas que o visitavam e, principalmente, em torno da fé, de uma maneira geral. Nesse caso específico, pelo menos se analisado pelo referencial espírita, o sincretismo abrangeu seu desenvolvimento de interação cultural fazendo com que Chico Xavier, reorganizasse e se apropriasse de elementos católicos que ele acreditava para difundir

os ensinamentos de Kardec por meio de preceitos e vivências cristãs. Isso ocorreu não somente com relação do Catolicismo com o Espiritismo, mas do Catolicismo de uma forma geral.

Desse modo, concordamos com Ferreti, quando este afirma que:

O sincretismo católico é capaz de manifestar-se nas mais diversas culturas e etnias, nas mais diversas classes sociais, incorporando elementos dos mais variados, mas nunca perde seu referencial católico (FERRETI, 1995, p. 76).

A idéia de sincretismo e/ou pluralismo religioso em torno da figura de Chico Xavier esta relacionada nas exposições das imagens e símbolos do catolicismo no museu construído em sua homenagem. Embora as exposições datam, segundo relatos de informantes-chaves, períodos em que Chico Xavier ainda era vivo. Entendemos que o pluralismo que envolve Chico Xavier e o catolicismo tem por intermédio, seus seguidores. Assim, essa idéia seria subliminar, aparece como uma relação de trocas; ou seja, os seguidores e adeptos da religião católica, aproximam Chico Xavier dos misticismos católico, bem como, a aceitação por parte do médium dessa aproximação.

São diversas as visões sobre a incorporação de elementos católicos aos rituais sagrados das diversas religiões. Este pode ser compreendido como uma maneira de não contrariar as antigas raízes históricas da religião, em que o poder da Igreja predominava e dominava as pessoas, ou mesmo por se tratar de um referencial histórico aceito, apesar das modificações. Essa dominação acontece em aspectos distintos. Não se trata de uma completa alienação. Essa dominação ocorre nos momentos de falha e de fraquezas, quando a fé precisa ser renovada e muitas vezes os problemas cotidianos fazem com que se recorra à religião para enfrentar de uma realidade momentânea que o traz sofrimentos. Quando a pessoa se sente protegida e amparada pela religião, pela sua fé, a dominação deixa de ser externa e passa a ser interna. A pessoa passa a crer, e a crença também domina e liberta, aliena e desaliena as ações e faz

apresentar diversidades nas ações. É um processo cíclico e dialético. Da mesma forma que a religião domina, ela é dominada. As pessoas absorvem e são absorvidas também pelos dogmatismos religiosos.

A crença é algo que também se modifica. As pessoas crêem em algo que lhes traz bem-estar. Na religião, quando surgem os questionamentos, a fé é abalada, mas não deixa de existir totalmente, passa por transformações e aceitações. Assim o sagrado se concentra e se manifesta no espaço e também nas pessoas. É dessa forma que ele ganha espaços, formas e valores. É a partir disso que ele se torna acessível e universal.

Diante de todas as atividades desenvolvidas por Chico, em Uberaba/MG, podemos destacar os trabalhos filantrópicos e mediúnicos, serviços esses prestados tendo como maior enfoque a população carente do município. Quando a notícia de que em Uberaba existia um homem que conseguia comunicar-se com os mortos e confortar com suas palavras as aflições pessoais daqueles que sofrem por terem perdido seus entes queridos, as atividades de filantropia e de mediunidade passaram a ser muito visadas e sinônimo de competições entre os adeptos e simpatizantes do Espiritismo, que cada vez mais queriam a presença de Chico, para poderem conversar e estar perto dele.

Chico Xavier falece em 30 de junho de 2002; desde então os trabalhos mediúnicos, Uberaba como “Capital do Espiritismo”, as visitas, as necessidades dos adeptos e simpatizantes entraram num processo de transformações que serão trabalhadas no decorrer da pesquisa.

Podemos afirmar que as transformações que vêm passando, não somente as pessoas que nele confiavam sua fé, como também os espaços por ele apropriados e construídos na cidade para a difusão da doutrina, estão sendo refuncionalizados, baseados no ideal do próprio ensinamento do Espiritismo, que defende a idéia de que há vida após a morte terrena e que a presença espiritual continua nos trabalhos e nas vivências cotidianas.

Na cidade de Uberaba, as obras de caridade, os trabalhos mediúnicos continuam sendo realizados pelos discípulos de Chico Xavier. Sua residência passou a Museu, que retrata sua trajetória de vida mediúnica e de renúncia. Já no cemitério da cidade, o Mausoléu construído em sua homenagem resgata sua vida e sua morte, deixando sempre presente a idéia de que a vida continua, apesar de tudo o que aconteceu.

Os defensores da doutrina espírita caracterizam-na como uma nova ciência, que vem revelar aos homens a existência e a natureza do mundo espiritual e suas relações com o mundo físico. O Espiritismo revela um mundo espiritual, não mais como algo sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e incessantemente ativas da Natureza. Também, como a fonte de uma multidão de fenômenos incompreendidos até então e, por esta razão, encarados como coisas do fantástico e do maravilhoso. Para muitos, o Espiritismo é a chave qual explicaria todos os fenômenos, com muita facilidade. Para outros, por meio de Chico Xavier e sua vida de devoção, encontrou-se o equilíbrio entre confiar e praticar.

## **CAPITULO 2**

# **TRAJETÓRIAS DO MITO: DA FAMÍLIA CATÓLICA À MISSÃO DE DIFUSOR DO ESPIRITISMO**

“Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim”.

Emmanuel - Chico Xavier

## **2.1 – Do Catolicismo ao Espiritismo: As trajetórias religiosas do mito Chico Xavier**

Na pequena cidade de Pedro Leopoldo/MG, município este que dista trinta e cinco quilômetros de Belo Horizonte/MG, nasceu, no segundo dia do mês de abril de mil novecentos e dez, Francisco Cândido Xavier. Chico Xavier, como era chamado pelos seus, nasceu em seio católico, filho de João Cândido Xavier, um vendedor de bilhetes de loteria, e de Maria João de Deus, dona-de-casa esmerada no cuidado do lar, do marido e na criação de seus nove filhos.

Nessa época, o Espiritismo era comumente confundido com bruxaria e rituais de magia negra. Tornava-se proibido qualquer assunto sobre espíritos e vidas além-túmulo; as sensibilidades de percepções de tais fenômenos, então, seria sinônimo de loucura. Sendo assim, jamais alguém poderia sequer imaginar que o frágil “Chico” viria a ser um dos maiores representantes da Doutrina Espírita.

Desde muito pequeno, o “menino Chico” teve a sua vida assinalada por singulares manifestações. Seu pai chegou, inclusive, a crer que o seu verdadeiro filho havia sido trocado por outro... Aquele seu filho era estranho!... (SOUTO MAIOR, 2003).

Aos quatro anos de idade, Chico Xavier, surpreendentemente, explicou à família, em linguagem médica, a morte de um bebê da vizinha, que ainda se encontrava no ventre de sua mãe. Explicou dizendo: “O que houve foi um problema de nidação inadequada do ovo, de modo que a criança adquiriu posição equitópica” (BARBOSA, s/d, p. 02). Ele chocou, horrorizou e despertou o medo na comunidade na qual vivia, após este e outros inúmeros relatos do gênero.

Chico Xavier teve uma infância muito pobre, era frágil e miúdo. Perdas e sofrimentos foram quase que uma constante em sua infância e adolescência. Sua mãe faleceu quando ele ainda contava apenas cinco anos. Foi a partir dessa perda que a mediunidade manifestou-se.

Diante do meu conhecimento da vida e das obras de caridade de Chico Xavier, sua trajetória sempre cheia de grandes conflitos e extremas dificuldades. Ele cresceu num ambiente de pobreza, mas nunca perdeu a humildade, possuindo sempre o coração puro e bom, incapaz de proferir uma palavra obscena, de um gesto de desobediência às pessoas. Sobre a sua mediunidade, ele mesmo relatava que as "sombras" amigas não o deixavam, lembrando-o constantemente de sua missão de missionários. A primeira a manifestar-se foi sua mãe, Dona Maria João, que sempre lhe fazia companhia e auxiliava-o em seus caminhos tortuosos. A primeira alma a manifestar-se para ele foi a de sua mãe, Maria João, que quase sempre se fazia companheira na sua caminhada árdua (Relato de informante-chave n°. 1<sup>27</sup>).

A mãe aparecia-lhe acompanhada por outros espíritos no quintal da casa. Mas as pessoas desacreditavam quando Chico Xavier relatava os episódios de visitas de sua mãe. Mentiroso e perturbado mental eram os predicados concedidos a ele por relatar tais passagens. Ele gostava dos espíritos, porém não entendia muito bem com aquelas manifestações se realizavam e por que sempre culminavam em repreensões e castigos, pelas suas supostas mentiras.

Com a morte da mãe, seu pai encontrava-se desolado e sem saber o que fazer. Desempregado e sem condições de sustentar os próprios filhos, João Cândido viu-se na obrigação de entregá-los a famílias amigas.

O pequeno “Chico” foi morar com sua madrinha, Rita de Cássia, e o padrinho, José Felizardo Sobrinho. Se já havia sofrimento na vida de Chico, quando foi morar em casa de sua madrinha, tal sofrimento só aumentou, tornando-se um verdadeiro martírio, aparentemente infinito, aos olhos de qualquer ser humano.

---

<sup>27</sup> Na introdução do trabalho consta uma nota de rodapé contendo informações sobre o informante –chave, bem como o motivo de manter o anonimato.



Quando Chico foi morar na casa dos padrinhos a vida dele se tornou um inferno. A madrinha dele era bastante 'atentada' e fazia ele sofrer muito. Mas ele nunca perdeu sua fé, mesmo apanhando e sendo considerado como louco, ele não desanimou. Rezava muito. Acho que ele acreditava que se rezasse cada vez mais diminuiria o tempo do seu sofrimento (Relato de informante-chave nº. 1).

A madrinha, na sua ignorância e incompreensão, apavorada com o dom mediúnico do afilhado, surrava-o incansavelmente com vara de marmelo, espetava-lhe garfo na barriga, para que Chico não saísse do quarto. Esta punição resultou numa ferida, que se manteve aberta por muito tempo. As punições físicas tornaram-se tão freqüentes que, ao levantar, Chico Xavier já esperava a primeira surra antes mesmo de tomar o café. Após a surra, aí sim, tomava seu café, com a alegria de já ter saldado uma parcela. Rita de Cássia alegava que o sobrinho tinha “o diabo no corpo”, já que ele contava as visões que tinha de espíritos e principalmente de sua mãe. Eram surras intermináveis e outras torturas maldosas. Tais eventos assemelhavam-se a sessões de exorcismo, como se a madrinha pudesse tirar de “Chico” o “diabo” que ela achava que ele possuía.

Outro episódio que aconteceu sucessivamente, foi em relação ao primo, chamado Moacir, de doze anos, filho de Maria Rita, que sofria de uma crônica ferida na perna. Tendo sua mãe ido à procura de uma curandeira, esta receitara uma lambida dada por uma pessoa, todas as sextas-feiras. Além de receitar tal absurdo, também fora categórica ao indicar o “menino doido” para tal tarefa. Durante três semanas, todas as sextas-feiras, Chico, em jejum, lambia a perna de Moacir com os olhos fechados e pedindo forças para conseguir cumprir mais uma de suas obrigações. Tais eventos tornavam Chico Xavier uma figura enigmática que sob a fé da tia, reforçavam e creditavam a Chico a capacidade de provocar fenômenos inexplicáveis para a ciência. Nesta perspectiva, tudo indica que é a partir de episódios como o das feridas do primo que foram curadas, como num passe de mágicas, num milagre que Chico passa a ser considerado pelos familiares e vizinhos como uma pessoa diferente.

No período de permanência na casa dos padrinhos, Chico Xavier tinha diariamente contato com a mãe, quando se refugiava no quintal. A mãe anunciava em suas aparições que um “anjo” estava por vir e que esse anjo reuniria toda família novamente. Pouco tempo passou e seu pai casou-se novamente com Maria Cidália Batista, que teve como principal exigência a reunião dos nove filhos de João, inclusive o pequeno Chico Xavier.

Passando-se os anos, Chico Xavier estreitou ainda mais os laços com os espíritos, e cada vez mais freqüentemente estes faziam-no ver essas manifestações como uma missão, apesar disto confrontar-se com seus princípios religiosos.

Durante as missas que iam assistir, em família, relatava ver focos de luz transformarem-se em hóstia sagrada, pessoas mortas circularem entre os vivos, trazendo sempre rosas nas mãos e beijando as imagens dos santos. Relatava, ainda, que podia ouvi-las, deixando assim transparecer, não só à sua família, mas a todos que o conheciam, suas percepções espirituais. As pessoas o chamavam de louco. A família passou a cogitar a idéia de interná-lo num hospício, mas a madrastra, apesar de não entender os fenômenos mediúnicos descritos pelo enteado, tratava-o com carinho e o apoiava, sempre com a certeza de que alguém, futuramente, explicaria tudo aquilo que eles, até então, não entendiam.

Encaminhado, pela madrastra, a um sacerdote amigo, Chico entregou-se à fé católica fervorosamente. Nessa época, o contato com os espíritos tornou-se mais freqüente, permitindo que a opção de interná-lo em um hospício parecesse a única possível. Além rezar grandes quantidades de Ave-Marias, o padre impôs a Chico que ele deveria seguir todas as procissões da cidade com uma pedra de quinze quilos na cabeça. Quanto mais Chico Xavier se aproximava das obras católicas maiores eram os contatos por parte dos espíritos.

Como somente a freqüência ao Catolicismo não afastou os “fantasmas do além”, a sugestão do vigário Sebastião Scarzelli, de colocar o menino para trabalhar na fábrica de

tecidos de Pedro Leopoldo, além de livrá-lo da camisa de força, colaboraria para o reforço do orçamento familiar.

E assim sucedeu que, aos nove anos, Chico estava empregado numa fábrica de tecidos em Pedro Leopoldo/MG, e sua rotina era duríssima. Às três horas da tarde entrava na fábrica, onde desempenhava a função de tecelão, até uma hora da manhã. Dormia até as seis horas, ia para a escola, saía às onze horas, almoçava, dormia um pouco e voltava ao trabalho novamente. Diante da ambigüidade dos estudos e do trabalho pesado, Chico Xavier encontrou dificuldade em exercer sua missão na fábrica. A poeira de algodão da fábrica de tecidos onde trabalhava originou dificuldades respiratórias, Chico Xavier, por esse motivo, repetiu o último ano do primário.

Mais tarde aceitou a proposta do padrinho e trocou o emprego da fábrica pelos afazeres no armazém. Como sempre teve a saúde debilitada, o ritmo de trabalho pesado o prejudicava ainda mais. No armazém ganhava menos que na fábrica, mas pelo menos trabalhava durante o dia, e podia descansar durante a noite, voltando a uma rotina mais normal. Trabalhava como balconista das 7:00h às 20:00h. Lá, a exigência física e os perigos contra a saúde eram menores que na fábrica e o pagamento, maior que num bar, onde também trabalhou anteriormente. Tudo que acontecia na sua vida era muito difícil e árduo. A construção de sua trajetória de vida demonstra barreiras e provas diante de sua fé e resignação.

Revezava seu tempo entre o trabalho e os estudos. No ano de 1922, Chico Xavier, então com doze anos, participou de um concurso de redações instituído pelo Governo de Minas Gerais, em comemoração ao Centenário da Independência. Chico comentou com sua professora, Dona Rosária Laranjeiras, que havia um ser invisível ditando-lhe o que deveria ser escrito. Obviamente, a professora, católica fervorosa, não acreditou e pediu para que ele retornasse ao seu lugar, dando continuidade à sua tarefa de redigir.

Ao receber menção honrosa da Secretaria de Educação de Minas, pelo texto, alguns de seus colegas passaram a desconfiar que Chico pudesse ter copiado o texto de algum livro de história. Sendo assim, Chico Xavier foi desafiado a fazer um exame público para comprovar sua capacidade de redação, já que alguns acreditavam e outros faziam pouco caso de sua mediunidade. Entre todos os temas sugeridos, o escolhido foi “areia”.

Assim iniciou sua redação: “Ninguém escarneça da criação. O grão de areia é quase nada, mas parece uma estrela pequenina refletindo o Sol de Deus...”. Presumiu-se que um garoto de apenas doze anos de idade seria incapaz de formular esta, entre outras citações sobre “areia” e que realmente algo de misterioso rodeava o menino “Chico”. Ele redigia com muita facilidade e utilizando termos poéticos, de forma completamente diferente do estilo de escrita de um menino de sua idade.

Sua vida prosseguia, sempre carregando o fardo pesado da mediunidade aflorada. Em meio a tantos martírios, as doenças não se apoderavam somente dele; outras se manifestavam em outros membros da casa, como o caso da irmã, que sofria com outras fraquezas. No ano de 1927, uma das suas irmãs, Maria da Conceição Xavier, sofreu um grave desequilíbrio mental. Até então, toda a família seguia os preceitos da Igreja Católica. Nesse momento, o pai autorizou a intervenção espírita, que Chico Xavier garantia que poderia ajudar. Já não alimentavam esperanças para a cura da moça, e essa intervenção era muito improvável.

Sob orientação do Sr. José Hermínio Perácio e sua esposa, Carmem Pena Perácio, iniciou-se um trabalho de passes e, com o passar das sessões, a irmã foi apresentando melhoras em seu quadro de saúde. As sessões eram regidas pelos ensinamentos contidos no “Evangelho segundo o Espiritismo” e no “Livro dos Espíritos”, ambas as obras codificadas por Allan Kardec.

Tendo conversado com o padre Sebastião sobre o restabelecimento de sua irmã Maria, percebeu que o mesmo não o condenara, porém a Igreja Católica não aprovava o Espiritismo,

já que o velho dogma do Vaticano nega até os dias atuais a comunicação com os “mortos” e a possibilidade da reencarnação.

Diante dos resultados e também de sua vocação, Chico Xavier ajudou, juntamente com o irmão José Xavier, a fundar o primeiro centro espírita em Pedro Leopoldo/MG. Trabalhavam em família. Segundo um depoimento do próprio Chico Xavier, retirado de uma entrevista contida no livro do médium mineiro Carlos Baccelli, “Espiritismo em Uberaba”, ele expõe que:

Era uma noite quase gelada e os companheiros que se acomodavam junto à mesa me seguiram os movimentos do braço, curiosos e comovidos. A sala não era grande, mas, no começo da primeira transmissão de um comunicado do mais Além, por meu intermédio, senti-me fora de meu próprio corpo físico, embora junto dele. No entanto, ao passo que o mensageiro escrevia as dezessete páginas que nos dedicou, minha visão habitual experimentou significativa alteração. As paredes que nos limitavam o espaço desapareceram. O telhado como que se desfez e, fixando o olhar no alto, podia ver estrelas que tremeluziam no escuro da noite. Entretanto, relanceando o olhar no ambiente, notei que toda uma assembléia de entidades amigas me fitavam com simpatia e bondade, em cuja expressão adivinhava, por telepatia espontânea, que me encorajavam em silêncio para o trabalho a ser realizado, sobretudo, animando-me para que nada receasse quanto ao caminho a percorrer (BACCELLI, 1987, p. 39).

A primeira mensagem que Chico recebeu foi da mãe, Maria João de Deus, mas o primeiro contato com seu mentor espiritual, *Emmanuel*, foi em 1931. Chico encontrava-se à beira de um açude, onde costumava refugiar-se para meditar e rezar, quando foi surpreendido com a imagem de um homem envolvido por raios de luzes, vestido com uma túnica branca parecida com as roupas usadas pelos sacerdotes de Cristo. *Emmanuel* logo se apresentou e relatou as exigências que deveriam ser cumpridas, caso Chico quisesse trabalhar na mediunidade. O primeiro e principal requisito seria a disciplina. Tudo na sua vida resumir-se-ia na disciplina que deveria ter para conseguir ultrapassar a trajetória traçada por ele, *Emmanuel*. Ele teria o livre-arbítrio para decidir. Seguir ou não a disciplina. A resposta que Chico deu ao espírito de luz foi sim. Segundo Baccelli, ali começaria uma grande trajetória de difusão de luz para o Espiritismo. Escolheu difundir o ideal espírita cristão e proliferar os ensinamentos de Kardec.

A segunda mais importante orientação de Emmanuel para o médium é assim lembrada: - "Lembro-me de que num dos primeiros contatos comigo, ele me preveniu que pretendia trabalhar ao meu lado, por tempo longo, mas que eu deveria, acima de tudo, procurar os ensinamentos de Jesus e as lições de Allan Kardec e, disse mais, que, se um dia, ele, Emmanuel, algo me aconselhasse que não estivesse de acordo com as palavras de Jesus e de Kardec, que eu devia permanecer com Jesus e Kardec, procurando esquecê-lo" (BACCELLI, 1987, p. 59).

Por diversas vezes as pessoas passavam e viam Chico Xavier sozinho no Centro, conversando com as paredes, episódios estes que facilitavam ainda mais os comentários sobre sua sanidade mental. A sensação que Chico Xavier tinha, ao receber as primeiras mensagens era de como se um cinto de ferro apertasse sua cabeça, aos poucos. Sentiu, também, como se seu braço fosse de ferro, movido por uma força muito grande, que o manejava sem suas próprias reações. O médium precisou de muito exercício psicográfico para acostumar-se.

Até a chegada de Emmanuel, a tarefa mediúnica de Chico Xavier era semelhante a uma cerâmica em fase de experiências, sem técnica eficiente na direção; com Emmanuel veio a orientação precisa, com o discernimento e a segurança que ele precisava seguir. Além de instruir o médium a não se preocupar com as críticas e com aqueles que tentavam ridicularizar seu trabalho, Emmanuel também adaptou Chico Xavier à nova missão de aumentar seus conhecimentos do curso primário. Traçando horários e programas de estudo, permitindo que ele aperfeiçoasse sua gramática e datilografia. Porém, o mentor espiritual fazia a máxima questão de reforçar a importância do tratamento com os outros, já que acreditava ser no trato com o próximo que a luz do Evangelho de Jesus deveria (e deve) ser comunicada e difundida. (BACCELLI, p. 60).

Emmanuel havia explicado que, mesmo Chico Xavier tendo sido escolhido para uma nobre missão, ele não deveria esperar troca de privilégios do mundo espiritual. Sendo assim, por já sofrer de uma doença no olho esquerdo que, somado ao estrabismo do olho direito, deixava-o com a visão embaçada, ele partiu em busca de ajuda médica.

A primeira obra psicografada por Chico Xavier, foi “Parnaso de Além-Túmulo”, obra esta em que espíritos como de Augusto dos Anjos, de Castro Alves entre outros, ditaram 56 poesias que foram publicadas em 1931.

Quando “Chico” publicou sua primeira obra, “Parnaso de Além-Túmulo”, e esta chegou até as livrarias, em 1932, o fato causou um grande alvoroço. A coletânea continha 59 poemas assinados por poetas ilustres mortos. Naquela época do lançamento, meu pai contava que “Chico” foi muito humilhado. E que o escândalo foi até parar na justiça por causa da esposa do Humberto de Campos, que reconheceu o estilo literário do marido e acusou “Chico” de plágio e até mesmo de se apropriar dos direitos autorais dos escritos. Foi um absurdo, um abuso, uma loucura que Chico vivenciou com toda a sua calma e humildade. Ninguém entendia porque ele não assumia autoria dos poemas. Ele se mantinha firme, recusando todas as propostas de negar o fato de que todos aqueles poemas haviam sido ditados pelos espíritos de defuntos poetas (Relato de informante-chave nº. 2).

Em 1935, Chico Xavier passou a psicografar textos de Humberto de Campos, que havia desencarnado em dezembro de 1934. Também em 1935, ocorreu a segunda edição do seu primeiro livro, “Parnaso de Além-Túmulo”, com acréscimos que levaram a obra a quase triplicar de tamanho. Foram incluídos poemas psicografados por Olavo Bilac, dentre outros poetas brasileiros e portugueses, já desencarnados. Prefaciando “Parnaso de Além-Túmulo”, escreveu Manuel Quintão: “Romantismo, Condoreirismo, Parnasianismo, Simbolismo, aí se ostentam em louçanias de sons e de cores, para afirmar não mais subjetiva, mas objetivamente, a sobrevivência de seus intérpretes”.

No prefácio do livro “Parnaso de Além-Túmulo”, o poeta Humberto de Campos saúda os poetas do outro mundo com um sinal de convocação para que a literatura se complete. Dantes, enquanto vivos, muitos escritos não conheceram o reconhecimento de seus trabalhos, de sua arte. Na situação de desencarnado, desfrutaram da nova oportunidade de serem lidos e reconhecidos. Até mesmo a crítica é muito bem-vinda, pois os deixa com a impressão de que estão sendo compreendidos.

De pé, os mortos!

Pede-me você uma palavra para o intróito do “Parnaso de Além-Túmulo”, que aparecerá brevemente em nova edição.

A tarefa é difícil. Nas minhas atuais condições de vida, tenho de destoar da opinião que já expedi nas contingências da carne.

Os vivos do Além e os vivos da Terra não podem enxergar as coisas através de prismas idênticos. Imagine se o aparelho visual do homem fosse acomodado, segundo a potencialidade dos raios X: as cidades estariam povoadas de esqueletos, os campos se apresentariam como desertos, o mundo constituiria um conjunto de aspectos inverossímeis e inesperados. Cada esfera da vida está subordinada a certo determinismo, no domínio do conhecimento e da sensação.

Decerto, os que receberem novamente o “Parnaso de Além-Túmulo” dirão mais ou menos o que eu disse. Não de estranhar que os mortos prossigam com as mesmas tendências, tangendo os mesmos assuntos que aí constituíam a série de suas preocupações. Existem até os que reclamam contra a nossa liberdade. Desejariam que estivéssemos algemados nos tormentos do inferno, em recompensa dos nossos desequilíbrios no mundo, como se os nossos amargores, daí, não bastassem para nos inclinar à verdade compassiva.

Individualmente, é indubitável que possuímos no Além o reflexo das nossas virtudes ou das nossas misérias.

Mas é razoável que apareçamos no mundo, gritando como alucinados? Os habitantes dos reinos da Morte ainda apreciam o decoro e a decência, e o nosso presente é sempre a experiência do passado e a esperança no futuro.

“Parnaso de Além-Túmulo” sairá de novo, como a mensagem harmoniosa dos poetas que amaram e sofreram. Cármen Cinira aí está com os seus sonhos desfeitos, de mulher e de menina, Casimiro com a sua sensibilidade infantil, Junqueiro com a sua ironia, Antero com a sua rima austera e dolorosa. Todos aí estão, dentro das suas características.

Os mortos falam e a Humanidade está ansiosa, aguardando a sua palavra. Consta-se que na guerra russo-japonesa, terminada a batalha de Tsushima, o grande Togo reuniu os seus soldados no cemitério de Oógama, e na tristeza majestosa do ambiente, em nome da nacionalidade, dirigiu-se aos mortos em termos comovedores; concitou-se auxiliar as manobras militares, a visitar os cruzadores de guerra, levantando o ânimo dos companheiros que haviam ficado nas pelejas. Uma claridade nova cantou as energias espirituais do valente adversário da pátria de Stoessel e os filhos de Yoritomo venceram.

Na atualidade, afigura-se-nos que os brados de todos os sofredores e infelizes da Terra se concentraram numa súplica grandiosa que invade as vastidões como o grito do valoroso almirante.

De pé, os mortos!... – exclama-se – porque os vivos da Terra se perdem nos abismos tenebrosos. Os institutos da Civilização têm sido imponentes para resolver o problema do nosso ser e dos nossos destinos.

As filosofias e as religiões estenderam sobre nós o manto carinhoso das suas concepções, mas esses mantos estão rotos!... Temos frio, temos fome, temos sede!

E os considerados mortos falam ao mundo na sua linguagem de estranha purificação. A Ciência, zelosa de suas conquistas, ainda não ouviu a sua vibração misteriosa, mas os filhos do infortúnio sentem-se envolvidos na onda divina de um novo *Glória in excelsis*, e a Humanidade sofredora sente-se no caminho consolador da sublime esperança.

Humberto de Campos – espírito<sup>28</sup> (XAVIER, 1910, p. 35-36).

A imprensa do jornal “O Globo”, do Rio de Janeiro, publicou uma série de reportagens sobre o médium, o que fez com que a fama de Chico Xavier decorrente dos seus feitos

---

<sup>28</sup> À guisa de prefácio da 10ª edição “Parnaso de Além-Túmulo”, livro psicografado por Chico Xavier em 1932.



mediúnicos ultrapassasse as fronteiras de Minas Gerais e começasse a atrair pessoas de várias localidades do país, fazendo de Pedro Leopoldo um novo centro de verdadeiras romarias.

Considerado “símbolo de amor e doçura”, doou todos os direitos autorais dos livros que psicografou e o resultado da renda média anual em torno de 650 mil dólares, vivendo apenas de sua pequena aposentadoria como escriturário no Ministério da Agricultura. Os recursos dessa doação mantêm cerca de duas mil obras sociais – somente em Fortaleza/CE a renda obtida com a venda dos livros do médium permitiu o parto gratuito de 100 mil mulheres (Reportagem do Jornal da Manhã do dia 02/07/2002)<sup>29</sup>.

Em decorrência dessa reportagem, observamos que Chico Xavier não obterá um sucessor, mas, sim, pessoas que procederam com seus trabalhos de cunho social. Seu amor ao próximo, quanto a sua grandiosa caridade não se restringiam a territórios limitados, mas sim ultrapassam barreiras geográficas dos locais em que ele residiu (Pedro Leopoldo/MG depois Uberaba/MG). Sua fé tornou-se pública, com os livros, e a partir deles e com eles foi se institucionalizando uma rede de solidariedade que atingiu milhares de pessoas das mais diferentes formas. Sendo pelas leituras dos livros, ou até mesmo pelas mensagens da Internet ou simplesmente pela prece (oração) rito este primordial para a doutrina espírita.

A mídia, os livros psicografados com histórias e mensagens do além, as pessoas adeptas e também as simpatizantes do Espiritismo, os médiuns que se relacionam de uma maneira única pela força das manifestações religiosas, constituem uma rede imaginária de solidariedade, no qual o principal objetivo seria disseminar amor e caridade aos outros sem obter benefício próprio.

Quando se faz referência à mídia, como instrumento de difusão da imagem de Chico Xavier como homem e como mito, fica-se diante de suas estratégias de se apropriar de uma figura conhecida a fim de lançá-lo como um produto, um referencial. A mídia em si cria e recria formas empregando-as de sentidos decorrentes de suas imagens; no presente caso,

---

<sup>29</sup> Matéria publicada no Jornal da Manhã de Uberaba/MG, presente no site <http://paginas.terra.com.br/arte/chicoxavier/atendimento.htm>.

Chico Xavier já foi apresentado como fraude, envolvido em casos judiciais polêmicos, como instrumento de difusão de uma nova doutrina, como um homem humilde, bom e caridoso, como ídolo (a partir da sua morte) e depois de alguns anos como mártir, simbólico e santificado em decorrência da vida terrena.

Exemplo dessas interfaces pode-se conhecer na reportagem que mostra uma mensagem psicografada por Chico Xavier, que foi levada ao tribunal, onde a vítima depõe a favor do réu. Vejamos o trecho extraído da Revista Isto É<sup>30</sup>, em que retrata o dualismo de sua figura mitológica, podendo ser compreendida por algumas pessoas e desprovidas de sentido e significado por muitas outras.

José Divino Nunes, acusado de matar o melhor amigo, Mauricio Henrique, só escapou da prisão perpétua porque o juiz aceitou o depoimento da própria vítima, psicografado por Chico Xavier. O caso aconteceu em outubro de 1979, na pequena cidade de Goiânia de Campinas, em Goiás. “Mauricio” inocentou o amigo e ainda revelou a identidade do verdadeiro assassino, que só não foi preso porque conseguiu fugir a tempo. O dom de Francisco Cândido Xavier já salvou a pele de muita gente e acalmou a alma de outros tantos, trazendo notícias “do outro lado” para mães, viúvas e toda sorte de aflitos (Revista Isto É, edição digital, s/d).

Quando aconteceu tal fato, Chico Xavier trabalhava como escrevente-datilógrafo na Inspetoria Regional de Serviços de Fomento da Produção Animal, órgão do Ministério da Agricultura, prestando serviços na Fazenda Modelo, em Pedro Leopoldo. Fazia relatórios de bois, cavalos e jumentos, que eram criados na fazenda. Dividia o seu dia entre o trabalho na Fazenda Modelo e de madrugada psicografava para os escritores do além.

Este não foi o primeiro caso que levou Chico Xavier aos tribunais. Em um momento anterior, especificamente no início de 1944, a viúva de Humberto de Campos inicia um processo judicial contra Chico Xavier, alegando fraude em suas obras, e cujo conteúdo pertenceria, então, a ela, juntamente com os direitos autorais dos escritos de seu falecido

---

<sup>30</sup> O fragmento foi extraído do artigo “O Brasileiro do Século” encontrado no site da Revista Isto É da Internet, cuja página é <http://www.terra.com.br/istoe/brasileiro/religiao/relig3.thm>. Nessa reportagem foram abordados os nomes dos brasileiros que ganharam o prêmio de Brasileiros do Século. Chico Xavier ficou em terceiro lugar no ranking, ficando atrás somente de celebridades como Irmã Dulce e Helder Câmara.

marido. O juiz João Frederico Mourão Russel anunciou, em sentença no dia 12 de agosto de 1944, que direitos autorais são atribuídos quando publicados em vida.

Nesses anos todos, não faltam casos desagradáveis: Chico se envolveu num caso de polícia ao escrever livros e assinar com o nome de mortos famosos. Em 1935, Chico começou a receber mensagens de Humberto de Campos, já falecido, logo transformadas em livro. Para Agripino Grieco, melhor amigo o escritor, o livro era de cabo a rabo o estilo de Humberto. Houve rumores de que não morreria e continuava escrevendo, um golpe de marketing. Com isso, a viúva entrou na Justiça contra Chico Xavier, pedindo parte da renda do livro, pois detinha os direitos autorais do marido. A polêmica foi tanta que até os meios de comunicação passaram a discutir o assunto em seus editoriais. “O Estado de São Paulo” afirma que a Lei tinha duas opções: se achasse que o autor era mesmo Humberto de Campos, os editores deveriam pagar os direitos à viúva; se concluísse que ele não era o autor psicografado por Chico Xavier, a Academia Brasileira de Letras deveria reservar lugar de honra para o jovem fenômeno, na época com 25 anos.

O problema é que, se a Justiça desse ganho à viúva, aceitaria então o fato de que o Espiritismo é real. Como o Espiritismo era considerado bruxaria, seria difícil aceita-lo como religião.

Para se defender, Chico sugeriu ao juiz que assistisse a uma sessão de psicografia, ditada por Humberto de Campos. O magistrado não aceitou alegando que o escritor estava morto e que não existe forma cabível dele se manifestar e nem ter direitos autorais sobre novas obras. A viúva não ganhou a causa e Chico passou a assinar aqueles textos com o pseudônimo de Irmão X (Revista da Coleção Luzes do Caminho – Chico Xavier, nº 03, p. 61).

Muitos e muitos foram os “causos e casos” de Chico Xavier, durante sua trajetória com mediador do além. Até mesmo um mistério, envolvendo sua mudança para Uberaba/MG, nunca foi realmente desvendado.

Em 1958, quando Chico Xavier já era famoso, tendo psicografado 61 livros, um desagradável episódio marcaria sua transferência para Uberaba. Seu sobrinho Amauri, filho de Maria Conceição Xavier Pena (a irmã que anos antes sofrera um processo de obsessão), se dizia médium e, como o tio, também psicografava. Através dele, Luis de Camões teria escrito um novo ‘*Lusíadas*’. Mas, inesperadamente, neste ano, Amauri procura a imprensa para se revelar farsante. Afirmou que tudo que havia psicografado não passava de fruto de sua imaginação. Não satisfeito, ainda acusa: “Assim como tio Chico, tenho uma enorme facilidade de fazer versos imitando qualquer estilo de grandes autores. Tanto eu quanto ele descobrimos isso muito cedo. Tio Chico é inteligente, lê muito e, com ajuda de outro mundo ou sem ela, vai continuar escrevendo seus versos e seus livros (Revista da Coleção Luzes do Caminho – Chico Xavier, nº 03, p. 57).

Tal notícia “caiu como uma bomba” na imprensa local e logo se espalhou. Chico Xavier, muito decepcionado com a postura do sobrinho tentou encobrir o caso e aproveitou sua delicada saúde para justificar sua transferência de Pedro Leopoldo/MG para Uberaba/MG

como sendo por precauções e recomendações médicas. Alegando um problema de labirintite e uma crise de hérnia de disco, Chico conseguiu aposentar-se como funcionário da Fazenda Modelo localizada em Pedro Leopoldo/MG, para que assim pudesse permanecer em cidade de clima mais ameno e propício à recuperação.

A mudança para a cidade deu-se em quatro de janeiro de 1959, porém, aos amigos próximos, Chico Xavier disse que Uberaba tinha maior proteção espiritual e possuía um grupo espírita significativo em suas ações; seria mais fácil conquistar espaços e propagar ações de doutrina religiosa. E assim aconteceu. De Uberaba para o mundo. Seu exemplo de vida, suas ações filantrópicas, suas mensagens psicografadas e seus livros ganharam o mundo; chegando à elite mais alta, à pessoa mais humilde.

As coleções de psicografias mais conhecidas de Chico Xavier foram ditadas por André Luiz. A série ditada por esse ilustre espírito é considerada reveladora, doutrinária e científica; com obras notáveis e a maioria completa no sentido explicativo do tema da vida depois da morte física, ou seja, a morte do corpo. Foram ao todo dezesseis livros, sendo que onze deles foram dedicados às suas experiências da vida após a morte. O primeiro e mais famoso é “Nosso Lar”, e o de título mais impressionante é “Desobsessão”. Em “Nosso Lar”, ele relata a vida em uma colônia espiritual em outra dimensão; já em “Desobsessão”, orienta os grupos com referência aos procedimentos a serem adotados nas casas espíritas, relativamente, aos trabalhos de comunicação espiritual para tratamento de casos de obsessão, ou seja, de espíritos que influenciam negativamente pessoas encarnadas, e tratamentos dessas pessoas que se encontram nesse processo.

André Luiz afirmava que não existe o Paraíso. Que a morte é uma simples mudança de dimensão mental, ou seja, cada ser encontra o céu e o inferno que imaginou para si. O homem não morre, é um ser imortal e continua aprendendo, evoluindo sempre. Quando evoluem,

transita para outros mundos, onde as experiências são menos dolorosas, por conta do estágio de evolução em que se encontram seus habitantes.

Segundo relatos de informante-chave sobre a imortalidade da alma e principalmente a liberdade de construir o próprio caminho, cada indivíduo possui escolhas e com elas suas implicações.

Estamos nesse plano, nesse momento para resgatar dívidas que acumulamos de vidas anteriores. A alma não morre, ela muda de lugar, de personagens. A vida sempre continua. Todos nós estamos nesse mundo para evoluir e vencer nossas próprias imperfeições. Estamos aqui para adquirir sabedoria, porque não existe retrocesso evolutivo, mas sim busca de uma sabedoria que nos faça progredir, o que pode ocorrer durante esse processo é uma estagnação, mas que em algum momento cessa e somos novamente impulsionados a evoluir novamente (Relato de informante-chave n°. 3).

Assim,

No Espiritismo, na única diferença entre os vivos e os mortos está na existência do “corpo físico”. Todos nós somos espíritos imortais. E como dizia nosso Senhor Jesus Cristo “na casa de meu Pai existem muitas moradas” e de acordo com o grau de sabedoria e conhecimento espiritual esses espíritos habitam um determinado plano para prosseguirem com sua evolução (Relato de informante-chave n°. 4).

Desse fato, como a sabedoria e a procura pela perfeição devem ser sempre buscadas e cultivadas, Chico Xavier pregava que o pensamento é força. Os bons pensamentos modificam o ambiente, curam doenças, criam um bem estar duradouro e trazem felicidade. Os maus pensamentos têm igual poder, produzindo ambientes carregados, gerando infelicidade e discórdia.

De todos os escândalos em que ele esteve envolvido, as críticas positivas e negativas, sua vida produtiva em favor da difusão da religião e da caridade em razão do próximo, Chico Xavier se institui mito. Representando essa imagem de homem e mito, ele recebeu diversas homenagens e também participou de diversas entrevistas de programas ilustres da TV e foi manchete nos principais jornais do país. Mas o enfoque foi ainda maior depois da sua morte,

quando a imprensa local, em âmbito virtual, através da Internet propagou por semanas reportagens sobre sua morte.

A partir do *boom* da primeira edição de “Parnaso de Além-Túmulo”, o Jornal “O Globo” passou a publicar uma série de reportagens sobre o médium, o que fez com que seu trabalho ultrapassasse as fronteiras geográficas de Minas Gerais e começasse a ganhar maiores dimensões, atraindo pessoas de várias partes do país, levando verdadeiras romarias primeiramente a Pedro Leopoldo/MG, sua cidade natal, depois de 1959, a Uberaba/MG. A partir de então, tornou-se também conhecido mundialmente.

Em maio de 1965, com o firme objetivo de ajudar os espíritos, Chico Xavier viajou para os Estados Unidos. Lá fundou o Christian Spirit Center, teve livros traduzidos para o inglês e tornou-se tema de matéria da revista Cosmic Star, da Califórnia. Tendo estendido sua viagem até a Europa, Chico ficou muito impressionado com o alcance do Espiritismo no Continente Europeu, principalmente na Inglaterra.

Após retornar dos seus trabalhos de divulgação da doutrina espírita no exterior, as psicografias de mensagens pessoais passam a ser recebidas todas as semanas a partir de 1967. Até então, textos enviados pelos mortos aos seus parentes por intermédio do médium, eram raridades, e a sua missão se resumia até aquele momento, na especialidade de psicografar livros doutrinários.

Após muito tempo de humilhações, dificuldades, abnegação, estudo e paciência, aliás, muita paciência, Chico Xavier recebe, em 1967, a primeira de uma série de homenagens: o título de Cidadão de sua terra natal “Pedro Leopoldo”. No mesmo ano, Uberaba lhe concede o título de “Cidadão Mais Ilustre”. Um reconhecimento que veio após sua saída das fronteiras territoriais do Brasil.

A popularidade e a curiosidade em lançar a imagem de Chico Xavier aumentariam com a divulgação e a aceitação do Espiritismo pela sociedade. Sua presença nos livros e nas

reuniões mediúnicas no centro espírita já não bastava e, no ano de 1978, Chico Xavier interpretou ele mesmo na novela “O Profeta”, escrita pela amiga Ivany Ribeiro, na extinta TV Tupi. Outro episódio reuniu cerca de dez milhões de brasileiros que participaram da campanha de indicação do nome de Chico Xavier ao prêmio Nobel da Paz, promovida pelo diretor de televisão, Augusto César Vanucci, no ano de 1981. Apesar de não ter sido constado como finalista, comoveu-se muito com o movimento que os amigos fizeram em torno do assunto e o reconhecimento dos fiéis e à doutrina espírita o enchiam de alegria. A comissão organizadora da sua candidatura considerou grandiosa a iniciativa de seus trabalhos de assistência social.

Chico Xavier sempre agiu com caridade, humildade e resignação sendo conhecida como homem simples, de uma vida, verdadeiramente apostólica, baseou-se na dedicação e sofrimentos, que ele mesmo reconheceu ser sua missão, sua evolução. Teve angina e labirintite crônica, agravadas por dois infartos e duas pneumonias, sem contar o glaucoma que lhe cegara um olho e ameaçava cegar o outro. Sempre foi acompanhado pelo Dr. Eurípides Vieira, médico, desde 1982, período no qual Chico fazia sessões de acupuntura e tomava coquetéis de medicamentos para aliviar a dor.

Encontrou-se muito doente em 1995, quando começou um tratamento quimioterápico na próstata e, ao voltar às atividades mediúnicas afirmava, assim como no seu livro, que evoluímos no mundo espiritual só quando evoluímos no mundo material. Afastou-se durante quatro anos para tratamento de quimioterapia e retornou em 1998, tendo seu trabalho frente ao centro Espírita de Uberaba, reduzido. Apesar de todas as dificuldades: voz fraca, locomoção, aparentemente Chico exibia disposição, no rosto marcado pelo tempo, e tranqüilidade, no seu sorriso.

Voltando-se para a questão do Espiritismo no Brasil e no mundo, Chico Xavier dizia que o Espiritismo no Brasil é o Cristianismo renovado. Religião e ação de Nosso Senhor Jesus

Cristo, por intermédio das explicações de Allan Kardec, junto ao povo e com o povo, ensinando-nos com os princípios da evolução e da reencarnação, da fraternidade e da justiça, que todos somos responsáveis pelos próprios atos e que as leis divinas funcionam na Terra ou em outros mundos nos mecanismos da consciência de cada um. Os benfeitores desencarnados esperam que essa noção fundamental do Espiritismo no Brasil alcance as múltiplas escolas do Espiritismo existentes em outros países.

Se, por um lado, Chico Xavier sempre afirmava receber da mediunidade com Jesus mais bênçãos do que espinhos, o pleno cumprimento de sua missão, no entanto, foi uma permanente aceitação resignada de dolorosos sofrimentos e privações. O médium de Pedro Leopoldo, desde muito jovem, sempre soube direcionar seus dons, cultivando-os para que frutificassem plenamente, em favor dos aflitos e sofredores.

A verdade é que, depois de Allan Kardec, Chico Xavier sempre representou a árvore da revelação espírita, que foi transportada da França para o Brasil. Sua obra mediúnica sintetiza inestimável legado para as gerações futuras. Outra particularidade foi a de jamais se rebaixar ao nível de seus opositores e inimigos gratuitos, mantendo-se sempre muito acima, em dignidade e fraternidade. Fortalecido na mais pura moral cristã, Chico ofereceu seu testemunho de serviço incondicional à humanidade, acreditando verdadeiramente na força delicada e transformadora do bem que o motivava.

A experiência mais valiosa que o exercício da mediunidade trouxe para Chico Xavier, foi segundo ele, o reconhecimento da sua inferioridade e o encontro constante com suas imperfeições. Quanto mais os Instrutores Espirituais escreviam por seu intermédio, mais claramente observava a distância espiritual que o separava deles.

A distância física entre Chico Xavier e seu mentor Emmanuel, cessaria em 2002, exatamente no dia 30 de junho, quando ele parte ao encontro de seus inspiradores, os mortos no além. Assim como era a sua vontade, enquanto o Brasil todo vibrava com a conquista do



pentacampeonato, um misto de alegria e tristeza invadiu o coração dos brasileiros. Assim como foi sua vontade, ele partiu no dia em que os brasileiros estavam mais felizes e vibrantes com as vitórias da seleção brasileira de futebol. Nesse momento glorioso, o maior médium espírita do nosso país enfim desencarnou. Morreu na sua residência, na presença de poucos. Mas durante o velório e cerimônia de sepultamento, arrastou milhares de pessoas pelas ruas de Uberaba/MG, enquanto outros milhares acompanhavam o ritual pelos noticiários da mídia.

Foi consolador, guerreiro, humilde, corajoso, otimista, participativo, abnegado, entre tantos outros adjetivos que, ao serem ditos, transmitem paz. Paz que sempre foi uma constante durante sua passagem na Terra. Seu jeito meigo, frágil, sábio, paciente, muito paciente, deu-nos, da hora de sua perda até os dias presentes, o consolo de jamais esquecermos do homem que viveu, não só de palavras, mas de ações e sem impor verdades. Respeitando diferenças traçou um caminho de luz e, ao construir uma história de paz, revolucionou a era das incertezas e deixou um legado inquestionável, que sempre serviu de exemplo.

Todas as pessoas que conviveram ou mesmo conheciam a pessoa de Chico Xavier acreditam que ele foi o maior fenômeno do século XX e que nenhuma teoria foi e será capaz de explicar suas dádivas e habilidades, satisfatoriamente.

O médium Chico Xavier intermediou a psicografia de mais de 400 obras de autores famosos falecidos, como Humberto de Campos, José de Alencar, Álvares de Azevedo, entre outros nomes ilustres da literatura brasileira e estrangeira também, além de diversas mensagens esparsas, em vários idiomas. Dedicou sua vida em prol do próximo, vivendo na renúncia, na anulação de seus desejos, para ajudar a propagar o Espiritismo que, como ele mesmo acreditava, era sua única e valiosa missão aqui na Terra. De moral inquestionável, realmente humilde e simples, Chico Xavier jamais auferiu vantagens, de qualquer espécie, da mediunidade. Não recebeu um centavo pela arrecadação das publicações e vendas dos

exemplares de seus livros psicografados, direcionando todo o dinheiro para ações filantrópicas dos grupos espíritas. Tal virtude pode-se ser comparada ao gênero de vida do próprio Cristo, que viveu e morreu na humildade e renúncia das mordomias mundanas.

Outros aspectos que demonstram que Chico Xavier viveu seu último momento cultivando uma vida modesta estiveram presentes na vivência dele em uma humilde casa, dividindo esse espaço com o filho adotivo e amigos próximos, que junto a ele realizavam atividades de filantropia e assistência espiritual no grupo do Centro Espírita Casa da Prece. Seus esses espaços permanecem e sua vida faz-se de histórias magníficas. Ele viveu e morreu nos espaços que ele mesmo instituiu; está presente, ainda, nas obras de caridade e mediunidade daqueles que procedem em seus trabalhos. Vive dentro da memória dos espíritas e nos deparamos com relatos do tipo:

[...] sinto sua presença, sua mãos ao tocar a caneta e iniciar os trabalhos nesse local (centro espírita). [...] Enquanto psicógrafo, ele me auxilia com pensamentos positivos e equilíbrio para não me deixar envolver com maiores emoções (Relato de um dos médiuns que trabalha no Centro Espírita da Prece – informante-chave nº. 5).

Permanece como luz, caminho e exemplo de renúncia e vida casta.

Ele dedicou a sua vida toda em razão ao Espiritismo e a caridade para com os outros. Ele é um exemplo de bondade e humildade sem tamanho. Ele é uma pessoa que qualquer receberia como benção conviver (relato de uma cozinheira do Grupo Assistencial e Refeitório Chico Xavier – informante-chave nº. 6).

Resumidamente, acredita-se que ele permanece vivo em tudo e em todos que nele acreditam.

Acredito que tudo isso continua (as obras de caridade e de assistência mediúnica), porque está vivo em nós um sonho que era só dele e passou a ser nosso também. Tudo isso nós construímos juntos e permanece como sendo um trabalho muito bonito, muito sincero. Vejo tudo isso como uma semente que foi plantada e que devemos continuar regando para que a colheita continue farta e satisfazendo aqueles que necessitam (Relato de informante-chave – voluntária no Grupo Assistencial – informante-chave nº. 7).

A trajetória de vida de Chico Xavier sensibilizou muitas pessoas que, movidas pelo próprio sofrimento, aderiram à corrente de fé e solidariedade instituída pelo mito. Pode-se salientar que todas as obras realizadas por ele, em vida, consistem num ponto de partida para a evolução do Espiritismo Cristão que ele mesmo instituiu. Pode-se questionar sobre o que ainda pode acontecer a essa corrente que se abriu, e perguntar: “Chico Xavier terá um sucessor?”.

Na revista Coleção Luzes do Caminho – há um artigo (sem autor declarado) que faz o seguinte questionamento: “existirá um herdeiro de Chico Xavier?”.

Uberaba é uma cidade onde, hoje em dia, se concentra uma grande quantidade de Centros Espíritas Kardecistas. A cada cinco uberabenses, três são espíritas e pelo menos um é psicógrafo [sic]. Dentre os psicógrafos dois são considerados filhos espirituais de Chico Xavier. O dentista Carlos Bacelli, de 45 anos, e o ourives Celso Afonso, de 57 anos começaram a escrever livros sob orientação de espíritos, tal como acontece com Chico.

Chico Xavier afirma que ninguém herda os dons espirituais. Cada um nasce com os seus próprios dons. No entanto, as missões passam como herança. Carlos já psicografou 40 livros, alguns em parceria com Chico. Ele relata como é a experiência: “Ao contrário do que possam imaginar, o psicógrafo está quase sempre semilúcido. Tem consciência do faz à medida que a mensagem vai sendo psicografada. É uma parceria do corpo do médium com o espírito. Eu, por exemplo, percebo o que faço com grande facilidade. A Idéia me vem espontânea, ininterrupta e, instintivamente, vou formando as frases”.

Na atividade de psicografar um livro é o espírito que estabelece os horários e dos dias de trabalho. No caso de parcerias, o espírito avisa que determinados capítulos serão ditados a outro médium.

Já Celso Afonso conta que tinha medo do Espiritismo: “Uma vez uma tia foi ver Chico Xavier e me levou com ela. Não sabia que ele era. Nem ele sabia quem era eu. Minha tia pediu-lhe um autógrafo e ele respondeu: ‘Só se o Celso me emprestar a caneta’. Quase morri de susto. Nunca o vira, nem ele a mim. Mas ele me disse: ‘Não tema. Você tem uma tarefa. Cumpra o que Deus lhe pede’. Eu tinha 14 anos. Aquilo nunca mais me saiu da cabeça. Mas por medo e cisma, só aos 42 anos assumi a minha sina”. Hoje em dia, Celso também atende pessoas psicografando mensagens de entes queridos já desencarnados.

Tanto Carlos Bacelli quanto Celso Afonso consideram a psicografia uma arte e Chico Xavier o mestre. Se eles vão ou não assumir as tarefas mediúnicas de Chico só o tempo dirá.

(Trecho da revista da Coleção Caminhos da Luz, s/d, s/n).

Existem, em Uberaba/MG, muitos médiuns capazes de prosseguir com os trabalhos iniciados por Chico Xavier. Pessoas estas viventes na doutrina espírita e das atividades de

filantropia e caridade, mas com um diferencial: Chico Xavier conquistou milhares de pessoas devido a sua simpatia e humildade, por características muito particulares.

## **2.2 – De homem a mito: Os fatos e relatos que transformaram Chico Xavier na referência religiosa do Espiritismo em Uberaba/MG**

A trajetória de vida fez com que o fato de se acreditar que um ser humano por ser provido de habilidades específicas, relacionadas aos mistérios que envolvem o céu e a terra, fez com que Chico Xavier se tornasse mito. Isso aconteceu no dia-a-dia. Em suas palavras, no seu caminhar calmo. Nas reuniões nos centros espíritas por onde passou, durante sua trajetória mediúnica. Por meio das manifestações espirituais de almas amigas ou sofredoras.

Era denominado, homem com luz e cheiro de flores, devido a sua imagem serena e humilde. “Quando chego aqui sinto cheiro de rosas, parece que sinto o cheiro dele (Chico Xavier)”, no relato uma criança que encontramos sentada em um dos bancos de praças existentes na parte externa do Centro Espírita da Prece.

A partir do pressuposto de que para acreditar basta um motivo, as pessoas constroem símbolos a partir de suas crenças religiosas ou até mesmo a partir de pessoas que exalam confiança e “cheiro” de santidade.

A mente humana pode produzir e (re)produzir simbolismos capazes de manter o *status quo* de uma vivência regada a paz e na fortaleza do caráter religioso. A necessidade de acreditar em coisas, de suprir suas necessidades, de abstrair da fé algo de concreto, faz dos símbolos, dos ritos e das crenças o alicerce da vida e das ações humanas.

Desde os primórdios, a religião sustenta as verdades da vida. “A figura de Chico Xavier é a máquina elementar que mantém a fé de muitas pessoas. Várias delas não crêem na doutrina espírita, mas sim na pessoa de Chico Xavier. Vão ao Centro por causa dele, fazem caridade por que ele disse que essa ação diminui o sofrimento de perda. Ele sempre dizia que “ajudar os que sofrem diminui o sofrimento pessoal”. Muitos dos seguidores de Chico Xavier acreditam e defendem que a legião de fiéis e simpatizantes do Espiritismo é consequência da pessoa que Chico Xavier era e não somente por causa da doutrina espírita. As pessoas se aproximavam movidas pela esperança de que ele pudesse, de alguma forma, minimizar suas angústias e seus sofrimentos. E é estabelecendo esses imaginários que essas estratégias de se aproximar da *Força Maior* (Deus), que é gerada condição de domínio e legitimação do poder àqueles que deles se apropriam. “Ele sabia como tratar as pessoas. Ele tinha palavras de fé e de consolo para todos os casos. Ele acolhia e esse acolhimento já era como um calmante, como remédio de alívio imediato.”

Nessa idéia de imagens e símbolos mitológicos e religiosos estão implícitos modos de vidas modos de vidas, ideais, subjetividades, dogmas e crenças diferentes entre si. Essas práticas são representações culturais construídas a partir das vivências coletivas em sociedade, enfatizadas pelos interesses e necessidades individuais e/ou de um grupo social.

O poder da representação simbólica vai além do imaginário, atribuído a questões ilusórias, algo que se aproxima da realidade vivida. No caso de Chico Xavier ser considerado mito, isso é devido a sua trajetória de vida, a qual se encontra marcada pelas provações e aprovações da vida, bem como pelas manifestações espirituais e renúncias materiais.

O fato das manifestações do espiritismo em Chico assumir conteúdos simbólicos associados as imagens católicas, demonstra que as representações do espiritismo “xavieriano” reforçam e também evidenciam as relações que as imagens sacralizadas, em outra religião,

sobretudo a católica, exercem sobre os espaços apropriados pela fé e também em relação as pessoas que o cultuam.

Segundo Eliade<sup>31</sup>

A nossa investigação irá incidir, em primeiro lugar, sobre as sociedades em que o mito está – ou estava, até há pouco tempo – “vivo”, no sentido, de que ele fornece modelos para o comportamento humano e, por isso mesmo, confere significado e valor à existência. Compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais em questão não é apenas explicar uma etapa na história do pensamento humano, é também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos (ELIADE, s/d, pg.10).

Continuando sua reflexão sobre a idéia de *mito*, o autor diz que ao sentido primordial da palavra “mito significaria, ao pé da letra, ‘fábula’, ‘invenção’ ou até mesmo, ‘ficção’”. Assim, diante de reflexões aprofundadas, e relações de diversos elementos incorporados nas análises mitológicas, “o mito designa uma história verdadeira e, sobretudo, altamente preciosa, porque é sagrada, exemplar e significativa”. (pg. 09). A sua veracidade é constituída de diversos fatores que o complementam, possuindo valores simbólicos para harmonizar e instituir suas existências. O mito não se encontra desvinculado de outros elementos simbólicos.

Na tentativa de conceituar o *mito*, Eliade chega a uma definição, como sendo “uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares” (pg.12).

Todavia,

---

<sup>31</sup> ELIADE, M. em “Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso”.

[...] toda história mítica, que revela a origem de qualquer coisa, pressupõe e prolonga a cosmogonia. Do ponto de vista da estrutura, os mitos de origem são homologáveis ao mito cosmogônico. Sendo a criação do Mundo a criação por excelência, a cosmogonia transforma-se no modelo exemplar para toda a espécie de criação (pg.25).

Campbell, sobre o mito indaga:

O que é mito? A definição de dicionário seria: História sobre deuses. Isso obriga a fazer a pergunta seguinte: Que é um deus? Um deus é a personificação de um poder motivador ou de um sistema de valores que funciona para a vida humana e para o universo – os poderes do seu próprio corpo da natureza. Os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo. Mas há também mitos e deuses que têm a ver com sociedades específicas ou com as deidades tutelares da sociedade. Em outras palavras, há duas espécies totalmente diferentes de mitologia. Há a mitologia que relaciona você com sua própria natureza e com o mundo natural, de que você é parte. E há a mitologia estritamente sociológica, que liga você a uma sociedade em particular. Você não é apenas um homem natural, é membro de um grupo particular (CAMPBELL, 1990, p. 23 e 24).

Para muitas pessoas o mito é um modelo a ser seguido, para outros é a representação imaginária de um ideal. O que se pode compreender diante disso é que para os espíritas e simpatizantes do Espiritismo, Chico Xavier transformou-se em mito devido à trajetória de vida a que foi submetido. A personalização da imagem do homem, transformando-o em mito, faz com que essa manifestação ultrapasse escalas muitas vezes limitadas aos espaços visíveis.

A idolatria, o respeito e a proliferação do ideal mitológico fazem dessa imagem uma referência para o ritual religioso, muitas vezes as próprias manifestações religiosas tornam-se secundárias diante da presença e devoção ao mito. As pessoas que buscam, no rito religioso, a presença do mito, muitas vezes esquecem os outros valores explícitos e implícitos nesse cenário, requerendo suas atenções e suas cobranças para as manifestações milagrosas que o mito permite.

O mito possui quatro funções fundamentais, dentro do processo de sua existência, funções estas que permitem sua institucionalização e fixação no imaginário em que se inscreve.

A primeira é a função mística – e é disso que venho falando, dando conta da maravilha que é universo, da maravilha que é você, e vivenciando o espanto diante do mistério que subjaz a todas as formas. Se isso lhe escapar, você não terá uma mitologia. Se o mistério se manifestar através de todas as coisas, o universo se tornará, por assim dizer, uma pintura sagrada. Você está sempre se dirigindo ao mistério transcendente, através das circunstâncias da sua vida verdadeira.

A segunda é a dimensão cosmológica, a dimensão da qual a ciência se ocupa – mostrando qual é forma do universo, mas fazendo-o de uma tal maneira que o mistério, outra vez, se manifesta. Hoje, tendemos a pensar que os cientistas detêm todas as respostas. Mas os maiores entre eles dizem-nos: “Não, não temos todas as respostas. Podemos dizer-lhe como a coisa funciona, mas não o que é”. Você risca um fósforo – o que é o fogo? Você pode falar de oxidação, mas isso não me dirá nada.

A terceira função é a sociológica – suporte e validação de determinada ordem social. E aqui os mitos variam tremendamente, de lugar para lugar. Você tem toda uma mitologia da poligamia, toda uma mitologia da monogamia, ambas são satisfatórias. Depende de onde você estiver. Foi essa função sociológica do mito que assumiu a direção do nosso mundo – e esta desatualização. [...]

[...] uma quarta função do mito, aquela, segundo penso, com que todas as pessoas deviam tentar se relacionar – a função pedagógica, como viver uma vida humana sob qualquer circunstância. Os mitos podem ensinar-lhe isso (CAMPBELL, 1990, p. 23 e 24).

Por intermédio das relações de Chico Xavier com os espaços, bem como com a sua popularidade entre aos adeptos e simpatizantes do Espiritismo, as funções míticas são totalmente vividas e explicadas pela presença de sua imagem. O homem é transformado em mito devido a suas relações com o sagrado, sua vivência santa e sua trajetória de construção da própria imagem. Não se pode dizer que Chico Xavier previa sua popularidade, ou que construiu por si mesmo a imagem de mártir do Espiritismo em Uberaba e difundida para o mundo. Pode-se afirmar que ele é um mito histórico, com currículo extenso no temário sócio-cultural espírita.

Na dimensão cosmológica, pode-se conhecer diversos segmentos científicos tratando as questões do cultural-religioso com fundamentos científicos importantíssimos. Esses estudos também já podem manter relações com temas discutidos em outros âmbitos, utilizando-se de paradigmas diversos. No caso das ciências humanas, em especial a Geografia Cultural, um destaque para as reflexões relacionadas à cultura, poderia ser considerado como referencial a outros estudos que surgissem. Essa função se relaciona intimamente com a função sociológica. As pontes que estreitam suas relações e suas designações propõem à



dimensão representativa do mito uma ordem, ou seja, uma harmonia de significados e propagações, podendo atingir sentidos diversos no espaço e no tempo, devido às transformações ritualísticas do sagrado. São essas manifestações e transformações, por que passam o mito, que permitem compreender a função pedagógica que ele exerce, nesse processo. Essa função está arraigada na aceitação e difusão da imagem mitológica, a partir do modelo inicial, ou seja, por exemplo, o modo de vida e trabalho social que o mito manifestou em vida e deixou como ensinamento aos seus seguidores.

Para Eliade

A função mais importante do mito é, pois, “fixar” os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas: alimentação, sexualidade, trabalho, educação, etc. Comportando-se como ser humano plenamente responsável, o homem imita os gestos exemplares dos deuses, repete as ações deles, quer se trate de uma simples função fisiológica, como a alimentação, quer de uma atividade social, econômica, cultural, militar (ELIADE, 1992, p. 87).

Luc Benoist, em sua obra, “Signos, símbolos e mitos”, defende a idéia de que o rito pode ser definido como sendo “as necessidades essenciais, gestos que devem ser executados de acordo com certa ordem” (pg.75). Sendo assim, todas as ações têm o seu rito, têm suas causas e suas conseqüências sociais, entrando em concordância com as idéias de Eliade.

Com isso, “o mito e o rito são de fato as expressões complementares de um mesmo destino, sendo o rito o seu aspecto litúrgico e o mito a sua realização por meio dos episódios de uma historia vivida” (pg. 80).

Desse modo, a imagem de Chico Xavier veio institucionalizar, em Uberaba, uma manifestação kardecista diferenciada do Espiritismo de Kardec, a construção de um território espírita em terras católicas. Como observam Raffestin (1993) e Rosendahl (2002), o conceito de território está atrelado às relações de poder das pessoas que derivam dos usos do espaço.

Para Raffestin (1993) “é essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território”, assim, entendemos que as apropriações e usos de porções dos espaços por Chico

Xavier, a partir de suas práticas filantrópicas e mediúnicas em nome do Espiritismo, favoreceram a construção de um território espírita em Uberaba/MG. Nesta perspectiva entendemos que “Chico” ao usar o espaço da cidade constrói territórios da fé por intermédio dos usos dos simbolismos religiosos.

Para complementar a idéia de Raffestin (1993), Rosendahl (2002) apresenta que o território, mesmo sendo considerado sagrado, possui outras variantes que estão inseridas na sua existência. Para alterar,

“o território é dividido em lugares cosmo – que estão profundamente comprometidos com o domínio do sagrado e, como tal, marcados por signos e significados – e em lugares do caos – que designam uma realidade não-divina” (p. 193).

Assim,

O conhecimento da religião como um sistema de símbolos sagrados e seus valores, envolvendo a produção, o consumo, o poder, as localizações e fluxos e os agentes sociais em suas dimensões econômicas, política e de lugar. Portanto, o território está presente em todas essas dimensões (p. 193).

Retomando a discussão em torno da apropriação de espaços, em Uberaba, por Chico Xavier, deparamos com o sincretismo místico que envolve sua história de vida no Catolicismo e no Espiritismo. Como já sabemos, “Chico” nasceu em família católica e trouxe fortemente as presenças de Jesus e Maria para o seio espírita. Presença esta, manifestada em imagens, quadros e relatos das pessoas que ao lembrar certos episódios junto do mito, reproduzem suas falas e pensamentos e marcando ainda mais a memória de Chico Xavier.

Segundo análise, do depoimento de um informante-chave, a presença de Jesus e Maria é fortíssima no Espiritismo, por que os fundamentos e origem da doutrina kardecista, estão alicerçados nos dogmatismos e propósitos cristãos do Cristianismo, e nada tem haver com o Catolicismo. Esse mesmo informante declara que o sincretismo de Chico Xavier não existe “aos olhos” dos espíritas, o que acontece é a recepção por parte do mito em aceitar os adeptos

de outras religiões e com eles os simbolismos que eles cultuam. Esse fato explica a presença de imagens de santos, terços e santinhos diversos espalhados pelo museu/casa de Chico Xavier, seriam presentes recebidos por seus seguidores, em sinal de agradecimentos.

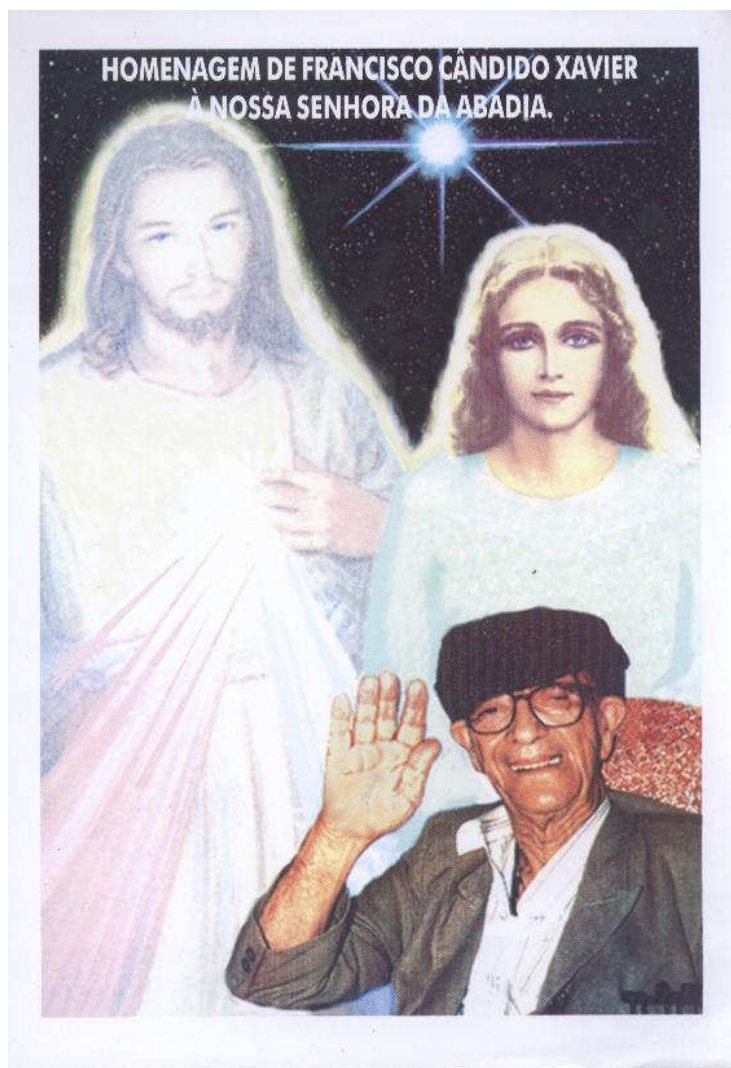


Figura 2 - Folder de homenagem a Nossa Senhora da Abadia dedicada por Chico Xavier – Padroeira de Uberaba/MG – Representação do pluralismo religioso - Imagens de Jesus, Nossa Senhora e Chico Xavier - Visualização da frente da homenagem.

Fonte: Mensagem entregue durante a prece de comemoração de dois anos de morte de Chico Xavier<sup>32</sup>.

<sup>32</sup> A mensagem foi entregue no dia de aniversário de morte de dois anos de Chico Xavier, não podendo responsabilizá-lo pela autoria de sua organização. Na página seguinte, o verso do folheto, encontra-se uma mensagem para Nossa Senhora da Abadia, que devido a alterações de texto, possui deturpações e contradições dos significados de algumas palavras.

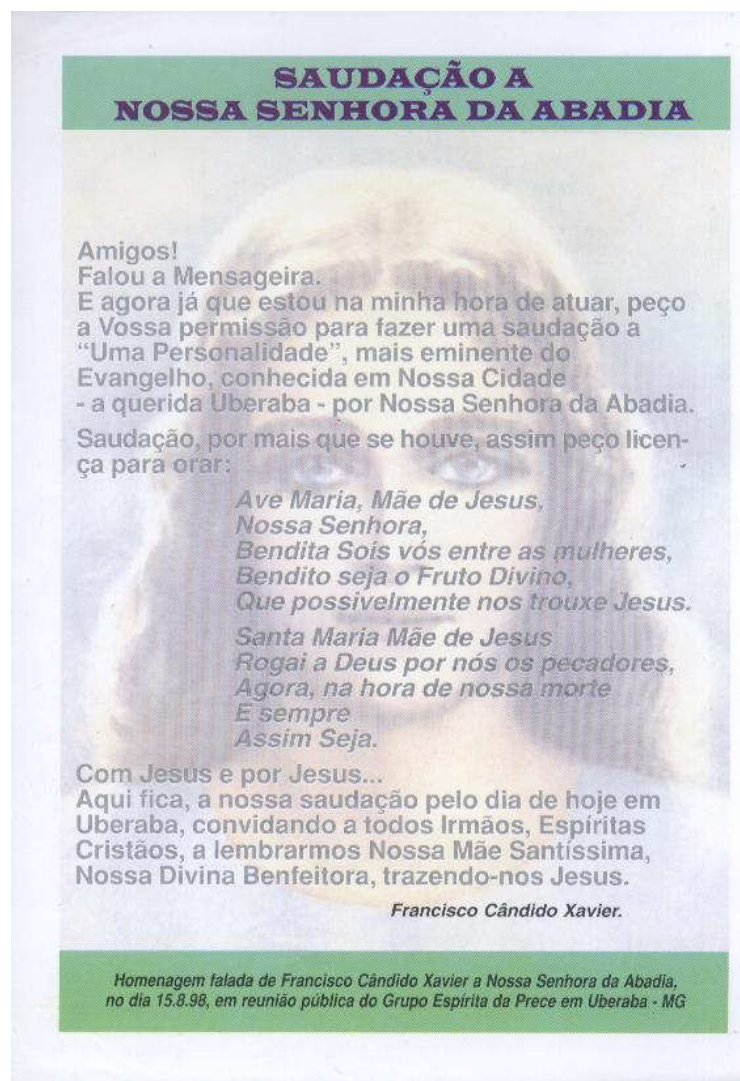


Figura 3 - Folder com saudação que Chico Xavier dedicou a Nossa Senhora da Abadia – Padroeira de Uberaba/MG - Visualização do verso da homenagem.

Fonte: Mensagem entregue durante a prece de comemoração de dois anos de morte de Chico Xavier.

A formação católica na vida de Chico Xavier poderia ter sido um dos fatores que contribuiu para a miscigenação do Espiritismo de Kardec difundido pelo mito, deixando a doutrina com uma particularidade bastante cristã. Os adeptos do Espiritismo atribuem essa harmonia às concepções que o próprio “Chico” procurava manter com relação aos seus seguidores que também cultuavam outras religiões.

Chico sempre foi muito compreensivo, eu venho aqui no centro e também vou a outra Igreja evangélica. Conte para ele isso, ele nunca disse nada, já o pastor da

minha Igreja, não pode nem sonhar que venho nas reuniões aqui do centro, ele acharia estranha demais minha postura. (Relato de informante-chave nº 8).

A presença das imagens de santos, como por exemplo, as mais frequentes – Jesus e Maria estão presentes em quase todos os espaços apropriados por Chico Xavier. A manifestação ocorre da representação mais simples, na figura de velas ou rosários, até as maiores imagens, em barro, ou em pinturas, nos quadros. Lá se encontram os elementos católicos, harmonizando o pluralismo dos espaços por eles próprios consagrados.

Para os adeptos do Espiritismo *xaveriano*<sup>33</sup> as imagens não são símbolos de adoração, mas, sim, imagens representativas desses espíritos evoluídos. Para os fiéis, Jesus e Maria são espíritos puros, que já atingiram a perfeição maior e que juntamente com outros iguais a eles, buscam aqueles que ainda se encontram em processo de evolução. Suas histórias de vida servem como exemplos para melhor praticar o bem e adquirir sabedoria espiritual. O sincretismo que envolve o mito, seus seguidores e simbolismos, completa as práticas sociais da doutrina e o cenário sagrado. As misturas dos simbolismos e rituais das religiões, possibilitam combinações harmônicas e coerentes no que diz respeito ao campo religioso, pois, proporcionam fusões, justaposições de idéias, práticas e principalmente, associações de elementos pertinentes às práticas ritualísticas. A crença é algo universal, as práticas e as formas de visualizar os simbolismos são que as diferenciam umas das outras.

Na figura a seguir, está representado o sincretismo de Chico Xavier diante de sua religiosidade e principalmente diante da visão de seus seguidores. Tê-lo conhecido, ou ao menos ter passado por ele, durante uma reunião no Centro Espírita da Prece, faz diferença na vida de milhares de pessoas. O fato de não ter o conhecido em vida, traz a esperança de vivenciar, em suas obras, seus ensinamentos e experiência, a comunhão com Jesus.

---

<sup>33</sup> Termo criado por Souto Maior para designar os seguidores da doutrina sincrética de Chico Xavier.



Figura 4: Pintura de Jesus e Chico Xavier: Quadro presente no museu que retrata sua adoração de pelo Cristo: Um entre diversos dos símbolos de seu pluralismo religioso presente nos espaços. MENEZES, B.A. (2004).

O homem transforma-se em mito, como uma mágica. Basta que possua elementos para tal ato e também que tal ato seja relevante para muitas pessoas. Chico Xavier, durante sua caminhada, conheceu muita gente, devido a sua mediunidade, que possibilita contatos com o plano espiritual. Em suas ações, sempre praticou o bem e acalmou corações aflitos e desassossegados. É importante entender que Chico se torna mito reproduzindo e intensificando o sincretismo religioso, cuja matriz é o Catolicismo. A sua habilidade é tornar o Espiritismo uma aceitação de católicos, em um espaço católico.

Os seguidores de Chico consideram que ele, durante sua vida, transmitiu paz e viveu nela. Desafiando críticas, Chico Xavier renunciou a uma vida de luxo e sobreviveu com sua vocação, sem tirar proveito disso, mas doando-se aos outros. Viveu para servir ao próximo. Levando-se em consideração os ensinamentos bíblicos, foi um dos homens que mais vivenciou as experiências e os ensinamentos de Cristo. “Chico dizia sempre assim pra mim:

faça o bem para os outros, assim você estará ajudando a si própria e também a sua família” (Relato de informante-chave nº 1). O conselho incessante dele estava arraigado na prática da caridade. Humildade, caridade, amor sempre foram qualidades transparentes nele. Sua mediunidade somente contribuiu para que a imagem mitológica se concretizasse e proliferasse. Nem mesmo a morte apaga o amor e devoção de seus simpatizantes.

A morte só o fez ficar mais santo e se tornar mais um mito para as pessoas. A memória dele vai ficar sempre presente, porque os ensinamentos foram muito fortes e intensos. As pessoas que trabalharam com ele continuaram com seus projetos; é como se fosse uma homenagem póstuma dedicada a ele por todos os seus anos de trabalho direcionado para os outros (Relato de informante-chave nº. 1).

Segundo o autor de “As vidas de Chico Xavier”, sua biografia, publicada após sua morte, no ano de 2002, o jornalista Marcel Souto Maior acredita que “para os admiradores, tanta humildade era mais uma prova de santidade. Para os adversários, era pura demagogia, vaidade. Chico lutava para ser ‘o servidor de todos’, ou seja, ‘o maior’” (p. 71).

O fato de ser ecumênico aumentava ainda mais sua popularidade diante de todos. Sua postura humilde diante do próximo, as palavras de sabedoria e a defesa presente dos ensinamentos de Cristo fazia de Chico um cristão atuante e prestativo às mais variadas posições religiosas vigentes. Em um trecho de “As vidas de Chico Xavier”, o autor da biografia acredita que a religião é uma imagem de fortaleza e união das pessoas para com Deus e transcreve, a partir desse fragmento, a defesa de Chico Xavier em relação às manifestações religiosas, em especial ao Catolicismo.

Nunca atacaria o Catolicismo nem qualquer outra religião. Pelo contrário. Faria questão de defender a Igreja Católica como fundamental ao país.

- Para mais de quatrocentos anos, nós fomos e somos tutelados por ela na formação do nosso caráter cristão.

Chico estava longe de ser ingênuo. O catolicismo era útil par ao espiritismo. Multidões de católicos desembarcavam na Luiz Gonzaga todas as semanas. Chico confidenciaria a um amigo sua estratégia:

- A Igreja Católica precisa sobreviver pelo menos mais cem anos. Nós não temos tempo nem recursos para receber todos os fiéis. Nossos centros são como choças, os católicos vêm dos palácios... (SOUTO MAIOR, 2003, p. 112 e 113).

A relação que Chico Xavier mantinha com o Catolicismo, estava presente por intermédio dos seguidores dessa religião que encontraram no Espiritismo, ou mesmo, na figura do médium, respostas para questões bem particulares. Quando Chico Xavier disse que a Igreja Católica era importante e não deveria deixar de existir, e que sua utilidade para o Espiritismo é relevante, ele queria atribuir os méritos a formação inicial de uma parcela da população nos princípios católicos e ressaltar que devido aos milhares de anos em que a Igreja prepara a formação religiosa de seus fiéis vem sempre a contribuir para que os ensinamentos de Jesus sejam proclamados e vivenciados em quaisquer que seja a religião seguidora.

Para Chico, a Igreja Católica com toda a sua tradição dogmática, sempre poderá contribuir para a difusão do Espiritismo, no que tange, a idéia de que, os fiéis possuem referências de que, baseados no amor ao próximo e na caridade é que estão alicerçados os ensinamentos de Jesus e o êxito das tarefas terrenas (Relato de informante-chave n°. 1).

Esse e outros fatores fizeram de Chico Xavier um homem respeitado e venerado por todos aqueles que, pelo menos, já ouviram falar de seu nome. Por intermédio dos relatos dos informantes-chaves<sup>34</sup> dessa pesquisa, pode-se expor a imagem do homem simples de Pedro Leopoldo, que cresceu e se tornou referência na temática espírita brasileira. Essa imagem também ultrapassou as fronteiras do nosso país e, conseqüentemente as barreiras entre o céu e a terra. Tanto os mortos quanto os vivos queriam o contato de Chico Xavier entre o mundo espiritual e terreno. E a missão de ligar esses mundos o diferenciava e o tornava uma pessoa única e importante, posição esta mais efetiva devido a suas qualidades humanas. As pessoas procuravam Chico Xavier para ficarem mais próximas e em sintonia com Deus. Ele era considerado um elo de ligação entre os homens e os espíritos superiores.

Chico tinha uma mania de dizer que ele não tinha o ‘poder’ de entrar em contato com o outro mundo quando ele queria. Ele sempre repetia a seguinte frase quando alguém pedia uma mensagem ou mesmo uma só palavra do além: ‘ O telefone só

---

<sup>34</sup> Na introdução do trabalho consta uma nota de rodapé contendo informações sobre esse informante, bem como o motivo do anonimato.



toca de lá pra cá'. Era uma forma de explicar que o contato era mantido pelos espíritos de uma forma espontânea e que não eram todos que se sentiam preparados para tal comunicação (Relato de informante-chave nº. 2).

A partir das cartas psicografadas, com mensagens dos entes queridos de famílias que procuravam consolo nos contatos de Chico Xavier com o além, várias pessoas passaria a se dedicar às causas defendidas e propagadas pelo líder espírita de Uberaba/MG. Nas mensagens psicografadas por Chico Xavier, os assuntos quase sempre constituíam em dar notícias aos familiares que residem na Terra e tranquilizá-los sobre a transição pela qual esses espíritos passaram e ainda estavam passando. Diversas obras de Chico Xavier estão arraigadas na publicação de mensagens, que segundo os espíritas, são atribuídas ao do além. No livro de Marcel Souto Maior, “Por trás do véu de Ísis”, o jornalista segue uma investigação profunda sobre a comunicação entre os vivos e os mortos, e repassa momentos e relatos com pessoas que buscam, não só Chico Xavier, quando vivo, mas outros centros espíritas, para receber esse tipo de recado. Nas mensagens a seguir, por exemplo, os comunicantes passam uma idéia de como estão no momento, e diversas vezes dão força para que os familiares não se desesperem diante da morte, e que aceitem a finitude, porque eles estão bem. O fato de serem verdadeiras ou não é muito relativo, embora cada mensagem recebida venha recheada de nomes, sobrenomes e particularidades que só mesmo um membro da família poderia saber e reconhecer.

Oi, mamãe Zilda, você está aí esperando algum sinal do Português e venho, com o vovô Dirceu, que me auxilia a escrever-lhe esta carta ligeira. Mamãe, o nosso choque com a carreta por cima não está em nenhum gíbi. [De Alexandre, o Português, 11 anos, através de Chico Xavier, em 1985].

A vovó Escolástica, o vovô Emídio e o vovô Manuel são aqui verdadeiros pais para mim, e tenho esperança de que em breve estarei em plena sanidade espiritual. [De Emídio Manuel, 22 anos, através de Chico Xavier, em 1982].

Vejo aqui tantos amigos bons, mas a memória não está muito exata. Mas reconheço minha tia Ana, minha Ana, minha tia Leonilda, lembrando o meu tio Bellucci. Já abracei Irani e peço a Deus por ela e pelo nosso caro Ribeiro. [De Solange Victoretti, 20 anos, através de Chico Xavier, em 1975] (SOUTO MAIOR, 2004, p. 16).

Chico vivenciava a alegria e a dor das famílias que iam ao seu encontro, em busca dessas mensagens, mas o bálsamo não era para todas. Ele sofria, mas não podia obrigar os amigos espirituais a se manifestarem. Orava sempre, em prol daqueles que ainda sofriam, sem notícias de seus entes queridos falecidos. Para os espíritos que estavam perdidos, sem luz, ele encontrava-se sempre em silêncio, pensativo, em oração.

Sua dedicação aos necessitados, renúncia em favor da caridade aos seus semelhantes fazia dele um exemplo de vida religiosa. Ele sabia como mobilizar massas para proclamar a caridade, para a fraternidade e, principalmente, para o serviço filantrópico.

Sua rotina começava sempre às 7 horas da manhã e não se findava antes das 2 horas da madrugada. Nas noites de segundas, sextas e sábados, encontrava-se em contato com o público, nas reuniões da Comunhão Espírita Cristã; nas noites de quartas-feiras, cooperava nas reuniões íntimas de desobsessão, naquela mesma organização espírita; nas noites de terças e quintas-feiras, trabalhava com Emmanuel e os outros orientadores espirituais na formação dos livros mediúnicos e, nas noites de domingos, fazia um pausa para estudar os assuntos gerais da semana ou descansar os olhos da atividade intensiva.

Diante desse ritmo de vida em que estão implícitos comportamentos que podem ser interpretados como formas de resignação e luta, entendemos que o mito Chico Xavier nasceu a partir da trajetória do homem que ele foi. Pode ser reconhecido como mito por inúmeros fatores, mas por um fator especial, ele foi digno por seus serviços, por suas provas e por sua coragem. Diante de tanta descrença, ele se mostrou luz, paciência, sossego e humildade. Diante de tantas críticas ele respondeu com a doçura e com as palavras que Jesus usava para se defender.

Isso tudo significa que Chico Xavier ao se posicionar como referência para os males do mundo incorporava seguidores e inspirava confiança. Desse modo, o lugar que ele ocupava em Uberaba se tornava também um lugar sagrado. “visitar os lugares dele traz paz interior,

sinto a presença dele sempre que chego aqui no museu, ou vou ao centro, ele ta presente, eu acredito nisso” (Relato de informante-chave nº 1).

Ele sempre falava “isso também passa”, frase essa usada em todas as circunstâncias para se defender das idéias de que estava sendo perseguido ou até mesmo injustiçado. Também costumava dizer que “a cruz que temos que carregar, ninguém pode carregar no seu lugar”, outro pronunciamento para justificar sua árdua batalha diante dos incrédulos.

Agindo assim Chico também criava uma imagem de predestinado, alguém que recebeu uma missão e teria que passar por provações. Desse, modo Chico age de forma a repetir ao seu modo os comportamentos de Cristo.

O próprio estilo de vida que ele teve durante seus mais de noventa anos aqui na Terra, explícita a sua semelhança, sua renúncia parecida com a postura do próprio Jesus Cristo. Acho que é isso que faz com que as pessoas, acreditem que ele seja santo também. E é a partir disso, que ele foi se tornando mito e atraindo pessoas para o Espiritismo. Quando algumas pessoas questionam e duvidam de sua postura sincera e transparente, diante dos fatos diversos de sua vida, isso deixa as pessoas que o conheceram muito tristes. Pois é impossível que alguém possa pensar que ele fingiu ser alguém simples e honesto na sua santidade somente para atrair os olhares e o reconhecimento de um povo. Ninguém consegue fingir uma vida inteira, nem mesmo que o intuito seja para fazer o bem (Relato de informante-chave nº. 2).

Ele conquistou uma multidão devida a essa simplicidade. Poderia ter sido uma estratégia? Sim poderia. Mas, o mais lógico consiste em compreender que foi pela fé, pelo amor e pela resignação que ele se afirmou como líder espírita, visto que não é possível fingir durante uma vida inteira.

Nesta perspectiva, entendemos que Chico foi importante como líder espiritual e sofreu neste processo, atribuições, principalmente, decorrentes do poder e da honra de ter se tornado mito, num mundo de heróis tortos e sem nenhum currículo para responder e entender diante de tal fenômeno. Há quem defenda que ele permanecia e permanecerá sendo um manipulador de massas, mesmo após sua morte. Mas o certo, o confronto diante da pesquisa é que ele continua sendo idolatrado, seguramente como mito. Neste processo é possível que continuará

sendo venerado pelos espíritas em geral e até mesmo por aqueles que sua imagem conseguiu atingir como referência do Espiritismo.

Como existem muitos admiradores de Chico, entendemos que é possível que muito será realizado para que a imagem mitológica do líder religioso permaneça viva nos territórios espíritas em Uberaba/MG e nas lembranças daqueles que sabem da sua obra. Nesta perspectiva as obras de caridade nos lugares que levam seu legado deverão prosperar e continuar representando e expressando a sua caminhada em direção as necessidades espirituais e das pessoas principalmente daqueles que apresentam carências de várias ordens.

Em Uberaba encontramos pessoas que acreditam que trabalhar em seu nome vale a pena. E acreditam que foram vivenciados e imunizados pelo seu amor e sua humildade. Esses fiéis marcham em direção à construção e reorganização dos espaços conquistados por ele, fazendo desses espaços à materialização de uma vida.

A idéia de vida após a morte, presente nos preceitos doutrinários do Espiritismo fundamentou esse ideal de trabalho filantrópico, principalmente, para as pessoas necessitadas. Com relação idolatria da imagem de Chico Xavier, ela se sustenta a partir dos ideais de que ele foi um exemplo muito importante de vida em prol da doutrina que ele mesmo difundiu.

Apresentaremos no próximo capítulo, os espaços apropriados por Chico Xavier e também os construídos em seu nome que buscam em suas existências as tentativas de manterem a imagem do homem mito que virou no Espiritismo de Uberaba/MG.

### **CAPÍTULO 3**

## **CHICO XAVIER EM UBERABA/MG: OS USOS E AS APROPRIAÇÕES**

### **DOS ESPAÇOS SAGRADOS**

Todo lugar sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca. Ele não apenas encoraja a devoção, como a exige, não apenas induz a aceitação intelectual, como reforça o compromisso emocional do devoto (ROSENDAHL, 1996, p. 63 e 64).

### 3.1 – O Espiritismo e os espaços sagrados em Uberaba/MG: Algumas reflexões

Os escritos contidos no Livro dos Espíritos, o Evangelho Segundo o Espiritismo e outros livros considerados básicos do Espiritismo, classificam-no como sendo, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se podem estabelecer com o invisível; como filosofia, ele compreende todas as conseqüências morais que decorrem dessas relações. Pode-se defini-lo como sendo “uma ciência que trata da natureza, da origem e da destinação dos espíritos, e das suas relações com o mundo corporal”<sup>35</sup>.

No Espiritismo tem-se a necessidade de desvendar os mistérios do mundo invisível a partir da crença na imortalidade da alma, crença esta presente em outras religiões, mas que não tem outros elementos que subsidiam a procedência de uma formalização dos dogmas religiosos, como é o caso da incorporação de temas como a morte do corpo físico, reencarnação, a comunicação com os mortos e a pluralidade dos mundos, entre outras.

Segundo Geertz apud Hoebel e Frost, em “Antropologia cultural e social”,

... a religião é um sistema de transformação no qual os conceitos de ordem e a negação do caos, juntamente com a crença na justiça e na moralidade, diante da evidência contrária. Através de transformações simbólicas, o senso humano inicial da ordem e o direito moral são convincentes afirmados ao crente que traz a marca dos símbolos (HOEBEL e FROST, p. 354).

---

<sup>35</sup> Referência em Kardec, A. em “O que é Espiritismo”, p.12.

Os estudos procuram levar em consideração os aspectos religiosos e a apropriação do espaço para fins de turismo religioso, por meio de leituras da paisagem e também de pesquisas teóricas e empíricas, realizadas no município de Uberaba/MG, buscando reconstruir o ciclo da fé, no local.

As manifestações culturais, o uso e apropriações, utilizados pelas manifestações religiosas nos espaços desenvolvidos com a memória do líder espírita, Chico Xavier, na região do Triângulo Mineiro, em específico, na cidade de Uberaba, permitem-se decifrar diversas outras relações que sucederam esse momento histórico e que fundamentaram os fatos ocorridos após 1959, como a transferência de Chico para o município.

Diante desse princípio, procura-se entender os “porquês” da escolha dos locais dos quais o turismo se apropria e de cujas estruturas faz uso, e como esses espaços se encontram, com o decorrer do tempo e das atividades neles desenvolvidas, visto que, no ano de 2002, o líder espírita Chico Xavier faleceu no município, deixando para trás projetos em andamento e atividades que ele desenvolvia há anos, como o de receber a visita de inúmeros adeptos e não adeptos do Espiritismo para sessões de psicografia e reuniões mediúnicas. Esses espaços então impregnados de simbolismo que expressam as realizações das pessoas que deles se apropriam.

Para Corrêa<sup>36</sup>, no texto “Espaço, um conceito-chave na Geografia”,

a Geografia Humanística está assentada nos princípios da subjetividade, da intuição, dos sentimentos, da experiência, do simbolismo e da contingência, está privilegiando o singular e não o particular ou o universal, e ao invés de explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real (CORRÊA, 1985, p.30).

---

<sup>36</sup> CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da; CORRÊA, R. L. (org). Geografia: Conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 1995.

O conceito de espaço encontra-se em discussão, por Gomes, em “A condição urbana”, onde o autor o define:

Fisicamente, o espaço público é, antes de mais nada, o lugar, praça, rua, shopping, praia, qualquer tipo de espaço onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso à participação de qualquer tipo de pessoa. Essa condição deve ser uma norma respeitada e revivida, a despeito de todas as diferenças e discórdias entre os inúmeros segmentos sociais que aí circulam e convivem, ou seja, as regras do convívio e do debate devem ser absolutamente respeitadas. [...] Por isso esse espaço é o *locus* da lei (GOMES, 2002, p. 162).

#### Para Barretto

O termo público tem variados significados. De um lado, está associado ao conceito de estatal, gerido pelo Estado (Governo) nacional, estadual ou municipal. Também está associado ao uso do público, das pessoas em geral, portanto de uso coletivo (BARRETTO, 1996, p. 38).

Diante das concepções sobre o espaço compreendemos que existem diversas formas de espaços dentre os quais o número de pessoas e suas funcionalidades alteram suas estruturas e suas funcionalidades, mas o que diferencia um espaço do outro é o tipo de experiências e mobilidades. Com isso, podemos entender as transformações que ocorreram nos espaços apropriados por Chico Xavier, no decorrer da sua trajetória filantrópica, a fim de estabelecer uma harmonia de relações extra-religiosa, com as pessoas que buscavam, na imagem do médium, as representações no Espiritismo e as características peculiares da doutrina, em relação às manifestações de fé.

No entanto, Tuan afirma que

o espaço mítico é também uma resposta do sentimento e da imaginação às necessidades humanas fundamentais. Difere dos espaços concebidos pragmática e cientificamente, no sentido de que ignora a lógica da exclusão e da contradição (TUAN, Y. F., 1983. p. 112)<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> Idem.



Procurando estabelecer uma relação, entre as idéias de Tuan e Eliade, entendemos que “o espaço sagrado seria (grifo nosso) o *locus* de uma *hierofania*, isto é, uma manifestação do sagrado” (p. 31) <sup>38</sup>.

O espaço sagrado existe e, em sua decorrência, existe o espaço profano, que é o *locus* das manifestações sócio-culturais não sagradas.

Mas o que seria realmente o espaço sagrado? Segundo a visão de Rosendahl, em Espaço e Religião, espaço sagrado é:

um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. Produção cultural, o espaço sagrado é o resultado de uma manifestação do sagrado, revelada por uma *hierofania* espacialmente definida (ROSENDAHL, 1996, p. 81).

Assim sendo, o espaço vivido é o palco de todas as representações simbólicas, ou seja, o palco das representações das práticas culturais, mas também pode ser o espaço profano, diferente do sagrado, por não desenvolver as manifestações culturais religiosas.

Para Rosendahl, “o espaço profano é o espaço que circunda o espaço sagrado”. Ele contém todos os elementos e práticas sociais que não contém o espaço sagrado.

Os espaços sagrados e profanos possuem um valor diferencial diante dos olhos do ser religioso, visto que o espaço sagrado constitui-se de um ponto de referência, de bases e estruturas concretamente simbólicas, que são buscadas quando se tem a necessidade de alimentar a alma com elementos relacionados à religião, ou seja, o que é denominado sagrado; já o espaço profano possui particularidades existenciais que o diferenciam estruturalmente do chamado ponto fixo de referência religiosa, ou seja, tudo que envolve o espaço sagrado.

As práticas e ações realizadas, em cada um desses espaços, fazem com que seus significados e suas paisagens sejam completamente diferenciados e particulares, dando, assim, um caráter de sagrado ou de profano ao espaço.

---

<sup>38</sup> Idem.

Segundo Corrêa,

O conjunto de práticas através das quais são criadas, mantidas, desfeitas e refeitas as formas e as interações espaciais são as práticas espaciais, isto é, um conjunto de ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço, alterando-o no todo ou em parte ou preservando-o em suas formas e interações espaciais (CORRÊA, 1995, p. 35)<sup>39</sup>.

Com isso,

se as práticas espaciais resultam da consciência da diferenciação espacial, de outro lado são ingredientes através do qual a diferenciação espacial é valorizada parcial ou totalmente desfeita e refeita ou permanece em sua essência por um período mais ou menos longo (CORRÊA, 1995, p. 35)<sup>40</sup>.

No caso específico do nosso estudo, os espaços sagrados são utilizados para fins de filantropia e atividades voltadas às psicografias e reuniões mediúnicas. Alguns permanecem com suas atividades, mesmo após a morte do homem que virou mito, já outros surgiram em decorrência da morte ou sofreram transformações de seus usos e significados simbólicos.

As preocupações presentes nesse estudo têm como base fundamental as contribuições da Geografia Cultural, as quais procuram lançar elementos teóricos e metodológicos que ajudam a explicar aspectos e questões do mundo contemporâneo e nos instigaram a diversas reflexões em torno do mito Chico Xavier, principalmente no que se refere aos usos e apropriações do espaço proporcionados pela religião e pelas manifestações culturais, mesmo na ausência física do líder espiritual.

Neste propósito, recorreremos a Geografia Cultural, mais especificamente ao autor Sauer, para explicar que:

---

<sup>39</sup> Idem.

<sup>40</sup> Idem.

A Geografia Cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica. A área cultural constitui assim um conjunto de formas interdependentes e se diferencia funcionalmente de outras áreas (SAUER, 2000, p. 106).

Nos espaços usados e apropriados por Chico Xavier, estão evidenciadas todas as manifestações sagradas que ajudam a manter o mito e influenciar nas transformações que vêm ocorrendo. O cenário dos espaços sagrados de Chico Xavier possui quatro lugares que foram criados por ele ou em homenagem a ele. São eles: o Centro Espírita da Prece, local onde o médium realizava suas psicografias e recebia milhares de visitantes durante sua trajetória “santa”; a residência, agora transformada num museu em sua memória, contendo, inclusive, uma livraria se constitui em local onde se encontram artigos religiosos e lembranças da visita ao lugar onde morou Chico Xavier; os Grupos Assistenciais, locais onde são desenvolvidas as atividades filantrópicas juntamente à comunidade carente de Uberaba; e seu Mausoléu, construído no Cemitério São João Batista, lugar este considerado o maior em número de visitantes, entre os demais.

Tratando-se das ações desenvolvidas, em cada um desses espaços as pessoas realizam seus rituais religiosos, de formas distintas. Antes da morte de Chico Xavier, as visitas, não só no Centro Espírita da Prece como no Grupo Assistencial e em sua residência, eram freqüentes. Assim, explica-se que as visitas de muitas pessoas envolvidas por Chico Xavier e o Espiritismo não se davam na busca do conforto na religião espírita, mas sim na figura bondosa e humilde de Chico Xavier, que antes de tudo era visto e reconhecido como um ser cristão.

Muitas vezes eu chegava pra arrumar a casa e lá tava ele rezando, ele dizia que tava ‘batendo um papo com Maria e com Jesus’ para eles não esquecer das pessoas que estavam sofrendo aqui na Terra, e também tô pedindo para que eles me ajudem a continuar na minha missão, tô precisando ter mais forças (Relato de informante-chave nº. 8).

O espaço do Centro Espírita da Prece, apropriado, utilizado para a recepção dos adeptos, consiste em uma ampla sala de reuniões, cuja função seria a de comportar o maior

número possível de pessoas que vinham ao encontro de Chico Xavier. Em vida, Chico recebia em cada sessão de psicografia e passes<sup>41</sup>, centenas de fiéis e simpatizantes de seus trabalhos. Muitos vinham de longe somente para ver e tocar em Chico, acreditando, assim, já serem recompensados por tal sacrifício de peregrinação. Durante anos Chico atendeu às pessoas no centro, conversando e orientando-as em suas aflições.

As atividades de filantropia, desenvolvidas no Grupo Assistencial, continuam suas atividades, antes mediadas por Chico Xavier, agora, por pessoas que caminharam com o médium na vivência da religião espírita, em Uberaba. No local, são atendidas as pessoas carentes por dentistas, médicos, além, é claro, de assistência social. Em todas as quintas-feiras são distribuídas sopas e lanches comunitários à população carente. Nesse espaço, também são desenvolvidas atividades de evangelização de crianças e adultos carentes, para que eles entrem em contato com os ensinamentos do Evangelho e conheçam a vida e as obras do líder Chico Xavier.

Na livraria e museu em memória do Chico Xavier, as visitas são de pessoas que buscam as obras psicografadas por ele, saber como era seu cotidiano, sua vida e seus trabalhos. A livraria possui um acervo de livros psicografados sobre diversos temas, desde sua trajetória espírita em Pedro Leopoldo, sua cidade natal, até as obras mais recentes. Possui, também, lembranças como fotos, chaveiros, canetas, CDs com músicas cantadas por artistas em homenagem a Chico e mensagens psicografadas, em estilo de preces.

---

<sup>41</sup> Segundo os questionamentos aos adeptos informantes de nossas pesquisas, os termos *psicografia* e *passes* significam: técnica utilizada pelos médiuns para escrever textos ditados sob a influência de espíritos; e técnica de trocas de energias entre as pessoas. Nesse momento, visualizam-se somente coisas positivas, buscando elevar o pensamento a Deus, ou seja, é uma ação fluídica que se transmite de pessoa para pessoa, através das mãos e pela força do pensamento.



Figura 5 - Atendimento na livraria – movimento declinou muito após a morte de Chico Xavier – segundo depoimento de Mônica, a secretária da livraria. MENEZES, B. A (2004).

O museu, antiga residência, encontra-se de maneira intacta, conservando tudo que a Chico Xavier pertencia, seus livros, suas roupas, suas máquinas de escrever, que eram utilizadas para transcrever suas psicografias, fotos, entre outros pertences. Chico Xavier recebeu muitas homenagens e medalhas ao longo de seus trabalhos como líder espiritual e mensageiro da paz. O museu também possui, hoje (2006), um grande acervo de fotos das mais diversas passagens da vida de Chico Xavier, além é claro, de desenhos de seu mentor espiritual, Emmanuel, do codificador Allan Kardec e também figuras e imagens de Jesus e de Maria, figuras estas que consagram a devoção de Chico por Maria e sua posição enquanto ser cristão.

No Mausoléu, construído em sua homenagem, no Cemitério de São João Batista, encontramos pessoas de vários lugares que o visitam para rezar ou mesmo só para ficar junto aos cenários que, de algum modo, podem lembrar Chico Xavier “trabalhando”. No lugar

encontra-se uma estatueta de bronze, que foi esculpida para demonstrar que Chico permanece “vivo” e que continua sua missão psicografista.

Visitar o túmulo de “Chico” me faz lembrar várias passagens dele enquanto médium, no exemplo de santidade e caridade. Suas obras, suas atividades filantrópicas faziam as pessoas se sensibilizarem a reproduzir as mesmas atividades que ele praticava. As pessoas tomavam-no como referência, exemplo para tudo. O túmulo, na minha percepção, é local de última morada, por isso, é o local onde eu visito e oro por ele. Também participo de atividades no Centro e no grupo assistencial, mas lá as atividades ocorrem como sendo em “ação de graças” a quem as idealizou (Chico Xavier). O museu seria a idéia de manter viva sua imagem e ao mesmo tempo presta-lhe uma homenagem, seria a fuga das pessoas para adentrarem a realidade vivida por ele (Relato de informante-chave n°. 1).

Os locais apropriados por Chico Xavier, ou mesmo aqueles transformados para usos em seu nome, são referências muito marcantes nas vidas dos adeptos e simpatizantes do Espiritismo, de uma maneira geral.

Em Uberaba, atualmente, estuda-se a possibilidade de surgir mais um local destinado aos adeptos do Espiritismo e fiéis de Chico Xavier. Trata-se da construção de um Memorial, em sua homenagem, que servirá de pólo turístico para quem conheceu ou admira as obras de fé e caridade de Chico Xavier.

Durante sua trajetória, enquanto mediador espiritual, Chico Xavier atraía a Uberaba um enorme contingente populacional, que visitava a cidade no intuito de manifestar sua fé e devoção à figura do médium. Após a sua morte, as visitas aos locais apropriados por Chico Xavier, dantes sustentados pela presença do líder espírita, encontram-se com uma representatividade reduzida, quase que insignificante, bem como a sua imagem de mediador entre vivos e mortos. Esse fato preocupa os adeptos e fiéis que, durante muitos anos, acompanham e ajudam na consolidação do “mito” em Uberaba, o que somente com a manutenção da figura expostas em seus espaços sagrados fundamental lutam em manter vivo os vínculos da imagem do homem mito com o Espiritismo.

Sua adoração pelas imagens de santos nos demonstra que a religião em si é uma só, Jesus é o mesmo no Catolicismo e no Espiritismo. A presença de Maria deixa clara sua formação religiosa inicial, embasada nos ensinamentos catequéticos e missionários. A presença das imagens transforma o Espiritismo de Chico Xavier em algo miscigenado e remodelado. As passagens dos evangelhos, as palavras proferidas, tudo é igual, a diferença esta na psicografia, na comunicação com os mortos (Relato de informante-chave nº. 5).

Os espaços sagrados herdam os símbolos, imagens e mitos daqueles que os apropriam, pois para a propagação do Espiritismo, como é o caso, o imaginário é o elemento fundamental no processo da existência do lugar sagrado, como também as relações entre o ser social, ou seja, o indivíduo, com o sagrado.

Para os objetivos deste capítulo foi muito importante conhecer os espaços sagrados apropriados por Chico Xavier e buscar compreender que o sagrado se manifesta na forma de *hierofanias* no espaço, a partir de suas atividades mediúnicas e filantrópicas em Uberaba/MG, que foi a cidade que lançou Chico Xavier como um ícone do Espiritismo, tendo a sua imagem de pessoa bondosa um aspecto simbólico e mitológico para o Espiritismo do nosso tempo.

### **3.2 – Sentidos, significados e representações dos espaços apropriados por Chico Xavier**

Ao conhecermos os simbolismos que envolvem os espaços apropriados por “Chico” e os laços que o Espiritismo mantém com a cidade e a partir dos quais se manifesta, a religiosidade iniciamos um entendimento dos significados, representações e sentidos destes espaços.

Para “Chico”, sua casa tinha significados fortes e importantes, até mesmo como contribuição para suas obras mediúnicas. Seria o lugar da produção, o espaço das mediações entre os mundos dos vivos e dos mortos.

Que imagem de concentração de ser, essa casa que se “aperta” contra seu habitante, que se torna a célula de um corpo com suas paredes próximas! O refúgio contraiu-se. E, mais protetor, tornou-se exteriormente mais forte. De refúgio passou a reduto. A choupana transformou-se em fortaleza da coragem para o solitário que nela deve aprender a vencer o medo (Extraído do Livro “A poética do Espaço” de Gaston Bachelard. Editora Martin Fontes, p. 62).

Os espaços usados e apropriados por Chico Xavier, em Uberaba/MG, demonstram a visão “estrategista” do médium, em relação à difusão do Espiritismo. A estratégia potencial estaria na sua saída da periferia da cidade, em direção ao centro. Não podemos afirmar com certeza de estratégia espacial, mas entendemos que muitos mistérios existam desde sua mudança para Uberaba até a sua função de disseminador do Espiritismo, para outras localidades.

Diante dos espaços apropriados por Chico Xavier e a doutrina espírita, em Uberaba/MG, podemos destacar elementos que fizeram e ainda fazem, desses lugares, pontos de convergências para as pessoas que buscam orientação que lhes possam conduzir a paz de espírito e conforto na doutrina de Kardec. Na leitura da paisagem, ao decifrar os enigmas existentes nos espaços sagrados de Chico Xavier é importante observar as relações que mesmo possui com seu espaço e também em relação às pessoas com o espaço do mito, é preciso desvendar as representações presentes nas paisagens.

A paisagem, nesse caso, merece uma atenção mais que especial. O espaço religioso apropriado para tais práticas desvendaria o histórico e todos os mistérios de um rito, de um mito. Em muitos casos, o uso do termo paisagem se confunde com o termo natureza, especialmente nas campanhas publicitárias e turísticas e, com relação a isso, devemos lembrar que natureza não é paisagem. A natureza existe independente de qualquer outro fator, já a paisagem existe a partir das relações que mantém com o homem. Ou seja, ela está sempre ligada às ações humanas, aos lugares construídos por essas ações.

Sendo assim, a paisagem é a aparência, uma imagem descontraída da natureza, que reflete as profundas relações existentes entre o homem e o meio natural, freqüentemente não



visíveis entre seus elementos, compreendendo interfaces sociedade/natureza, em suas dimensões social e histórica. No caso da Geografia Cultural, esta é a preocupação fundamental, entender e descrever essa relação de interação, demonstrando a fusão dessas ações, resultando em paisagem culturalmente modificada.

Assim como defende Claval, no texto “A paisagem dos geógrafos”, presente no livro “Paisagens, textos e identidade”, da Coleção Geografia Cultural, que

Todos esses elementos são úteis, porque estruturam a percepção e fornecem pontos de referências na descrição. Assim, a interpretação tende a retê-los e a atribuir-lhes um significado que às vezes não está de acordo com o seu papel (CLAVAL, 2004, p. 29).

As paisagens culturais possuem uma textualidade particular que serve de instrumento do pesquisador em esclarecer os enigmas nelas impregnados. Elas são importantes elementos de recepção das ações humanas, são considerados os retratos das relações humanas; assim, possuem um artefato de valores que dão subsídios aos desvendamentos dos enigmas humanos. Portanto, nos parece que saber ler a paisagem é um caminho importante para desvendar mistérios particulares e subjetivos de muitas questões levantadas nesta pesquisa.

Segundo Rosendahl:

A paisagem deixou de ser analisada fundamentalmente em uma perspectiva morfológica. Como construção social, está impregnada dos valores sociais do grupo que a construiu. A paisagem é uma vivência, marca e matriz. (CORREA e ROSENDAHL, 2004, p. 08).

E Claval (2004) acrescenta ainda que:

A paisagem do geógrafo resultava da reconstrução sistemática daquilo que pontos de vista sucessivos haviam permitido descobrir, mas continuava suficientemente próxima do olhar do pintor para que sua descrição falasse da harmonia das formas e das cores (CLAVAL 2004, p. 23).

Todas essas estruturas, formas e cores, resultantes das transformações e reformulações pelas quais vêm passando os lugares sagrados, exteriorizam os simbolismos impregnados nessa paisagem, fazendo com que, neles, os sentidos de reorganização estabeleçam posições concretas, no processo de organização social.

A partir do mito Chico Xavier, entendemos que seus seguidores tentam reproduzir, também, nos lugares sagrados, uma continuação do que foi idealizado. Ao iniciativas de manter os lugares sagrados funcionando, são práticas sociais que resultam em manifestações vividas pelas pessoas, na tentativa de manter o mito produtivamente ativo.

Para conceitualizar-se o lugar sagrado, como porção do espaço, deve-se entendê-lo como sendo uma extensão que possui “valorização das relações de afetividades desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente” (Leite, 1998). “Chico vivia para esse lugar [grupo assistencial]. Esse foi um sonho realizado junto das pessoas que mais o admiravam” (Relato de informante-chave n°. 6).

Prosseguindo nos pensamentos de Leite (1998), percebe-se que “no entanto, essa relação de afetividade que os indivíduos desenvolvem com o lugar só ocorre em virtude de estes só se voltarem para ele, munidos de interesses pré-determinados, ou melhor, dotados de uma intencionalidade”. As pessoas criam laços de afetividade com os locais sagrados, mesmo porque elas passam a desenvolver atividades e relações com outras pessoas, nesse mesmo lugar. Assim, ocorre o estreitamento de relações entre os seguidores de Chico Xavier e os espaços por ele sacralizados. Após a sua morte, percebemos a intervenção de seus seguidores na atuação sócio-cultural, filantrópica e até mesmo político-econômica (passam a desenvolver atividades para arrecadar fundos para as atividades filantrópicas e sociais, desenvolvidas pelo grupo – vendas de lembrancinhas e livros na Livraria Espírita Chico Xavier), para manter o *status* de locais sagrados de Chico Xavier.

A partir dessas considerações, que levantamos para tentar desvendar alguns dos mistérios que giram em torno da figura do mito, apresentaremos os espaços por ele apropriados.

Todos os lugares sagrados por Chico Xavier e depois pelos seguidores, por meio de suas manifestações de devoção, são espaços de organização social de práticas sociais distintas, mas que se referencia num só ideal: a fé em Deus, a caridade e amor ao próximo.

Ele (Chico) sempre dizia: “Amar a todos como a si mesmo”, o mandamento de Jesus. Para ele, praticar a caridade era fundamental, mas tudo estava baseado no Amor. Amar outra pessoa é muito difícil, principalmente amar um inimigo, por exemplo. Mas Chico falava sempre que a prática da caridade e do amor tinha mais valor se realizada pelo sacrifício (Relato de informante-chave n°. 6).

Assim, observa-se que as próprias estruturas desses espaços facilitam às pessoas organizarem-se e difundir suas práticas filantrópicas. Os usos e apropriações por elas desenvolvidas seguem o mesmo patamar das idéias de Chico, permanecem inalteradas em significados, mas diferenciadas em execuções.

### **3.2.1 – Cenários e representações do espaço vivido: Estratégias de manutenção do mito**

Era uma casa comum, de hábitos comuns, mas o homem que nela residia nada tinha de comum. A residência pequena, de cinco cômodos arejados, passou por adaptações de funcionalidade, após a morte de Chico Xavier. O filho adotivo, Eurípides, ainda reside nos cômodos do fundo do atual museu e livraria.

A funcionalidade do lugar mudou, assim como sua paisagem. O objetivo, também modificado, agora tenta permitir a permanência da imagem simbólica do mito. Para os que

cultuam Chico Xavier, ele ainda permanece vivo, nas paredes do museu e, principalmente, em seus objetos pessoais, que permanecem intocados, em sua residência. São relatos constantes dos informantes-chaves do museu e também de alguns visitantes que encontramos nos locais sagrados.

Eu trabalho aqui há muito tempo. “Chico” sempre gostou da casa ‘arrumadinha’, eu procurava fazer as coisas como ele gostava. Agora que a casa se transformou em museu, procuro continuar fazendo tudo como se ele estivesse vivo. Hoje é diferente, porque não arrumo as coisas para ele, mas para as pessoas que vêm visitar a casa que era dele. Seus objetos particulares, seus santinhos, tudo que ficava guardadinho precisa ficar à disposição das pessoas. Eu até fico com medo de pegarem alguma coisa ou, sei lá, estragar as coisinhas dele. Por isso eu sempre procuro estar presente durante as visitas (Relato de informante-chave nº. 8).

O cuidado, a conservação dos objetos, mensagens e memória de Chico Xavier está presente na atmosfera mítica dos espaços apropriados e utilizados por ele, antes e pós-morte. O mito se manifesta, enraíza-se, cria identidades e transmite significados aos elementos presentes nos lugares. As pessoas que conviveram e se identificaram com os ideais de vida de Chico Xavier permanecem manifestando suas adorações e trabalhando em seus projetos assistenciais. Elas vêm cuidando de um patrimônio cultural e memorial da história do Espiritismo brasileiro, embora a abrangência de existência e trabalho de Chico Xavier viesse a atingir escalas internacionais. Essas práticas facilitam, inclusive, a construção de um imaginário social em torno do mito, ou seja, entende-se como construção desse imaginário social em razão de Chico Xavier, uma estrutura solidificada na fé e na esperança de difusão da doutrina espírita, mas não somente isso. O ideal maior nem está enraizado na doutrina do Espiritismo, mas sim na afirmação da figura mitológica de Chico Xavier.



Figura 6 - Foto de um dos quartos do museu, adaptado para receber os visitantes – as estantes de livros, a cama arrumada, objetos pessoais, tudo para exposição. MENEZES, B. A. 2006.

Na foto da Figura 6, podemos identificar o sincretismo de Chico Xavier, bem como “suas obras psicografadas”. A postura dele diante de sua missão de proliferador das palavras do além faria dele um ser único e missionário, entre as pessoas. Os livros, as mensagens ou, simplesmente, as palavras, serviriam como um reduto de harmonia para que as reproduzissem ou mesmo as ouvissem. Era o sinônimo de paz.

Trabalhei com ‘Chico’ muito tempo aqui no Centro e depois no grupo assistencial, as pessoas crêem muito nele porque ele transmite muita paz. Ele procurava vivenciar tudo o que ele recebeu em mensagens, toda tranquilidade e equilíbrio que a doutrina espírita e sua missão permite e necessita (Relato de informante-chave n.º 9).

O Museu Chico Xavier foi criado em 2002, logo após a sua morte, a fim de garantir a representação fiel da vida cotidiana de Chico Xavier. A disposição da casa permanece da

mesma maneira que Chico deixou. Os livros nas prateleiras, as mensagens, a mesa da sala de jantar, o quarto, até mesmo as boinas mais usadas estão exposta no quarto onde Chico Xavier dormia.



Figura 7 - Quarto em que Chico Xavier passou seus últimos dias de vida – “Tudo permanece como ele deixou” – exposição de objetos pessoais. MENEZES, B.A. (2004).

O espaço deixou de ser visitado, com a frequência de antes, após sua morte. O museu e a livraria localizam-se na Rua Dom Pedro I, número 165, no bairro de Vila Raquel, próximo ao Parque das Américas. O horário de funcionamento da livraria e visitas ao museu ocorre de segunda a sexta-feira, das 8 às 11 horas e também das 13 às 17horas e 30 minutos. O

atendimento no local conta com a colaboração da secretária Mônica e do filho adotivo, Eurípedes. Nos dias atuais, não é mais preciso marcar visitas, nem mesmo são encontrados milhares e milhares de pessoas defronte à residência de Chico Xavier. Assim, o telefone<sup>42</sup> de contato toca somente para marcar as remessas de pedido de livros e materiais (Ver Figura 17, pg. 131).

O ambiente da livraria é o de um comércio normal. Tiram-se xérox, vendem-se livros e lembrancinhas de Chico Xavier. O fato de estar intercalada no espaço do museu tanto favorece quanto dificulta seus rendimentos, pois as visitas, embora já muito escassas, ao museu, atrapalham a comercialização dos artigos religiosos da loja. Outro fator que também contribui para comercialização da imagem de Chico Xavier está presente no próprio Centro Espírita da Prece, e seria como uma extensão da livraria, nas instalações do Centro. A mini-livraria fica aberta durante as reuniões do Centro, levando certa comodidade aos seus freqüentadores.

Podemos caracterizar o espaço da livraria como um retrato de organização e disciplina de Chico Xavier. A organização estrutural, o atendimento hospitaleiro são artifícios que as pessoas que trabalham, tanto na livraria quanto no museu, utilizam, para que os visitantes se sintam à vontade e em paz.

Eu sempre venho aqui comprar livros e conversar com o pessoal. E em quase todas as minhas vindas à livraria eu entro lá dentro (na casa /museu) para sentir a presença do 'Chico'. Gosto muito de ler o que ele escreveu e também outros livros sobre espiritismo. Não sou espírita, mas sempre gostei do 'Chico' e também sempre que posso vou às reuniões no Centro. Tomar um passe e ouvi os palestrantes falarem, faz muito bem (Relato de informante-chave n°. 10).

---

<sup>42</sup> O telefone de contato para marcar visitas ou mesmo fazer pedido de livros e informações sobre Chico Xavier é (34)3336-5967, com a secretária Mônica, que trabalha no local desde a época áurea de Chico Xavier.



Figura 8 - Foto da livraria espírita que divide espaço com o museu – Local onde podem ser encontrados diversos artigos religiosos, bem como muitos dos livros psicografados por Chico Xavier. MENEZES, B.A. (2004).

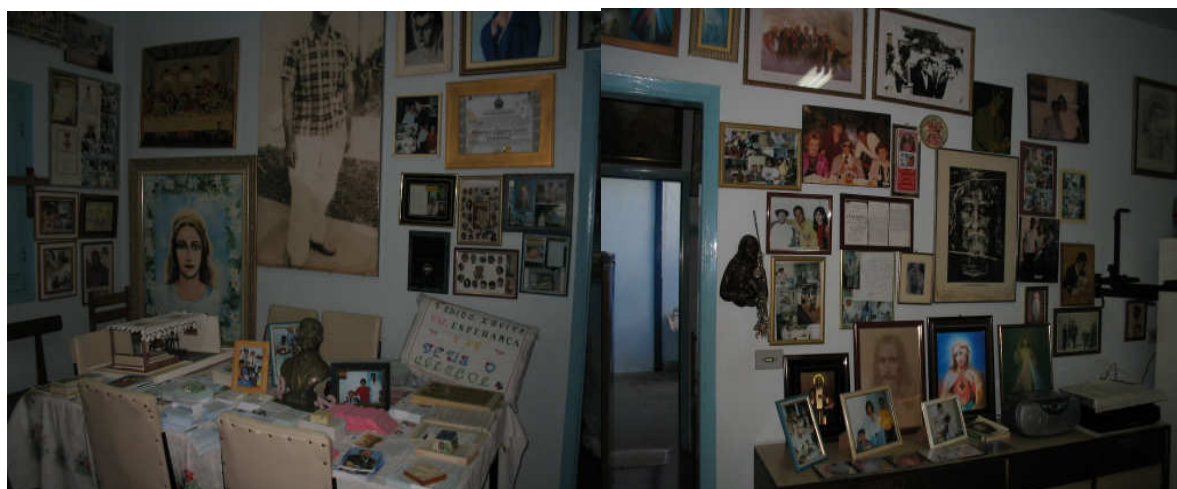
As manifestações de fé são uma tentativa de manter o local como um ponto de visitação. Para os admiradores de Chico, o roteiro de visitação aos cenários inicia-se na livraria e muda sua paisagem a partir do momento em que vamos adentrando ao museu.

O rol de entrada do museu é composto por duas paredes forradas com fotos de Chico Xavier e de pessoas que passaram pela casa, em sua jornada de vida mediúnica, bem como de espíritos mentores de Chico Xavier, como Meimei, Maria Dolores e Emmanuel, entre outros.

Também é possível visualizar, por meio dessas figurações, o pluralismo religioso de Chico Xavier e sua adoração por Maria, a mãe de Jesus, e pelo próprio Cristo. Muitas imagens e desenhos aproximam-se de sua adoração pelas imagens católicas, imagens essas muitas vezes diferentes das atuais visualizadas na igreja convencional cristã, visto que eram as figuras que Chico Xavier julgava ver em seus sonhos, ou até mesmo em suas visitas diárias. A



casa tem figuras de Maria e Jesus misturadas às de Emmanuel, Allan Kardec e do próprio Chico Xavier, por todos os cômodos. A adoração e o respeito às diferenças deixa bem claro o sincretismo mistificado e adaptado do mediador espírita.



Figuras 9 e 10 - Sala e ante sala do museu – exposição de seus pertences, livros e mensagens – Forte referência do sincretismo religioso de Chico Xavier. MENEZES, B.A. (2004).

Dentro das instalações, muitas curiosidades saltam aos olhos e aos sentidos. Embalados por uma música de fundo, que demonstram o tributo de artistas ao nome de Chico Xavier, vamos entrando numa atmosfera cósmica cheia de luz e magia. Segundo os informantes-chaves, Chico Xavier parece nos receber, a cada passo e a cada ambiente.

Escute a música [*música que tocava no momento do diálogo*]. Não é linda? Ele adorava ouvir música. E esse CD era uns dos seus favoritos. Ele colocava para tocar e sentava aqui nessa cadeira e ficava olhando para o nada. Pensando não sei em quê. Em alguns momentos sorria. E falava assim: “Ouça essa música comigo, eu fico aqui sem fazer nada e você trabalhando tanto, descansa. Ouça somente uma música comigo”. Cada momento que entro nessa casa e escuto essas músicas eu sinto sua presença. [*Nesse momento a informante se emociona muito*]. (Relato de informante-chave nº. 8).

As pessoas reproduzem falas do tipo “ele está entre nós, é o guia da casa nos dias de hoje”, ou “eu sinto a presença dele, e ele adora a visita das pessoas”. É uma forma de mostrar que sua missão não foi em vão, tentando demonstrar em todo momento sua fé e esperança na imagem do médium.

As pessoas repetem tais palavras por onde passam e por onde ele também viveu. Visualizar a paisagem dos espaços é mais do que reviver cada pedaço da alegria e da trajetória do mito no espaço. Nas fotos, as imagens estão impregnadas de mistérios, momentos e símbolos do mito, e também do homem comum, de vida simples.



Figura 11 - Rol de entrada do museu Chico Xavier: Fotos de pessoas comuns, artistas, mensagens espíritas, entre outras homenagens ao mito. MENEZES, B. A., (2004).

No espaço do museu, a exposição de livros e utensílios já utilizados por Chico Xavier é feita de maneira estratégica, para que os objetos que compõem os cenários estejam, o tempo todo visíveis. A limpeza da casa, a organização das roupas e pertences deixa clara a idéia de mostrar ao visitante a permanência do mito, do homem e, principalmente, do ideal de vida que ele viveu e pregou, durante os anos de sua missão terrena.



Figuras 12 e 13 - Esboço da caricatura em cobre e estante com prêmios recebidos por Chico Xavier – Museu.. MENEZES, B.A. (2004).

Seus pertences, assim como os instrumentos de ajuda nos seus últimos dias de enfermidade continuam como ele os deixou. Nada foi tirado do lugar, somente se encontram organizados para que os visitantes também vivenciem seus últimos momentos de martírio.

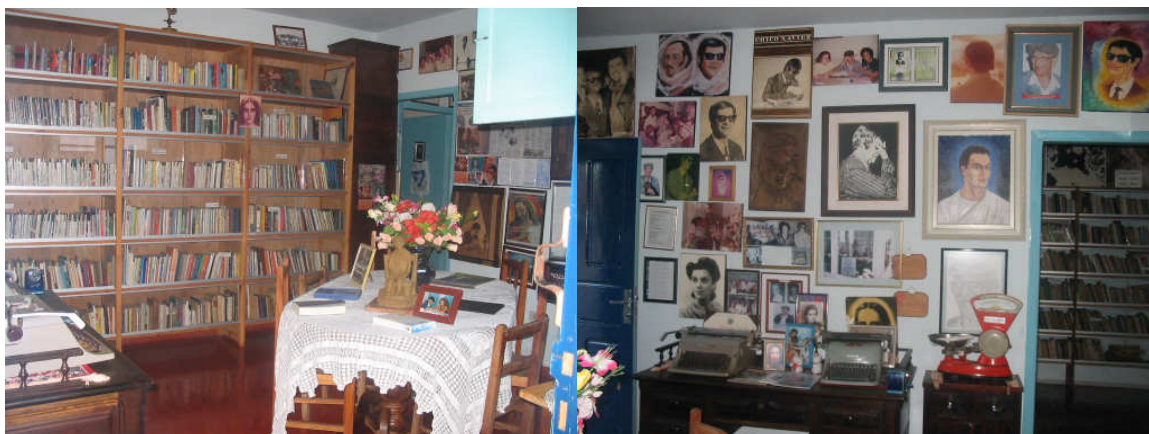
A coleção de boinas no suporte da parede deixa clara a intenção do médium em proteger a cabeça das ações do mau tempo, por exemplo. Uma mesa de canto encontra-se forrada com meias e lenços pessoais. A cama, estendida, para os visitantes possui lá seus significados, para os adeptos representa uma espera. E até mesmo seus calçados e escovas de dente permanecem como ele os deixou. A sensação é a mesma em vários relatos, os cenários nos remetem a presença do médium e serve ao propósito de convencer o seu público de que ele pode voltar.

Eu sempre enrolo as meias do mesmo jeitinho que ele me ensinou um dia. Ele gostava de pegar os pares 'separadinhos' e 'arrumadinhos' em sua gaveta. Sempre foi muito organizado. Suas boinas também eram todas colocadas enfileiradas, para facilitar quando precisava de uma em especial (Relato de informante-chave n°. 8).



Figura 14 - Quarto com as boinas e quadros que caracterizam o sincretismo religioso de Chico Xavier. MENEZES, B.A. (2004).

Na sala e ante-sala do museu, objetos pessoais de uso mediúnico encontram-se em perfeitas condições. As máquinas de datilografia, desde os tempos dos trabalhos, noturnos na Fazenda Modelo em Pedro Leopoldo/MG, até a mais nova, adquirida em Uberaba, permanecem na escrivaninha da sala de estar, onde Chico Xavier datilografava até altas horas da madrugada suas obras, vindas do Além.



Figuras 15 e 16 - Visão das salas por outro ângulo – Representação do sincretismo religioso de Chico Xavier. MENEZES, B.A. (2004).

A casa ainda permanece como ele a deixou para ser o espaço onde as pessoas possam se sentir na sua presença. A estratégia pessoal, dantes voltada para a difusão religiosa do Espiritismo, agora parece estar calcada no marketing que a imagem de Chico Xavier conquistou, durante a sua vida religiosa. A sensação de que seja necessário manter, de qualquer forma a imagem mitológica do médium, exterioriza e pasteuriza os espaços por ele construídos. Os locais de tantas modificações passam a possuir sentidos diferentes dos originais, chegando até mesmo a contradizer os ideais defendidos por Chico Xavier, de que sua imagem era instrumento do Espiritismo e não um marketing pessoal, para se lançar como homem santo.

Figura 17 - Mapa de localização da Livraria e  
Museu Chico Xavier

### 3.2.2 – Grupo Assistencial Chico Xavier – Caridade em favor ao próximo

O Grupo Assistencial Chico Xavier divide agora os espaços de suas instalações com um refeitório, local este criado após a morte de Chico Xavier, e que já parece também possuir luz própria. O local foi arquitetado para receber a comunidade carente que já frequenta o grupo assistencial, buscando assistência clínica e odontológica, bem como para os momentos de orações, que também são desempenhados no local.

O Grupo Assistencial e o Refeitório Chico Xavier estão localizados nas proximidades do Centro Espírita da Prece, na Avenida João XXIII, nº. 2246, no bairro Parque da Américas. O local, segundo os adeptos, está dotado de energias contagiantes, relacionadas aos sentimentos de caridade e amor ao próximo. Os trabalhos acontecem todos os sábados, a partir das 19 horas e 30 minutos. E, nos dias de hoje (2006), não recebe mais um contingente exorbitante de visitantes. Os frequentadores se limitam ao espaço da pequena sala de orações e são sempre os mesmos, fiéis seguidores (Ver Figura 23, pg. 139).

Trabalhar aqui e estar em contato com essas pessoas todos os fins-de-semana fizeram com que minha vida se torne mais alegre. Eu me tornei uma pessoa diferente depois que comecei a trabalhar aqui no grupo assistencial. Ir as reuniões no Centro vem ativar ainda mais a minha vontade de continuar com os trabalhos (Relato de informante-chave nº. 6).

As atividades filantrópicas ocorrem todas as quintas-feiras, quando são oferecidas refeições, também chamadas de “a sopa de caridade”, a pessoas carentes, a partir das 19 horas. E, aos sábados, ocorre a distribuição de alimentos e trabalhos assistenciais após as 14 horas. É importante ressaltar que, no local, durante o expediente diário, estão disponíveis os atendimentos médico e odontológico, para as famílias carentes da comunidade.



Figura 18 - Entrada principal do Grupo Assistencial em setembro de 2005 – Em fase de construção e ampliação. MENEZES, B.A. (2005).

Durante o período de ampliações das instalações do Grupo assistencial Chico Xavier e construção do Refeitório Chico Xavier (concentradas no primeiro semestre de 2005), as atividades filantrópicas, atendimentos clínico-odontológicos e também distribuição de alimentos e utensílios à população carente eram realizados nas primitivas instalações do Grupo assistencial. O local é composto por uma equipe de voluntários, que trabalham em favor do próximo preparando alimentos nos dias dos jantares comunitários, arrecadando fundos para distribuições de cestas básicas, roupas para as campanhas do agasalho, bem como proporcionando atendimentos espirituais e conforto pessoal àqueles que procuram, no Grupo, apoio.





Figura 19 - Pessoas do grupo de assistência e visitantes – em todas as quintas feiras há mutirão de preparação da sopa, e aos sábados há trabalhos de assistência espiritual do grupo. MENEZES, B.A. (2005).

As pessoas voluntárias do Grupo Assistencial Chico Xavier estão sempre preparadas para mais um dia de trabalho, em prol da caridade pregada e vivida pelo mestre. A rotina da equipe da cozinha inclui a preparação de refeições, enquanto o grupo da evangelização vai lendo o Evangelho com os adultos e as crianças aprendem, em outros momentos, quem foi Chico Xavier e qual foi sua missão entre nós. O ritual do local envolve preces, companheirismo, trabalho braçal, espiritual, e muito amor, segundo os voluntários.

Sou voluntária no grupo há um ano, sempre participo das preces com as crianças. Esse trabalho é um presente de Deus. Comecei a prestar esse serviço depois de uma longa conversa com 'Chico'. Fui visitá-lo depois de perder minha filha mais velha em um acidente de carro. Ele falava que a prática da caridade ao próximo e o melhor remédio para a dor da alma, para suprir as perdas. Eu acreditei e me estruturei. Sirvo para doar, aos outros, o amor que dedicaria a minha filha (Relato de informante-chave nº. 11).

Geralmente as pessoas que freqüentam o local são assíduas, há muitos anos, e realmente já aderiram a essa prática de visita e troca, como os voluntários. Segundo o depoimento de um dos voluntários do Grupo Assistencial, as pessoas, muitas vezes, tão ignorantes de suas posições, não entendem muito bem os ensinamentos que Chico Xavier passava e o trabalho que eles continuam a realizar. A necessidade de ajudar o próximo e vivenciar as obras deixadas pelo líder espírita de Uberaba faz com que o número de adeptos voluntários nas atividades filantrópicas do Grupo Assistencial e Refeitório de Chico Xavier o número cresça e prospere em seus trabalhos. Os voluntários relatam que o trabalho assistencial serve como um reforma interior e uma transformação religiosa bastante significativa, pois trata-se das manifestações contidas, não só nos ensinamentos de Chico Xavier, mas na vivência santificada de Jesus, que deixou para todos o ideal de viver e praticar a caridade. “A cada trabalho eu esqueço a minha perda e transfiro às pessoas que vêm aqui o amor que tinha pela minha filha” (Relato de informante-chave nº. 11).



Figura 20 - Equipe trabalhando no preparo da sopa da caridade – Vista da cozinha do Refeitório, nova extensão do Grupo Assistencial Chico Xavier. MENEZES, B.A. (2005).

Pode-se dizer que o trabalho de Chico é reconhecido por essa população carente que visita o Grupo Assistencial e o refeitório Chico Xavier aos finais de semana, para ouvir as proclamações do Evangelho e conhecer um pouco mais do espírito de luz que permanece no lugar.

Eu venho com meus filhos aqui todo sábado, ‘a gente’ não tem muita coisa em casa ‘pra’ comer. Antes sempre ficava eu e meus filhos na rua, pedindo, agora sempre ganhamos mantimentos, não ficamos mais por aí pedindo. Eu conheci o ‘Chico’ e ele era bom, ficava sempre perto da gente, acho que ele ainda olha por ‘nois’ aqui. Eu rezo por ele (Relato de pessoas que recebe ajuda no grupo assistencial).

Mesmo sem ter conhecido ‘Chico’, algumas dessas pessoas que visitam a ação filantrópica parecem reproduzir ou mesmo sentir a presença do médium. Não se pode julgar a